

JOÃO AUGUSTO MOLIANI

## **AUTORIA E ESTILO NA IMPRENSA ESCRITA: O CASO DO MANÍACO DO PARQUE**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Lingüística, Curso de Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Iara Bemquerer  
Costa

CURITIBA

2001



Este trabalho é dedicado a minha esposa, Candice Fernandes Weiss, a meu pai e minha mãe, João e Cirlene, e a meus irmãos Carlos Alberto, Anamélia e Ana Paula, pois há uma parte deles em cada linha que escrevi.

Faz-se necessário prestar homenagens a algumas pessoas pela participação que tiveram na realização deste estudo. Em especial, agradeço a Iara Bemquerer Costa, por servir-me como orientadora e exemplo, a Sebastião Santarrosa, interlocutor e incentivador, a Odair Rodrigues e Glaci Schluga, pela compreensão e apoio.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	v
<b>ABSTRACT</b> .....	vi
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	I
<b>1 APRESENTAÇÃO DO CASO</b> .....	10
<b>2 A PRODUÇÃO DA NOTÍCIA</b> .....	14
2.1 A EDITORIA POLICIAL .....	19
<b>3 O MITO</b> .....	23
3.1 A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM MÍTICA .....	27
3.2 COMO NASCE UM MITO DO CRIME .....	29
<b>4 A AUTORIA DOS TEXTOS JORNALÍSTICOS</b> .....	32
<b>5 O ENUNCIADO E O LEITOR DO JORNAL</b> .....	48
5.1 O QUERER-DIZER NO JORNAL .....	53
5.1.1 Assumindo a Voz do Outro .....	56
5.1.2 O conhecimento compartilhado .....	57
5.1.3 A ordenação dos dados .....	58
5.1.4 A estrutura frasal .....	59
5.1.5 A escolha do ângulo .....	61
5.2 A NARRATIVA SEQUENCIADA OU SUÍTE .....	62
<b>6. ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	67
6.1 FORMA E CONTEÚDO .....	67
6.2 INÍCIO DA COBERTURA .....	69
6.2.1 A prisão .....	80
6.3 A FOLHA DE SÃO PAULO E O MANÍACO DO PARQUE .....	82
6.3.1 A ambigüidade do caráter .....	82
6.3.2 A confissão .....	86
6.3.3 A importância do criminoso .....	90
6.3.4 As vítimas .....	93
6.3.5 A polícia .....	99
6.4 O ESTADO DE SÃO PAULO E O MANÍACO DO PARQUE .....	100
6.4.1 O foco inverso na cobertura .....	100
6.4.2 A insanidade .....	106
6.4.3 As vítimas .....	114
6.4.3.1 Categorias sociais e econômicas .....	116
6.4.3.2 Vaidade e inocência .....	117
6.4.3.3 Crime, política e parcialidade .....	121
6.4.3.4 Mais do mesmo .....	124
6.4.4 A polícia .....	125
6.5 O NOTÍCIAS POPULARES E O MANÍACO DO PARQUE .....	128
6.6 A REVISTA VEJA E O MANÍACO DO PARQUE .....	137
6.6.1 As vítimas .....	147
<b>7. CONCLUSÃO</b> .....	152
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	156
<b>ANEXOS</b> .....	158
<b>MANCHETES DA FOLHA DE SÃO PAULO</b> .....	159
<b>MANCHETES DO ESTADO DE SÃO PAULO</b> .....	169

## **RESUMO**

A realidade é construída cotidianamente através dos contatos que realizamos com outras pessoas, parentes, amigos e colegas, e, em um nível mais amplo, também pela relação que mantemos com os meios de comunicação. Nesse processo de construção de mundo pela interação e interferência desses dois círculos, um dos principais meios formadores de nossa realidade é o jornalismo impresso.

Esta pesquisa procura apresentar uma discussão sobre as estratégias textuais utilizadas por esse meio na repercussão de suas notícias, principalmente quando abordam assuntos relacionados aos mais primitivos instintos do ser humano. Estamos nos propondo a debater a possibilidade dos jornais estarem criando figuras mitológicas no mundo do crime pela forma como elaboram o texto de suas páginas policiais.

Alguns indícios que observamos na imprensa nos levaram a direcionar a análise para as questões de estilo e, conseqüentemente, a aspectos relacionados à autoria do texto jornalístico. Além dos aspectos lingüísticos, também abordamos elementos relacionados ao jornalismo que consideramos fundamentais para uma melhor compreensão da dissertação.

Para realizarmos esse trabalho selecionamos o caso mais recente e de maior repercussão da criminologia nacional que foi o do maníaco do parque, acontecido em 1998. O réu confesso Francisco de Assis Pereira, que era motoboy, atraía as mulheres para dentro das matas do Parque do Estado, em São Paulo, as estuprava e matava.

### **Palavras-chaves**

Estilo, autoria, maníaco, crime, jornalismo, lingüística textual, análise do discurso

## **ABSTRACT**

The reality is daily constructed through the contact that we have with other people (relatives, friends or co-workers) and, in a larger level, also by the relation that we have with the mass communication media. In such process of construction of the world, by the interaction and interference of those two circles, one of the principal media that shapes our reality is the newspaper.

This research begins a debate about the textual strategies used by the medium in order to rebound its printed matter, mainly when it approaches to subjects that affect the most primitive instincts of the human being. We are proposing to discuss the possibility of the newspapers create mythological figures in the crime world by the means that they elaborate the text in the criminal pages.

Clues found in press observation have caused this analysis to be concerned about style and authorial questions involved in journalistic textual production. Besides the linguistic aspects involved, we have also discussed aspects related to journalistic activity which we consider fundamental to a proper comprehension of this work.

To attend to this concern we have selected as object the case of Park's maniac (1998), the most recent and full of repercussions in national criminal studies. Francisco de Assis Pereira, defendant that has confessed his crime, used to attract women into the State Park, in São Paulo, then to rape and kill them.

### **Keywords**

Style, author, maniac, crime, journalism, textual linguistic, discourse analysis

# INTRODUÇÃO

Esta dissertação aborda a cobertura do caso do maníaco do parque na imprensa escrita de São Paulo, com veiculação de notícias diárias de 08 de julho a 25 de agosto de 1998 e espaçadas até o início do ano seguinte, propondo uma discussão sobre o papel do jornal na elaboração do texto jornalístico e sobre a influência do estilo noticioso na mitificação de personagens do mundo do crime. Pretendemos evidenciar ainda o importante papel que a imprensa tem em nosso cotidiano e a necessidade de voltarmos cada vez mais os holofotes da lingüística e da análise do discurso sobre esse valioso objeto de estudo.

As notícias veiculadas pelos meios de comunicação jornalísticos – impressos ou eletrônicos – ocupam papel preponderante na formação da consciência de mundo dos cidadãos. É através dos noticiários e da repercussão das informações neles veiculadas, que os fatos ocorridos nos mais diversos lugares tornam-se significativos à grande parte da população, contribuindo para a interpretação daquilo que nos cerca. Conforme afirmou Octávio de la Suarée, citado por BELTRÃO (1960:101): “a imprensa não somente se lê como se comenta; o jornalístico não apenas reforma nossos costumes, mas também os conforma”.

Essencialmente, essa profissão está embasada na relação – e por que não dizer na percepção – que o jornalista tem com a sociedade, da qual recebe inspiração e sobre a qual influi, fazendo com que as idéias e pensamentos circulem e se desenvolvam, formando ou fundamentando correntes de opinião sobre alguns acontecimentos eleitos. As notícias publicadas em meios impressos ou transmitidas por meios eletrônicos têm função (re)criadora, pois o jornalista reconta os fatos do mundo, com o objetivo de *interpretar la realidad social para que la gente pueda entenderla, adaptarse a ella y modificarla*, diz GOMIS<sup>1</sup> (1991:35).

---

<sup>1</sup> Lorenzo Gomis, que é utilizado como uma das principais referências sobre teoria da comunicação neste trabalho, é catedrático de Jornalismo da Universidade Autônoma de Barcelona e autor dos livros *El medio media*

A interpretação da realidade social é realizada diariamente por profissionais preparados – de acordo com os critérios de cada veículo – para determinar o que é ou não noticiável<sup>2</sup>. Esses “gatekeepers<sup>3</sup>” funcionam como refletores, jogando luz sobre os acontecimentos que consideram importantes, mas também como refratores, uma vez que eliminam ou minimizam a repercussão de outros acontecimentos não considerados noticiáveis. Como afirmou BELTRÃO (1960, p. 78)

“Diante do fato ocorrido, o jornalista terá que examinar a sua importância e o caráter, o interesse que despertará, as repercussões de sua divulgação e se informar sobre ele. O simples fato de destacá-lo e publicá-lo expressa o resultado de uma interpretação, que consiste no ato de submeter os dados recolhidos a uma seleção crítica, transmitindo ao público, apenas, os que são realmente significativos”.

Mas, essa é apenas uma das seleções pelo qual passa a notícia antes de ser veiculada. Vale dizer que o relato que chega ao público não deixa de ser, a priori, uma visão dos acontecimentos, isto é, a narrativa de uma pessoa – o jornalista - baseada em sua experiência ou na descrição de outras pessoas que testemunharam os fatos. Essas sensações e impressões consideradas no momento de produção jornalística são pessoais e têm uma significação própria para o indivíduo envolvido, diferentemente do que ocorre àquele que a recebe impressa ou através dos meios eletrônicos em casa.

Com base nisso, podemos afirmar que os meios de comunicação não apenas transmitem notícias, mas preparam, elaboram e apresentam sua versão de realidade construída a partir do texto jornalístico.

---

*(la función política de la prensa) (1974, 1987) e Teoria dels gèneres periodístics (1989), além do Teoria del periodismo (1991), no qual nos embasamos. Gomis também é coordenador editorial do diário La Vanguardia, de Barcelona.*

<sup>2</sup> Vários são autores consideram que devem existir elementos para uma seleção mais criteriosa do que é ou não publicável nas páginas dos jornais. Os critérios mais difundidos são: atualidade; veracidade; oportunidade; interesse humano; raridade; curiosidade; importância e conseqüências para a comunidade / público leitor.

<sup>3</sup> Gatekeeper é uma expressão inglesa muito utilizada no jargão jornalístico e que quer dizer guardião dos valores morais e sociais.

O que os meios de comunicação fazem ao veicular uma notícia é tentar transformá-la em um fato verdadeiro, isto é, oferecer um acontecimento pronto e acabado ao público. O uso em qualquer um dos casos de depoimentos de terceiros contribui para que determinadas informações escolhidas para divulgação ao público – e que passam a ser repercutidas na sociedade – adquiram esse status de verdade<sup>4</sup>.

Além disso, o fato de grande parte das notícias ser veiculada nos diversos meios – jornal, revista, televisão, rádio e internet – quase que simultaneamente, serve também como um atestado comprobatório do acontecimento de determinada notícia.

“No que se refere ao fato de dizer a verdade, sem querer entrar em sutilezas filosóficas, diremos que o senso comum reconhece um enunciado como verdadeiro quando, à luz de outros métodos de controle ou de enunciados provindos de fontes alternativas confiáveis, verifica-se que ele corresponde a um acontecimento efetivo<sup>5</sup>” (ECO, 1984:183)

Então, ao reconhecer as notícias como verdadeiras, o cidadão as incorpora e as adota nas suas relações cotidianas, e ela passa a interferir em seus círculos de relacionamento. Pode-se dizer que a repercussão é elo fundamental da cadeia que permite ao jornalismo intervir no cotidiano da sociedade ou de determinado grupo.

Isso não quer dizer que o leitor/telespectador absorva isso como se fosse uma esponja. Ele tem o poder de decisão sobre o papel que a imprensa tem na construção de seu mundo. A escolha do veículo que mais lhe pareça confiável ou adequado a seus interesses é o primeiro passo. Depois, as próprias notícias passam por um processo de interpretação e seleção.

Em um estudo sobre linguagem, ideologia e a imprensa na Catalunha, realizado por LAITIN e GOMEZ (1992), da Universidade de Chicago, o material empírico escolhido foi o

---

<sup>4</sup> Não podemos esquecer do prestígio social dos jornalistas, da percepção sobre o papel do jornal e também da repercussão noticiosa que ocorre fora dos veículos de comunicação como outros fatores que colaboram para que o noticiário tenha esse status de verdade.

conteúdo dos jornais La Vanguardia (publicado em catalão) e El País (publicado em espanhol), que defendem a Espanha como um Estado único, e o Diari de Barcelona e Avui, ambos impressos na língua catalã e defensores de que os catalães não devem compor o mesmo Estado que a Espanha.

Os autores concluíram que o jornal rotula o leitor: ler Avui ou o Diari de Barcelona serviria para afirmar o “nacionalismo catalão” do leitor, enquanto a leitura dos outros veículos serviria para demonstrar a defesa de uma Espanha unida. O posicionamento dos leitores tem grande implicação pela maneira como a notícia é e será representada às comunidades envolvidas no noticiário.

Há também um outro processo de relacionamento entre a imprensa e o público, que complementa aquisição da publicação ou da mudança do canal. Ao tentar um contato com os meios, seja através de cartas, artigos ou telefonemas, busca manifestar a sua opinião a respeito do que é veiculado. Essas manifestações são analisadas pela empresa que pode, também, realizar pesquisas de opinião para orientar, não apenas a representação da notícia – que está atrelada à linha editorial do veículo – mas a sua própria veiculação ou não.

Como afirma GOMIS (1991:114), *las preferencias de cada uno tienen a estimular la acción y despertar el interés por las noticias. Las opiniones expresadas en la conversación sirven de pauta a la producción de hechos por los interesados en estar presentes en los medios y captar las preferencias del público.*

Passamos a estabelecer, então, uma relação mais intensa entre a narrativa jornalística, a representação do fato, suas personagens e ações, o conhecimento de mundo, a vida e os interesses do leitor. Aproveitam-se os jornalistas de conceitos e significações arraigadas nos leitores e, com isso, buscam provocar a repercussão de suas notícias junto ao público. PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA (1996: 194) afirmaram que “ao usarmos determinada expressão, podemos optar por designá-la com o nome pelo qual ela é

tradicionalmente conhecida. Isso possibilitará um entendimento mais fácil com o leitor e remeterá a uma estrutura que já chamou a atenção no passado”. Tal definição pode ser estendida aos conceitos expressados pelos meios, e que facilitam determinada interpretação para aqueles que comungam do mesmo universo semiótico do veículo de comunicação.

Podemos, então, considerar a existência de dois círculos de relacionamento: um, ao qual vamos chamar de Círculo Primário (CP), mais restrito e que permite a interação de forma direta com seus personagens; outro, que seria o Círculo Secundário (CS), mais abrangente e no qual não há uma interação mais próxima. O primeiro círculo é formado por nossos familiares, amigos e colegas de escola ou do trabalho, que nos transmitem noções básicas para a convivência social e para a interpretação da realidade. Informam-nos a respeito dos fatos e dos acontecimentos cotidianos que nos afetam diretamente ou aos quais estamos relacionados por laços de sangue ou afetividade.

*No hay que olvidar tampoco que tradicionalmente ha existido, y sigue existiendo aún, un primer círculo de referencias: la imagen que podríamos llamar vecinal de la realidad. Durante siglos, en las tribus, en las aldeas, en los barrios de las ciudades, la conversación de los vecinos há tejido un mundo diario de referencias cambiantes, de novedades comentables, en el que se formaban las noticias de la sociedad inmediata y reducida en que cada cual vivía (GOMIS, 1991, p.15)*

Há também um outro nível de relações, ao qual chamaremos de Círculo Secundário (CS), por mantermos um relativo distanciamento a respeito das pessoas que ele nos apresenta. Nesse círculo é que inserimos o relacionamento com a imprensa que, por ser muito mais amplo - possibilitar o estabelecimento das ligações com o mundo - permite a percepção mais global a respeito dos fatos que extrapolam o círculo primário.

É possível exemplificar essa influência como o relacionamento de algum político que ocupe cargo legislativo, que poderia ser um vereador de certa câmara municipal, que tem vários legisladores sob suspeita de cometerem atos ilícitos. O primeiro círculo de

relacionamento desse político é influenciado diretamente pela repercussão do caso nos meios de comunicação: seus amigos passam a questioná-lo e, dependendo do tamanho do escândalo, afastam-se; seus filhos são cobrados na escola; sua esposa também o é pelas amigas, colegas de trabalho etc; suas atitudes, quando divulgadas, suscitam ações não concebidas antes da participação da imprensa no caso.

*La interpretación periodística permite descifrar y comprender por medio del lenguaje la realidad de las cosas que han sucedido en el mundo y se completa con el esfuerzo, también interpretativo, de hacerse cargo de la significación y alcance que los hechos captados y escogidos para su difusión puedan tener. De ahí se deriva la invitación implícita a que la gente les dá respuesta. El comentario de los hechos producidos llega incluso a tratar de descifrar e interpretar el futuro, especialmente el futuro deseable, para indicar cómo podría alcanzarse (GOMIS, 1991:36).*

Neste momento, a atividade jornalística torna-se eminentemente dialógica: um espaço no qual se contemplam as mais diversas vozes e ideologias e onde se representam os fatos do mundo. O que não quer dizer que essas vozes e ideologias tenham a mesma representatividade, o mesmo destaque ou que recebam o mesmo tratamento por parte da imprensa.

Entretanto, considerando que o texto deve ser encarado como produto de uma interação social, para a análise do material de imprensa, não podemos considerar apenas as estratégias de produção textual e todas as suas regras oficiais oriundas das gramáticas e dos manuais de redação. É preciso avaliar também os possíveis resultados – intencionais ou não – provocados por esses textos. Segundo POSSENTI, (1988:105).

“Não se trata, como diria Foucault, pelo menos em casos desse tipo, de interrogar nem a consciência, nem o inconsciente da coisa dita (1968:25). O que importa, por isso, é que o enunciado poderia ser diferente, mas é assim. Se é assim, deve-se buscar seu efeito, comparando-o com o efeito que produziria se fosse diferente (...)”.

Ao analisarmos a produção jornalística na busca de seus possíveis efeitos de sentido, partimos do tratamento que o veículo deu ao fato, de sua abordagem e do tema tratado. Foi

desta maneira que busquei realizar a análise do noticiário a respeito do serial killer conhecido como Maníaco do Parque e que foi publicado na imprensa paulista em 1998.

Na cobertura do Caso do Maníaco<sup>6</sup>, a forma de tratamento dado às vítimas pautou-se muito mais na necessidade de repercussão do que na tentativa de transmissão fidedigna dos acontecimentos. As mulheres atacadas covardemente foram caracterizadas, no aspecto psicológico, como vaidosas, volúveis e/ou inocentes pela imprensa e, no aspecto sócio-econômico, como pessoas de baixa renda e com subempregos ou desempregadas. Entretanto, a ênfase foi dada às características psicológicas das vítimas e não à sua condição social.

Não foi relevante para os jornais o fato de que, juntamente com a proposta de posar como modelos para fotografias de um catálogo publicitário, essas mulheres recebiam oferta de pagamento pelo trabalho a ser realizado. Outro fator deixado em segundo plano é que quase a totalidade das vítimas estava subempregada ou desempregada na época e que os valores monetários prometidos eram bastante significativos para essas pessoas. O foco era colocado na “conquista” das vítimas pelo criminoso, como pode ser observado no relato d’O Estado de São Paulo (11/07/98), sobre a abordagem do motoboy à vendedora de cosméticos E. C. S., de 22 anos. A notícia reforça a postura da imprensa no caso que era de mostrar a vulnerabilidade emocional das vítimas e o senso de oportunidade do criminoso.

“[...] Boa conversa, o rapaz elogiou-a, dizendo que procurava uma mulher como ela, loira e bonita, para uma seqüência de fotos e filmagens. Alegou que trabalhava na caça de talentos e ela seria indicada para desfiles [...]”.

O Estadão publicou também que a secretária de uma indústria de produtos plásticos, A., de 24 anos, foi abordada pelo homem correspondente à descrição das vítimas, que “fez

---

<sup>6</sup> O caso do Maníaco do Parque foi manchete nos principais veículos de comunicação do país em julho e agosto de 1998. O motoboy Francisco de Assis Pereira era acusado de ter estuprado e matado nove mulheres e ficou foragido várias semanas.

elogios a ela e disse que as chances de ela tornar-se modelo fotográfico para a campanha de uma empresa de cosméticos eram grandes”.

O jornal informou ainda que “a história da secretária é igual à das demais mulheres que procuraram a polícia”. E, mesmo quando a argumentação contrária vem do pai de uma das vítimas em entrevista a uma emissora de TV e transcrita pelo O Estado de São Paulo (“- Repórter: Sua filha gostava de ser modelo? - Cláudio Fraenkel: Eu acho essa revelação do Francisco totalmente absurda [...]. Ela não tinha essa necessidade”), o veículo não demonstra intenção de mudar o enfoque da cobertura jornalística.

Para reafirmar a relação entre os crimes e o “sonho de ser modelo” das vítimas, foram publicadas matérias especiais em todos os veículos sobre os riscos que a profissão de modelo envolve. Essa versão passou do Círculo Secundário, isto é, saiu da imprensa e ganhou repercussão na sociedade, sedimentando a versão apresentada pelos meios de comunicação.

Apesar das evidências e mesmo com declarações contraditórias ao enfoque oficial de moças que sobreviveram aos ataques, não houve qualquer modificação no ângulo da cobertura. Uma das sobreviventes, Sandra Aparecida de Oliveira, afirmou que “a promessa para a sessão de fotos seria de R\$ 700,00 [...] (10/08/98 )” e E. disse que “a história me deixou empolgada, pois eu receberia um cachê de R\$ 300,00 [...]”(13/08/98).

Da mesma forma se portou a Folha de São Paulo. A vaidade foi mantida como uma das principais características dos crimes em toda a cobertura e reforçada a cada retrospectiva ou cronologia do caso. Essa escolha de foco da cobertura possibilitou que vários fatos fossem “romanceados” e que algumas comparações com outros criminosos glamourosos, como Lúcio Flávio ou O Bandido da Luz Vermelha, fossem realizadas.

Após três anos da veiculação das notícias, em consulta informal aos alunos do Curso de Jornalismo de uma Universidade de Curitiba, a lembrança mais comum que eles tinham do caso é que as vítimas foram co-responsáveis pelos crimes, pois estavam

interessadas apenas no sucesso e em ser modelo e não cuidaram de sua segurança como deviam. Isso se deu porque um outro lado dos fatos, menos sensacionalista, foi relegado a segundo plano pelos jornais e revistas da época.

Se os jornalistas observassem mais atentamente a profissão das moças e alguns detalhes de seus comportamentos, perceberiam que a atitude dessas mulheres estava mais relacionada com baixos salários, subemprego e desemprego, ou seja, problemas sociais, que à busca da fama. A questão que se coloca, então, é que teríamos uma notícia mais próxima do cotidiano, menos glamourosa e mais distante do sensacional.

Ao enfatizar a relação entre a vaidade e os crimes, os veículos de comunicação trabalharam com a forma mais atrativa e compreensível ao leitor, apoiando-se, inclusive, em uma visão estereotipada e preconceituosa das mulheres. O Jornalismo, para vender mais ou não perder espaço para a concorrência, se aproveitou de conceitos e significações arraigadas em seu público e ofereceu uma imagem distorcida do caso para a sociedade.

Na realização de uma cobertura com a envergadura que teve a do Maníaco do Parque ou mesmo na busca cotidiana de matérias, dada a influência que o relacionamento com a mídia tem nos círculos pessoais e às repercussões das notícias em meios de comunicação de massa, o jornalista deve observar melhor quais são as questões que subjazem aos acontecimentos e que estariam mais próximas da real dimensão dos fatos. Caso a preocupação esteja em produzir a repercussão ao invés de noticiar o ocorrido, a ênfase não estará mais no jornalismo, mas no chamado "showrnalismo", como afirma o jornalista José Arbex Jr..

# 1 APRESENTAÇÃO DO CASO

A primeira notícia sobre os crimes ocorridos no Parque do Estado de São Paulo e que culminaram por se transformar no "caso do maníaco do parque" foi publicada pelos jornais em 08 de julho de 1998. A Folha de S. Paulo noticiou em sobretítulo e título do caderno Cotidiano: "Investigadores do caso suspeitam de que quatro mulheres foram vítimas de crime sexual – Polícia acha 4 corpos em parque de SP". O Estado de S. Paulo publicou em título e subtítulo do caderno Cidades: "Morte de 4 mulheres é mistério para polícia – Os corpos de duas foram encontrados no fim de semana e os das outras duas na noite de anteontem, em local de difícil acesso, no Parque do Estado, zona sul da capital. Policiais acreditam na existência de um só assassino". O **Notícias Populares** também destacou o caso em suas páginas, com título e subtítulo: "Maníaco barbariza 4 mulheres no Parque do Estado – cadáveres das moças estavam sem roupa".

As primeiras manchetes demonstram a forte presença de mistério, violência e sexo, que acompanhariam toda a cobertura do caso do maníaco do parque. Tais ingredientes, de atração rápida e fácil compreensão, contribuíram para tornar esse o caso criminal mais famoso dos últimos anos na imprensa. Foram 49 dias de veiculação ininterrupta nos jornais de maior prestígio de São Paulo e em várias edições da principal revista semanal de informação do Brasil, recebendo a matéria de capa quando o suspeito confessou os crimes.

Os jornais iniciaram a cobertura com o anúncio dos corpos encontrados em um parque da cidade de São Paulo, localizado na divisa com a cidade de Diadema. Inicialmente buscou-se destacar a conotação sexual dos crimes, enfatizando repetidamente, durante vários dias, inclusive nas cronologias do caso, o estado em que foram encontrados os corpos: "Todas as vítimas foram encontradas despidas. Três delas estavam só com a calcinha e uma outra só com os sapatos" (FSP, 08/07/98); "Três das vítimas vestiam somente calcinha. A quarta

estava nua e calçava sapatos pretos” (OESP, 08/07/98); “Elas estavam nuas e, segundo a polícia, teriam sido barbarizadas 15 dias atrás” (NP, 08/07/98).

Após a ênfase no aspecto sexual, o caso passou a ter características de mistério, pois não se sabia quem havia assassinado as moças e nem o motivo. Começaram a levantar suspeitas sobre a existência de um maniaco sexual que atuaria nas matas do Parque do Estado. Começam a aparecer vítimas que sobreviveram ao ataque do assassino e contam histórias sobre terem sido convidadas para servir de modelo a um catálogo de cosméticos por um “jovem legal e atraente”. Entretanto, esse rapaz se transforma quando entra com as mulheres na mata e passa a agredi-las e estuprá-las enquanto afirma que faz isso devido a uma desilusão amorosa. São colocados nas reportagens todos os elementos de um filme policial.

A polícia, após 10 dias do início das investigações, apresenta um suspeito, que fugiu do local onde trabalhava. Sem acesso ao provável criminoso, a imprensa passa a construir a imagem do maniaco, tendo por base as informações fornecidas pela polícia. De acordo com os jornais, o assassino seria alguém desequilibrado como um psicopata: “Após entrar numa trilha, ele a agarrou pelo braço. Amarrou, abusou sexualmente da vítima, ameaçou matá-la e foi embora” (FSP, 14/07/98).

Paralelamente vão sendo reveladas as estratégias de abordagem adotadas pelo maniaco e a vulnerabilidade das vítimas, sempre sendo enfatizada a vaidade como componente da trama, uma vez que elas foram seduzidas pela proposta de serem modelos, como pode ser constatado no relato de uma das vítimas, citado pelo jornal O Estado de São Paulo (11/07/98): “[...] Boa conversa, o rapaz elogiou-a, dizendo que procurava uma mulher como ela, loira e bonita, para uma seqüência de fotos e filmagens. Alegou que trabalhava na caça de talentos e ela seria indicada para desfiles [...]”. Na continuação dessa notícia observa-se que ele a convenceu a acompanhá-lo até o interior da mata. São agregados novos

componentes ao caso e as mulheres passam a figurar como estimuladoras da ação do maníaco, seja por ignorância ou por vaidade.

Quando aparece o suspeito, o motoboy Francisco de Assis Pereira, inicia-se o processo de construção da sua imagem paralelamente à constituição do conceito sobre o maníaco. Enquanto aquele recebia elogios dos pais, irmãos, amigos e colegas de trabalho, este era considerado frio e sanguinário. Isso provoca uma dissociação entre a imagem de Francisco de Assis Pereira e a do maníaco do parque, criando uma ambigüidade que constatamos estar presente em vários criminosos que foram transformados em figuras mitológicas.

Após a prisão do motoboy essa ambigüidade continua a ser mantida, pois o assassino sustenta a versão de que agia dominado por uma força superior, tal qual a história clássica do Dr. Jekyll e Mr. Hide. Também os comparativos com criminosos famosos elevam o status do maníaco do parque, além de toda projeção alcançada na mídia.

O caso passa a perder interesse após a confissão dos crimes e as reconstituições feitas no Parque do Estado, bem como a finalização dos processos de reconhecimento das vítimas. Ainda há um último momento em que ocorre o julgamento, mas as notícias ficam cada vez mais raras. Entretanto, como esse foi um dos principais casos do jornalismo nacional, qualquer evento que ocorra no presídio em que Francisco de Assis Pereira está enclausurado (Casa de Custódia de Taubaté), como aconteceu com a rebelião comandada pelo Primeiro Comando da Capital (PCC), no feriado da Páscoa ou que se refira a estupros/assassinatos seriais, tal qual o ocorrido em Belo Horizonte, em que um homem estuprava mulheres na região próxima da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), toda a história dos crimes no Parque do Estado é repetida tornando o maníaco uma referência no mundo do crime.

Para que o leitor tenha uma idéia mais completa de como foi a cobertura da imprensa nesse caso, preparamos alguns textos dos jornais e revistas analisados e os colocamos em anexo, permitindo uma revisão mais completa do que ocorreu na imprensa nos meses de julho

e agosto de 1998, com relação ao caso do maníaco do parque. Procuramos priorizar notícias complementares dos dois principais veículos – Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo – e algumas delas semelhantes – do mesmo dia e assunto – para que possamos apresentar uma análise comparativa entre a abordagem dos dois veículos. Além deles foram colocadas as principais matérias do Notícias Populares e as reportagens da revista Veja.

## 2 A PRODUÇÃO DA NOTÍCIA

Após apresentarmos o jornal como um dos principais responsáveis pela formação de nossa visão de mundo, condicionada parcialmente pela versão que nos chega a respeito dos acontecimentos em nossa sociedade e no planeta, é importante também colocar em discussão o sistema de produção jornalístico. Como é que esse processo produtivo influencia o resultado final, que é a notícia nas páginas dos jornais, e possibilita a geração de determinado efeito de sentido?

A notícia nunca é uma obra única, isto é, de produção exclusiva de uma só pessoa. Normalmente quem recebe o *fato candidato a virar notícia* é o jornalista responsável pela produção da pauta do dia, que pode ser alguém especialmente designado para essa função, como é o caso do pauteiro ou pode ser o editor, após verificar a relevância dos dados, encaminha a sugestão de cobertura ao editor. A pauta recebe, então, algumas perguntas que devem ser respondidas para que a notícia seja a mais completa possível. Então, é repassada ao repórter, que busca os dados e escreve o texto. Esse processo é necessário devido ao grande número de notícias que o jornalista deve cobrir ao longo do dia - de 3 a 6 - e serve para facilitar o sistema industrial de produção noticiosa.

Após a finalização do texto pelo repórter, a matéria é passada ao editor responsável, que corta ou acrescenta informações, substitui palavras, frases e opiniões com o objetivo de tornar a matéria mais atrativa, adequá-la ao espaço previsto e, muitas vezes, à linha editorial do veículo. Muitas outras vezes, o texto do repórter ainda passa pelo revisor e pelo editor-chefe antes de chegar às páginas do jornal.

*Para tanto la identificación del sujeto – en una acción suelen intervenir varios y el conocimiento que el informador tiene de ellos puede ser muy relativo – como lo que se predica, el verbo que se emplea y los complementos que le acompañan son algo sujeto a duda, tanteo, corrección. Puede el redactor jefe tachar lo que el redactor ha escrito y*

*sustituir unas palabras por otras, una apreciación por otra más o menos distinta. O el redactor puede interpretar una primera versión de un corresponsal modificando el orden, cambiando las palabras o complementando los datos con otros. La noticia, como toda información, es una interpretación.* (GOMIS, 1991, p.102)

Juntamente com a estrutura de produção – e de política editorial - é importante lembrar que a repercussão de uma notícia também é motivo suficiente para ela permanecer nas páginas dos jornais. Concentra-se nesse ponto uma das grandes discussões no meio jornalístico: a adequação da produção da notícia ao interesse, não da informação, mas da audiência. Através de manipulações de estratégias textuais – e/ou veiculação do que os próprios meios chamam de factóides, isto é, jogos de cena para o público - os jornais buscam prender a atenção do leitor e fazer com que as notícias sejam lidas e comentadas para ampliar cada vez mais sua repercussão e o prestígio do veículo. De acordo com GOMIS (1991, p. 14):

*Son los medios que mantienen la permanencia de una constelación de hechos que no se desvanecen al difundirlos, sino que impresionan a la audiencia, dan qué pensar, suscitan comentarios y siguen presentes en la conversación. El presente social de los medios dura por lo menos un par de días y su permanencia en los comentarios – que mantienen vivo esse presente – se prolonga por lo menos una semana. El comentario hace más intenso y duradero el efecto de la noticia.*

Um exemplo clássico dessa postura no jornalismo policial é a história do bebê-diabo, uma invenção do repórter Marco Antonio Montadon, que foi manchete do jornal Notícias Populares (NP) por 22 edições – de 11 de maio a 01 de junho de 1975. O jornalista, ao cobrir uma pauta (buscar uma notícia), descobriu que as informações que tinha recebido do pauteiro estavam equivocadas e não poderia redigir a matéria pretendida, mas aproveitou seu tempo e escreveu uma crônica sobre o que seria o nascimento de um bebê-diabo em hospital de São Paulo, que o NP aproveitou e colocou na manchete “Nasceu o Diabo em São Paulo”. O texto ocasionou o esgotamento da edição do dia. O jornal decidiu então continuar a história no segundo dia provocando uma grande repercussão entre seus leitores. De acordo com o secretário de Planejamento da Redação na época, José Luiz Proença, “a partir daquele

momento, perdemos o controle do processo. Vinham telegramas, cartas e ficou uma coisa codificada entre o leitor e o jornal. Ficamos 22 dias com o bebê-diabo de manchete”.

O autor do livro “Espreme que sai sangue”, ANGRIMANI (1995, p. 140), estudioso dos casos de sensacionalismo na imprensa, afirma que

“o jornal não dá nomes (nem os inventa), se refere sempre à possibilidade de toda a história ser um boato, mas, ao mesmo tempo, reforça as matérias com testemunhos eloqüentes e descrições do bebê-diabo que se parece com *aquelas telas de artistas famosos*. O bebê-diabo é *horrível*, tem *atitudes malignas e espírito maquiavélico*. O ambiente é de *terror* em São Bernardo, onde *crianças não são mais vistas brincando nas ruas*. Operários, domésticas e taxistas dão depoimentos do gênero: *Eu vi o bebê-diabo*<sup>7</sup>”.

O trecho acima demonstra até onde um jornal pode chegar para obter maior circulação, literalmente criando um efeito de realidade para grande parte de seus leitores. Mas, não é apenas no jornalismo policial que ocorre a busca pelo sensacional. Em maior ou menor grau, todos os veículos - impressos ou eletrônicos - adotam postura semelhante também em editoriais considerados sérios, como política ou economia.

Ao destacar determinados aspectos da notícia ou colocar um título mais sensacionalista, o veículo de comunicação cria uma expectativa sobre o que está sendo narrado e também a respeito do fato a ser apresentado na edição do dia seguinte. Essa necessidade informacional só será suprida pela leitura da notícia e conseqüente compra do jornal ou da revista, uma vez que nos telejornais ou na rádio a cobertura não é tão completa. Segue-se então uma lógica de dominação que alimenta o círculo da dependência de informação: o jornal passa a veicular as notícias consumidas pelos leitores, esses tornam-se ávidos pela próxima edição que deve contar com novidades suficientes para satisfazer suas curiosidades.

Não percebe o leitor que existem, nas notícias, variadas estratégias de produção textual elaboradas justamente para causar essa dependência, também alimentada pelas

---

<sup>7</sup> No texto original o destaque às expressões foi feito com aspas. Optamos pelo itálico para facilitar a leitura e manter o destaque pretendido pelo autor.

conversas em seus mais diversos círculos de relacionamento. Novamente GOMIS (ibid, p. 114) embasa nosso pensamento ao escrever que *las preferencias de cada uno tienen a estimular la acción y despertar el interés por las noticias. Las opiniones expresadas en la conversación sirven de pauta a la producción de hechos por los interesados en estar presentes en los medios y captar las preferencias del público.*

E completa afirmando que a expectativa de comentários aponta para a ampliação da audiência e que a expectativa de conseqüências se move no âmbito da previsão e configuração do futuro, ambas complementares. No jornalismo impresso, é através do texto, das imagens e da diagramação das páginas, que todo trabalho e posicionamento dos veículos é percebido. Apesar da imagem e da formatação das páginas terem também papéis importantes, consideramos os textos como principais elementos de influência sobre o público.

Uma mostra dessa relevância é o número crescente de pesquisas realizadas a respeito da produção textual jornalística. É possível estudá-la sob a ótica das condições de produção ou sob o aspecto da ordenação dos fatos na construção da notícia ou ainda, abordando a questão da autoria ou do estilo redacional, entre tantas outras possibilidades. Poderíamos utilizar como exemplo ilustrativo de uma das formas de estudo do texto, jornalístico ou não, a defendida por KOCH (1988), que é focada na produção textual, prioritariamente nas escolhas lexicais, sintáticas e semânticas envolvidas na criação de um texto, e defende que “o uso de uma expressão definida implica uma escolha que será feita, em cada contexto, em função dos propósitos a serem atingidos pelo produtor do texto. Trata-se, em muitos casos, da ativação, dentre os conhecimentos - supostamente - partilhados com o (s) interlocutor (es), de características ou traços do referente, que o locutor procura ressaltar ou enfatizar” (p. 02).

As escolhas lexicais são fundamentais para quem pretende ser interpretado de uma maneira específica, mesmo não tendo garantia de que o será. É necessário buscar a

---

contextualização dos conceitos existentes, tão importante quanto a escolha lexical, e ainda os diversos personagens envolvidos para se ter uma idéia das prováveis reações à leitura do trabalho textual.

Estudar os possíveis efeitos de sentido produzidos pelas notícias, que se relacionam com a sintaxe, a semântica e com o querer-dizer do autor, não poderia ser algo restrito apenas ao aspecto formal. Passa-se, então, ao estabelecimento de uma relação mais intensa entre a narrativa jornalística, a representação do fato, suas personagens e ações e o conhecimento de mundo, a vida e os interesses dos leitores e todas as variantes possíveis, uma vez que não podemos totalizá-las.

A forma de produção e efeitos de sentido dos textos jornalísticos gerados a partir daí, bem como a relação entre o jornal e o público, conforme citado anteriormente, permitem que consideremos a notícia como produto de interação social, não sendo possível fazer análise levando em conta apenas as estratégias e regras oficiais de redação, oriundas das gramáticas e dos manuais de redação e estilo. É preciso avaliar também os possíveis ou prováveis resultados – intencionais ou não – provocados pela veiculação da notícia, pelas características textuais e pelo contexto interlocutivo no qual a matéria jornalística se insere.

Logicamente que não se pretende estabelecer um único sentido para a narrativa jornalística, afinal todo ato de enunciação é assimétrico e a pessoa que lê um texto ou ouve algo, interpreta esse enunciado relacionando diversos outros elementos extra-textuais, que são diferentes em relação ao tempo, espaço e indivíduo. Mas o enunciador previu uma determinada significação quando optou por certas características textuais ao produzir o enunciado, o que não quer dizer que haja garantia de que o leitor fará uma interpretação coincidente com a do enunciador. Conforme afirmou POSSENTI (1998, p. 105), “o que importa [...] é que o enunciado poderia ser diferente, mas é assim. Se é assim, deve-se buscar seu efeito, comparando-o com o efeito que produziria se fosse diferente [...]”.

O texto/notícia que sai impresso nas páginas de um periódico é fruto do trabalho coletivo na redação e representa a linha editorial do veículo, resguardada pelos "gatekeepers", pessoas de confiança dos dirigentes do jornal. Essa é uma das dificuldades deste trabalho, identificar veículos e notícias e definir a quem pertence - se é que pertence a alguém - a autoria do texto jornalístico.

## 2.1 A EDITORIA POLICIAL

A produção de notícias sobre assuntos ligados aos mais íntimos sentimentos do homem como a morte, a loucura e a obsessão, torna o jornalismo policial, por exemplo, um grande laboratório de experimentos textuais. Essa editoria, juntamente com a de Esportes, também serve de porta de entrada aos novos jornalistas e um dos motivos apontados é por não ser considerada uma editoria nobre na maioria dos veículos.

De acordo com ERBOLATO (1981, p. 52)

"o valor atribuído ao noticiário policial varia de acordo com a orientação de cada empresa jornalística. (...) Os matutinos tradicionais ou conservadores reduzem o noticiário policial, pois divulgam apenas os fatos mais importantes, mas sem destaque e englobando-os em uma seção".

Entretanto, há acontecimentos que reclamam destaque em todos os veículos, dadas as características do crime ou do criminoso, das pessoas envolvidas e do segmento sócio-econômico a que pertencem. Todos esses fatores influenciam não apenas na decisão de colocar ou não a notícia no jornal, mas também em como fazê-lo. De acordo com ERBOLATO, em um colóquio sobre impacto da violência nos meios de comunicação (Paris/1970), concluiu-se que "os meios de informação, em particular a imprensa, dão uma imagem exagerada e deformada da natureza e entendimento da violência em nossa sociedade (...) e, para uma exploração continuada da violência, é mais violenta que na realidade" (ibid, p. 53).

Sobre o assunto, mas não entrando no mérito da divulgação jornalística, DE QUINCEY (1985) afirma ser importante que, mesmo os acontecimentos ruins como assassinatos e outros, sejam temas de estudos: “Passou-se um acontecimento triste, muito triste, sem dúvida; mas não podemos remediá-lo. Portanto, que nos seja permitido tirar o melhor partido de um mau assunto; e, se é impossível extrair dele alguma coisa para propósitos morais, que o tratemos esteticamente, e verifiquemos se o podemos aproveitar dessa maneira”. (p. 12)

O crime, o sexo, a traição, os sentimentos primitivos do ser humano são muito mais atraentes que as estatísticas econômicas, que as decisões políticas ou que determinados espetáculos culturais. São temas que fazem parte do cotidiano de grande parte da sociedade e oscilam das páginas dos jornais para as discussões de grupos em bares, casas, empresas, etc com uma velocidade muito grande.

*[...] el público digiere las noticias, buenas o malas, sin impresionarse demasiado. Más bien, como ha escrito LEO BOGART (1985, pág. 302 y sigs.), 'lo que más sorprende de las respuestas del público es su inclinación desproporcionada hacia las informaciones desagradables, que en realidad representan solamente una parte muy limitada de lo que difunden los medios.' En una encuesta hecha en 1977 en Estados Unidos, a la pregunta por la noticia más importante un 26% respondió refiriéndose a un crimen y sólo el 22% a una noticia de política nacional. El porcentaje siguiente era el 13% y abarcaba accidentes, incendios, catástrofes (GOMIS, 1991, p.20)*

Talvez esse aspecto de nossa cultura esteja relacionado a comportamentos sociais ancestrais, que movem a população inconscientemente na busca pelos saltos obscuros e bruscos da vida. Talvez seja apenas um bizarro interesse em vislumbrar a morte, protegidos pelo distanciamento que o jornal oferece. Talvez haja um interesse natural na sobrevivência da espécie e tudo o que a ameaça torna-se motivo de observação. O fato é que grande parte do público tem interesse pelas notícias policiais e seus desdobramentos, o que estimula os veículos a cobrirem toda e qualquer ocorrência policial que possa ter repercussão.

Conforme defendeu PEREIRA at alii (2000, p. 150), “pelo procedimento da ampla visibilização, os meios de comunicação agem como construtores privilegiados de representações sociais e, mais especificamente, de representações sociais sobre o crime, a violência e sobre aquelas pessoas envolvidas em suas práticas e em sua coibição”. Por esse motivo acreditamos ser importante aprofundar a discussão sobre o papel dos jornais impressos na criação e/ou sustentação de determinados mitos do crime nas páginas policiais. Marginais que executaram crimes hediondos e, mesmo assim - e talvez por isso -, obtiveram grande destaque no noticiário e passaram a servir de referencial na imprensa e, por conseqüência, na sociedade.

A história de grandes bandidos sempre foi de grande valia para a imprensa, pois destaca o jornalista e garante maior vendagem - ou audiência - aos veículos de comunicação. Por outro lado, bandidos glamourosos sempre chamaram a atenção da população, desde clássicos da literatura, como Zorro ou Robin Hood, até casos reais como Lúcio Flávio, o Bandido da Luz Vermelha e, mais recentemente, Leonardo Pareja e Francisco de Assis Pereira, o maníaco do parque<sup>8</sup>. A produção de conceitos - tanto reais como imaginários - pelas notícias e reportagens remete a características como inteligência e romantismo, ingredientes sempre presentes em figuras míticas do "mundo do crime".

Talvez o exemplo clássico seja o do criminoso carioca Lúcio Flávio, que respondia a quase cinco centenas de processos por assalto à mão armada, estelionato e homicídio, mas era enaltecido na crônica policial como namorador e com grande sucesso junto ao público feminino. Sua história ficou famosa pelos relatos que José Louzeiro escreveu nos jornais

---

<sup>8</sup> Para ficarmos em exemplos recentes, uma vez que - pelo que acompanhamos através do cinema - a imprensa já provocava a mitificação de criminosos desde os tempos do velho oeste americano, com Billy, the kid e Jesse James, entre outros.

cariocas e, posteriormente, no livro Lúcio Flávio – O Passageiro da Agonia (1982). O marginal também teve sua vida contada em filme pelo diretor Hector Babenco (HB Filmes, 1977).

Outro exemplo é o Bandido da Luz Vermelha, que – apesar de ser condenado por 88 crimes, entre estupros e mortes – inspirou também um filme. Depois do Luz Vermelha, o último criminoso de destaque da crônica policial foi o seqüestrador Leonardo Pareja: “considerado bonito e galanteador, tinha fama de tratar suas namoradas com carinho. Recebia cartas de amor quando estava preso. Sua vida também está sendo filmada.” (revista Época - 07/06/1999).

O que todos esses casos têm em comum, em uma primeira análise, é a oportunidade de produzir notícias futuras e, conseqüentemente, manter o interesse do leitor pelo jornal - e pelo crime, criminoso e vítimas - por mais tempo que o habitual. A repetição é uma das formas utilizadas para a fixação de conteúdos e os jornais, no modo de produção capitalista, necessitam cada vez mais de leitores para conseguirem sobreviver.

A apreensão da atenção do leitor pela repetição e pela narrativa jornalística faz com que os textos produzidos pelos jornais sejam a base determinante na formação da imagem mítica do criminoso. E, para obter tal reconhecimento é necessário que o criminoso cumpra determinados ritos e possua certas características que, muitas vezes são, produzidos apenas para satisfazer a necessidade de notícia. Outras vezes, é possível perceber que o veículo de comunicação optou pelo caminho mais interessante ao público - dentre as interpretações possíveis - permitindo que a figura do criminoso recebesse uma pintura mais suave.

Resta-nos perguntar: de que forma são construídos os enunciados que permitem a mitificação desses criminosos? E as outras pessoas envolvidas, como são representadas essas diversas vozes sociais - vítimas, polícia, criminoso - presentes no discurso da imprensa que permeiam a mitificação de criminosos? Como aparece o discurso do próprio jornal e qual sua contribuição na formação da imagem do marginal?

### 3 O MITO

Os mitos surgiram ao longo da história da humanidade como uma forma de explicar determinados fenômenos naturais ou comportamentos sociais inconcebíveis para o conhecimento científico ou filosófico de determinadas épocas. Antes de se apoiarem nas ciências ou na filosofia para obter respostas racionais a respeito dos fatos do mundo, as perguntas eram respondidas pelas religiões, que se apoiavam na geração de mitos, com o objetivo de explicar a própria vida e seu desenrolar. Acreditamos que as mais famosas figuras míticas sejam as criadas pelos gregos - Zeus, Apolo, Mercúrio, etc - e que foram registradas por escrito por Homero e Hesíodo, por volta do ano 700 a. C. Mas, todas as culturas e sociedades têm seus próprios mitos. De acordo com ELIADE (1998, p. 22), “pode-se dizer que o mito se refere sempre a uma “criação”, contando como algo veio à existência, ou como um padrão de comportamento, uma instituição, uma maneira de trabalhar foram estabelecidos; essa a razão pela qual os mitos constituem paradigmas de todos os atos humanos significativos”

Mas será que essa explicação é suficiente para justificar a mitificação da imagem de criminosos? Apesar de a imprensa ter papel fundamental na criação desses mitos, como eles se estabelecem na sociedade? Há alguma necessidade social ou psicológica da população que é preenchida por tais marginais? Acreditamos que devemos considerar separadamente o conceito de mito tradicional - apresentado por ELIADE (ibid) - e o de marginais em suas mais diversas versões, contemporâneas ou não. Em nosso estudo identificamos algumas caracterizações sobre as quais foram erguidos os mitos de foras-da-lei.

Talvez a mais freqüente e comum seja a do "bandido glamouroso", representada em nosso país por Lúcio Flávio e pelo Bandido da Luz Vermelha. A imagem que parte da sociedade formou a respeito deles - e de todos os outros que poderiam ser enquadrados em tal

perfil - é a de que eles eram criminosos cruéis, inegavelmente, mas também eram bonitos, conquistadores e tinham uma aura de romance que os envolvia. Essa dicotomia entre algo ruim, mas prazeroso, acreditamos, estimulava a repercussão a respeito de seus feitos tanto na imprensa quanto na sociedade.

Outro mito da criminalidade nacional é o do bom bandido, ou seja, o marginal que comete seus delitos sem maltratar ou molestar suas vítimas. Nesse caso pode-se dizer que o criminoso estava apenas executando a função condizente com a sua opção de vida - que é roubar ou seqüestrar, normalmente sem vítimas - mas que não pretende incomodar ninguém. Esse tipo de mito normalmente é relacionado a alguém inteligente, capaz de ludibriar a polícia. No Brasil, o exemplo recente mais marcante foi o do seqüestrador Leonardo Pareja.

Há também o mito do bandido justiceiro, que talvez tenha surgido na literatura ou no folclore popular, como uma crítica aos poderes e desmandos do Estado. Entre os mais famosos representantes dessa casta teríamos o lendário ladrão Robin Hood que se insurge contra os abusos do Rei e passa a cometer diversos roubos e furtos, distribuindo os saques entre os pobres. O bandido surge com a finalidade de proteger o cidadão e distribuir a renda, funções que deveriam ser exercidas pelo Estado e seus representantes. Atualmente é muito comum perceber no noticiário esse tipo de consideração feita a contraventores dos morros cariocas, sejam traficantes ou bicheiros, que cumprem a função do Estado, que é dar proteção e segurança à população.

Alguns marginais famosos saíram das páginas dos livros (e filmes e histórias em quadrinhos, etc) para o imaginário popular e entre os mitos que selecionamos estão as figuras dos “atormentados” por um lado obscuro do ser humano. São pessoas impelidas ao crime por uma força superior à sua própria vontade, pois na maioria do tempo elas têm um comportamento exemplar. Nesse modelo encontramos o clássico “O médico e o monstro” (STEVENSON, 2000), livro que aborda a dialética dos valores morais e vai além do bem e do

mal da alma humana, com grande influência na literatura e no cinema. Mas, devemos observar que os crimes são realizados após a ação de uma força exterior. Essa história apoia-se na crença de que todas as pessoas têm um lado obscuro juntamente com um lado bom. Sob esse viés, há um abrandamento na condição de criminoso pelo autor dos delitos, uma vez que não estaria senhor de suas atitudes. É sob essa caracterização que suspeitamos estar fundamentada a cobertura a respeito do maníaco do parque.

Acreditamos que muitos outros mitos existam na sociedade urbana a respeito de crimes e criminosos, mas seria demasiadamente pretencioso de nossa parte querermos citá-los todos. Por ora, os exemplos acima cumprem seu objetivo neste capítulo, que é demonstrar a existência de variados mitos do crime na sociedade moderna, muito mais relacionados a uma dicotomia de percepção do que com a explicação de um fato criador, como ocorre com a mitologia tradicional.

Acreditamos que tal dicotomia tenha origem em um outro mito, bastante presente em nosso cotidiano, que é de que o Brasil é um país cordial e que cultua a não-agressão entre seus habitantes. A violência existente não é assimilada pela população como um fenômeno social, mas como ação isolada praticada com fim ou causa específicos como a compra de drogas ou o estado de miséria do criminoso.

Conforme foi descrito por PEREIRA et alii., (2000, p. 18/19), "embora a presença da violência nos diferentes espaços da sociedade brasileira seja hoje bastante evidente e mesmo discutida, vivemos, durante muito tempo, a 'ilusão' de que o Brasil estava livre das marcas mais profundas do conflito e da violência". E, ao encarar-se como lugar não violento, o país - ou parte dele - nega a existência de criminosos por natureza ou imotivados entre seus habitantes, pois seria um contra-senso que, em um lugar amistoso e "bonito por natureza" existam bandidos que agem sem motivo aparente, pois iria contra a índole do povo brasileiro, conforme frisou PEREIRA et alii. (ibid, p. 18/19)

“Construía-se, assim, a imagem de um país ‘cordial’ – por mais que o próprio autor que notabilizou a noção de ‘cordialidade’ ressaltasse a distinção entre esta e aquela de ‘bondade’ – habitado por um ‘povo pacífico’ e construído sobre o ‘sólido alicerce’ da célebre fusão de três raças (o branco, o índio e o negro), avesso, portanto, à experimentação de grandes conflitos e à prática da violência. Desta forma, mais do que a negação da existência física da violência através de sua prática, o que se evidenciava era a negação de uma representação da violência no imaginário social hegemônico”.

Mas crimes bárbaros e seqüenciais, atos que não são concebidos em nossa sociedade são reconhecidos quando oriundos de outros lugares com cultura e hábitos diferentes adotados pelos brasileiros. Notícias sobre criminosos com o perfil de ‘maníaco’ ou de ‘serial killer’ vindas dos Estados Unidos, por exemplo, são aceitas com mais naturalidade pela sociedade, uma vez que ela está acostumada à divulgação detalhada, pela imprensa brasileira, desse tipo de crime naquele país.

Ao ser confrontado com a existência de um modelo de criminoso que faz parte de seu imaginário, mas não nas circunstâncias específicas em que está acostumado a vê-lo, o cidadão sente-se, ao mesmo tempo, ameaçado e interessado. A ameaça é constituída pelo temor do desconhecido que abala seu cotidiano e transforma seus hábitos. O interesse se dá pela necessidade de conhecer esse elemento novo e a necessidade de aprender a conviver com ele. Essa última opção provoca a busca por informações nos meios de comunicação que, para atender o público, veiculam cada vez maior número de notícias sobre crimes – ampliando também o destaque aos crimes bárbaros - e criando um círculo vicioso.

Quando fatos inconcebíveis à maioria das pessoas acontecem é como se houvesse uma quebra no ritmo da vida e, quando estão relacionados a crime ou sexo, o interesse despertado – tanto para a imprensa, quanto para o cidadão comum - é ainda maior que o de outros acontecimentos. A esses fatos o jornalismo chama *fait divers*, ações que fogem da rotina e, às vezes, do concebível, principalmente na área policial, pela forma, local ou característica dos envolvidos não serem comuns ou tradicionais àquele tipo de acontecimento.

As notícias veiculadas sobre o maníaco do parque, um homem que seduziu, conquistou, então estuprou e matou nove mulheres em São Paulo, se enquadram nessa classificação.

Nos primeiros dias da cobertura jornalística, fica evidente a intenção dos veículos em caracterizar os assassinatos como *fait divers*. Um dos motivos que nos leva a essa conclusão é a insistência dada à descrição de como os cadáveres foram descobertos: *Todas as vítimas foram encontradas despidas. Três delas estavam apenas com a calcinha e uma outra só com os sapatos*. Na Folha de S. Paulo, nos primeiros 10 dias de cobertura, essa afirmação – ou similar – foi usada ao menos quatro vezes, enquanto em O Estado de S. Paulo, apareceu outras duas. Conforme afirmamos em capítulos anteriores, a caracterização como crimes de origem sexual tem grande influência na forma como o crime será encarado pela sociedade, em sua repercussão e na imagem que fará do criminoso.

### 3.1 A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM MÍTICA

Francisco de Assis Pereira, apesar de não ser o primeiro, talvez tenha sido o mais famoso assassino serial da recente história policial brasileira: matou nove mulheres e virou notícia diária durante dois meses na imprensa nacional. Antes de Pereira, outro criminoso que ganhou a mídia com perfil semelhante foi Chico Picadinho, assassino e esquartejador. Após permanecer anos preso por matar e esquartejar uma mulher, assim que saiu da prisão cometeu outro crime semelhante. Até hoje está preso na Casa de Custódia de Taubaté, em São Paulo.

A imagem de serial killer, entretanto, recebe um novo foco quando levamos em consideração os membros estrangeiros desse restrito clube de assassinos. A galeria deve incluir Jack, o estripador – o mais famoso deles –, Charles Manson, Ted Bundy e Albert de

Salvo<sup>9</sup> além de outras personagens famosas. Ao ser comparado pela imprensa com os principais assassinos seriais da história, o status de Francisco de Assis Pereira fica mais elevado, afinal conseguiu se destacar internacionalmente em sua área de atuação.

Sobre o comportamento da mídia em casos como esse, PEREIRA et alii. (2000, p. 18) afirmam, na introdução do livro *Linguagens da Violência*, que

“hoje, a violência se conjuga com a efetiva criação de expressões estéticas que se constituem enquanto produtos culturais em circulação no sistema midiático. Ao ser estilizada, na sua absorção pelos meios de comunicação, a violência representada passa por um processo de tradução que favorece e estimula seu consumo por um público mais amplo. Este procedimento se apóia no poder de fascinação da violência, que é potencializado por sua espetacularização, podendo alterar os sentidos iniciais das manifestações, bem como tornar os indivíduos menos sensíveis às diferentes realidades expostas. Ela – a violência – se torna mais um (entre tantos) produto consumível, assimilável, ao ser submetida aos procedimentos da repetição midiática”.

Essa assiduidade na crônica policial contribuiu para garantir a alguns criminosos um lugar de destaque entre seus pares - e essa afirmação serve para qualquer uma das classificações estabelecidas no início deste capítulo. A partir do momento que suas ações e suas características vão sendo expostas ao público, o bandido passa a integrar o espaço de discussão reservado aos assuntos que influenciam no cotidiano da sociedade e inicia-se o processo de formação de sua imagem.

No caso específico do Maníaco do Parque, por ter ressaltadas suas qualidades – nos primeiros dias da cobertura ele foi descrito como “jovem atraente” e “legal” pelas próprias vítimas, em relatos de parentes - os bandidos chamam para si um tipo de olhar diferenciado. Francisco de Assis Pereira também foi apontado como vítima de uma grande decepção

---

<sup>9</sup> Charles Manson, em 1969, nos Estados Unidos, matou sete mulheres e entre elas a atriz Sharon Tate. Ted Bundy fez 36 vítimas - todas jovens, bonitas e educadas – espalhando terror pelos EUA nos anos 70 e Albert de Salvo, o Estrangulador de Boston, anos 60, matou 13 mulheres e estuprou centenas. Ganhava a confiança das vítimas apresentando-se como recrutador de talentos para uma agência, mas era zelador de uma fábrica.

amorosa por fontes oficiais, o que poderia ter despertado o seu lado criminoso, um fato exterior como o que motivou o surgimento de Mr. Hide, em *O médico e o Monstro*. Isso também pode levar à compaixão, a uma identificação maior com o leitor, uma vez que grande parte das pessoas já sofreram alguma decepção amorosa.

Um outro aspecto ressaltado nos crimes que se pretende ressaltar é a transferência de parte da culpa para suas vítimas, conforme se percebe no relato feito pela Folha de S. Paulo. Por ter agido mal, a moça teria recebido uma lição do criminoso. “Segundo Alves (delegado), o criminoso relatou essa desilusão a P.C.S. e a E.C.S. durante a violência sexual. “Também lhes disse que aquilo era uma lição para que nunca mais seguissem alguém que não conhecessem”, afirmou o delegado.” (FSP, 15/07/98).

A equação que levaria o maníaco do parque a ter um lado "médico" e outro "monstro" foi simples de ser construída pela imprensa. E, se somarmos a divisão da culpabilidade com as vítimas, veremos que a dicotomia gerada é bastante significativa. Há uma separação entre a figura de Francisco de Assis Pereira e a do maníaco - apesar de ocorrerem algumas relações próximas, devido ao formato estabelecido para a notícia - formando a dicotomia necessária para a mitificação do criminoso.

### 3.2 COMO NASCE UM MITO DO CRIME

Segundo SOARES (2000, p. 24), “havia, nos anos 60 (um pouco antes e um pouco depois), a idéia do bom bandido, herói de seu povo, vingador de sua classe, que enfrentava as forças do capitalismo e da propriedade privada nos mais diversos fronts, de peito aberto”.

Para que esse conceito pudesse atingir um grande público e atuar em toda a sociedade serviu-se da linguagem jornalística, em primeira instância, e depois da interação cotidiana dos cidadãos. É a imprensa a principal responsável pela mitificação dos criminosos. Foi assim com

a formação da imagem do bom bandido, uma criação jornalística embasada na produção textual. Podemos observar em VENTURA (1994, p. 36), o retrato de dois criminosos dos anos 60, sob os olhos do jornalismo policial: “Cara de Cavalo era um bandido esperto, mas não inteligente. Pelo menos não tanto quanto Mineirinho. O repórter policial Octávio Ribeiro, que conhecia bem os dois, considerava Mineirinho ‘o bandido de maior QI da época’”.

Um outro fator importante que precisa ser descrito é a questão de não ser, necessariamente, o maior ou ‘melhor’ bandido o que vira mito, mas aquele sobre quem mais se fala e por mais tempo, o que gera maior repercussão. Foi o que aconteceu com os criminosos tratados por VENTURA (ibid): “Embora a condição de mito viesse a ser reservada por acaso a Cara de Cavalo<sup>10</sup> ao matar o detetive Le Cocq e pouco depois morrer, numa seqüência que ficaria como marco pré-moderno da história da criminalidade, Mineirinho foi tecnicamente mais bandido”. A sociedade se mobilizava em torno desses criminosos, como podemos observar na reação de intelectuais e jornalistas apresentadas por VENTURA (ibid, p. 37) à época da morte de Mineirinho:

“A morte de Mineirinho<sup>11</sup> sensibilizou a literatura de Clarice Lispector e de José Carlos (Carlinhos) Oliveira. Clarice dedicou-lhe uma sentida crônica na revista Senhor. “Suponho que é em mim [...] que devo procurar por que está doendo a morte de um facinora. E por que é que mais me adianta contar os treze tiros que mataram Mineirinho do que seus crimes”. (...) Carlinhos Oliveira fez-lhe também um comovido necrológio, considerando-o a personificação da rebeldia: “Assaltava bem, matava com perícia, amotinava presidiários e se punha em fuga com extrema facilidade”. O cronista não escondia sua simpatia por um bandido que arriscava a vida “por um ideal” – o de querer “ser livre para ser criminoso, o louco!”.

<sup>10</sup> **Sobre o início do mito, ou talvez o ápice da formação do mito de Cara de Cavalo.** “Após uma perseguição policial ele matou o detetive Milton Le Cocq de Oliveira, o Gringo, “aclamado como paradigma e mito da polícia carioca”. [...] “Ao matar o lendário detetive, Cara de Cavalo decretou sua sentença de morte. Em poucos minutos, deixou de ser um reles explorador de mulheres e achacador de bicheiros, feio e pobre, com a cara que lhe deu o merecido apelido, para se transformar num formidável bandido (...). “A perseguição a Cara de Cavalo foi uma das maiores caçadas que o Rio conheceu. Cerca de dois mil homens de todas as delegacias e divisões da Secretaria de Segurança foram mobilizados para a operação, comandada pelo delegado Sérgio Rodrigues. Quatro estados participaram da perseguição (...)” (p. 45)

<sup>11</sup> “Mineirinho foi encontrado morto na estrada Grajaú-Jacarepaguá, para onde seu corpo foi levado depois de executado pelo Esquadrão da Morte nas imediações da Central do Brasil. (...) O maior feito de Mineirinho, um campeão de fugas da prisão, foi comandar a rebelião do presídio Lemos de Brito às vésperas do Natal de 1961”.

Na cobertura da imprensa sobre os crimes no Parque do Estado deve ser levada em consideração a quase imediata qualificação do assassino em maníaco, modificando o status dos crimes e a forma como o suspeito passaria a ser visto pelos seus leitores. Mesmo atribuindo a qualificação de maníaco a uma suspeita da polícia, no decorrer do caso os jornais, através de diversas estratégias textuais acabam por rotular o suspeito, exceto para o NP, que adotou um perfil de acusação direta, transformando-o em algo mais atraente e assimilável à população.

É possível observar essa repercussão na declaração de uma entrevistada pelo Estado de S. Paulo, apenas oito dias após a divulgação do caso nos jornais: "É preciso isolar a calçada do matagal que acaba invadindo a rua", afirmou a servente de limpeza Margarida da Silva Rodrigues, de 49 anos. (...) "A polícia precisa tomar alguma providência, pois nós não queremos ser as próximas vítimas desse maníaco que até agora ninguém sabe quem é" (OESP, 16/07/98).

A partir de sua identificação pela sociedade, iniciaram-se outros movimentos que o mantiveram em evidência e creditavam-lhe importância, como declarações de políticos e artigos de jornalistas sobre o caso. Além disso, havia o apoio maciço da televisão, um arauto da mitificação na busca por melhores índices de audiência.

## 4 A AUTORIA DOS TEXTOS JORNALÍSTICOS

Caso nos guiássemos pelas definições mais tradicionais de autoria, o autor estaria relacionado ao criador, indivíduo que produz algo conceitual e significativamente determinado por si. Alguém que estruturou e deu forma a algo, seja texto, falado ou escrito, ou objeto de arte, como escultura, pintura ou música, para citarmos alguns exemplos.

Por ser aquele que concebeu tal obra, detém toda a autoridade sobre o que foi produzido e é o único capaz de garantir-lhe a significação. Seria ele, então, a última palavra no que se refere ao significado de um texto, o porta-voz do seu material, não possibilitando a livre interpretação pelo restante dos mortais.

Entretanto, essa abordagem não é mais aceita pelos lingüistas. Os pesquisadores da Universidade Federal do Paraná (UFPR), FARACO e NEGRI (1998, p. 05), propõem um outro modo de observar a questão da autoria. “Trata-se de centrar o olhar nas práticas discursivas, ou seja, na língua em sua integridade concreta e viva e não na língua como um objeto obtido por meio de abstração radical da vida concreta do discurso”. Com isso eles afirmam que “toda a realidade lingüística é sempre heteroglótica (plurilingüe, pluridiscursiva, pluriestilística)”, o que nos permite dizer que são criados “múltiplos horizontes interpretativos da realidade, cada um constituindo uma certa posição avaliativa dessa realidade”.

Concordamos com FARACO e NEGRI quando afirmam que “autorar, nessa perspectiva, é orientar-se na atmosfera heteroglótica; é assumir uma posição estratégica no contexto da circulação e da guerra das vozes sociais; é explorar o potencial da tensão criativa da heteroglossia dialógica” (p. 09). Cabe perfeitamente ao jornalista, que atua nos veículos impressos de comunicação de massa, esse papel tanto de receptor quanto de difusor das mais diversas vozes que interagem na produção da notícia.

Trabalharemos também com algumas considerações a respeito dos indícios de autoria elaboradas por POSSENTI (2000) como a representatividade da voz do outro, a singularidade do objeto produzido e sua inserção em um quadro social e histórico. Elementos que permitirão que se defenda o jornalista como sujeito autoral, apesar da tentativa de homogeneização textual dos textos noticiosos pelos jornais. A sensação que se tem é que o veículo de comunicação busca, através da definição de determinadas caracterizações e formas de expressões, uniformizar a produção textual e associar as notícias à empresa editora e não ao jornalista que as assina.

Segundo SENRA (2000, p. 25), Anthony Smith, que estudou a informatização dos jornais norte-americanos na década de oitenta,

“constata uma tendência para o desaparecimento da figura do autor na imprensa dos EUA, a partir do mesmo momento em que o texto jornalístico e a própria função da escrita também passam, por sua vez, a não depender mais do nome de um único indivíduo. “Não há ‘autor’ na informação jornalística”, escreve ele. “Só existe o sistema (em negrito no original) do jornal, que garante certos elementos de individualidade ao repórter, de integridade pessoal no interior de fluxos de atividade geradas por um sistema coletivo mas hierárquico”.

Mas, apesar da organização moderna tirar parte da autonomia do jornalista restringindo algumas de suas funções, não é possível afirmar que o autor-jornalista morreu, uma vez que o indivíduo está sempre presente e é ativo no processo de produção da notícia. Mesmo que ao cumprir as regras exigidas pela administração do jornal, ele corra o risco de ter sua expressividade cerceada, ela nunca será extinta, pois ele é um dos "sujeitos" da história.

Veremos que BELTRÃO (1960, p. 78) acertou ao afirmar que

“Diante do fato ocorrido, o jornalista terá que examinar a sua importância e o caráter, o interesse que despertará, as repercussões de sua divulgação e se informar sobre ele. O simples fato de destacá-lo e publicá-lo expressa o resultado de uma interpretação, que consiste no ato de submeter os dados recolhidos a uma seleção crítica, transmitindo ao público, apenas, os que são realmente significativos” .

A seleção dos fatos, juntamente com a forma como se deve apresentar e quais devem ser os verbos responsáveis pela introdução das diversas vozes que compõem a notícia, representam alguns dos procedimentos de controle realizado pelo jornal. Ao subordinar o trabalho jornalístico a um sistema limitado e formal, o que ele faz é reduzir as chances de interpretação e análise que deveriam ser inerentes ao profissional que acompanha a cobertura.

Isso ocorre porque os grandes jornais impressos brasileiros estão buscando um utópico padrão informacional textual, tentando sufocar quaisquer indícios de autoria por parte do repórter. Esse posicionamento tem dois motivos principais: um empresarial e outro editorial. O primeiro é a busca de caracterização do texto como um dos identificadores da identidade organizacional do veículo, algo pertencente a sua marca. O segundo é a busca de uma pretensa isenção editorial, como se fosse possível apresentar um fato puro aos leitores.

A busca do objetivismo no texto jornalístico aumentou o controle sobre a produção textual a partir das reformas gráficas e editoriais colocadas em prática nos anos 80. Houve uma redução estilística nos veículos, diminuindo as possibilidades de diferenciação entre os indivíduos que produzem os textos noticiosos.

Deve se considerar que a chamada grande imprensa está inserida em um mercado mais competitivo e, dado o alcance de sua publicação, mais sujeita a críticas dos diversos segmentos da sociedade e por isso corre mais riscos de ter problemas se tiver jornalistas com plena autonomia redacional. Para fazer tal afirmação nos baseamos na produção textual de dois grandes diários brasileiros – Folha de São Paulo (FSP) e O Estado de São Paulo (OESP). O motivo preponderante para essa escolha é o fato desses veículos terem seus próprios manuais de redação e estilo e cobrarem de seus repórteres a redação das notícias, inclusive a grafia de determinadas expressões, de acordo com essas normas. No "Novo Manual de

Redação" a Folha de S. Paulo<sup>12</sup> "apresenta as regras para orientar o trabalho na Folha e dá conta da maioria das dúvidas", inclusive abordando aspectos sobre o comportamento do jornalista na redação. Esse controle que o manual exerce sobre os jornalistas pode ser percebido na transcrição do verbete reunião:

**"reunião** - A prática de reuniões é importante no processo de produção jornalística. Na Folha elas devem ser rápidas, objetivas e eficientes. Para isso:

- a) Agende-se para as reuniões assim que for convocado;
- b) Chegue ao local no horário marcado;
- c) Limite suas intervenções aos temas da pauta;
- d) Procure só falar quando o coordenador lhe der a palavra;
- e) Compareça com todo o material necessário para sua participação."

O jornal ressalta, entretanto, que essas regras "não devem, porém, ser aplicadas de maneira irrefletida, pois nenhuma norma se aplica a todos os casos possíveis" mas seu conteúdo revela a tentativa de determinar todas as possíveis formas de expressão. Por exemplo na questão das acusações criminais a Folha determina que

"enquanto não for confirmada a sentença judicial definitiva, a pessoa sobre que recaia suspeita é tratada como acusada ou suspeita. Essa norma não vale para flagrante delito ou confissão espontânea (...), mas o melhor é deixar claro no texto que, segundo a polícia, trata-se de confissão ou flagrante".

Da mesma forma age o Estado de S. Paulo ao informar que seu "Manual de Redação e Estilo" "consubstancia os princípios e os conceitos jornalísticos, éticos e profissionais pelos quais o Estado se orienta" (MARTINS, 1990 p. 15). Com relação às instruções gerais, o jornal determina, por exemplo, que o jornalista "faça textos imparciais e objetivos. Não exponha opiniões, mas fatos, para que o leitor tire deles as próprias conclusões" (ibid, p. 18).

Busca-se uma possível padronização textual na tentativa de tornar as notícias mais uniformemente. Mesmo o jornal não podendo ser considerado o autor do texto, a sua presença

---

<sup>12</sup> O texto do "Novo Manual de Redação" da Folha de S. Paulo foi retirado do site [www.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo](http://www.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo) e por esse motivo não apresenta identificação bibliográfica.

é muito forte e paira - tal qual uma entidade espiritual - sobre os jornalistas na redação lembrando a necessidade de obediência às normas. O jornal, dessa maneira, delimita a forma de transposição dos fatos narrados pelos jornalistas para suas páginas e a notícia, para ser padronizada, passou a ser trabalhada por vários jornalistas na redação.

Assim o texto inicial, redigido pelo repórter que terá seu nome creditado na notícia, passa pela reelaboração de diversos profissionais que o complementam, cortam e colocam título e outros elementos. Passa, então, o editor e o revisor a comporem o material textual final pasteurizando a expressividade do veículo.

Sobre isso, na introdução de seu livro “O último jornalista”, que analisa a formação da imagem profissional do jornalista a partir de seu aparecimento no cinema, SENRA (1997, p. 25) afirma que o jornalismo, a partir dos anos oitenta, vai abandonando sua função como serviço público, para enfatizar mais os aspectos técnicos e artísticos. Defende ela que

“Quanto mais profundas a racionalização e a informatização, quanto maior a racionalidade técnico-administrativa, menos lugar parece haver para o jornalista liberal, o antigo profissional sujeito da sua produção, em interlocução com a cidadania, louvado pela sua responsabilidade política e social. [...] A massa de informação disponível e a dinâmica de sua circulação passam a exigir que o trabalho do jornalista seja distribuído entre vários profissionais e percorra uma hierarquia cada vez mais acentuada de funções, subtraindo ao profissional o seu antigo domínio sobre o produto final”

Ao participar desse processo, incorporada pelos jornalistas, todos independentes entre si mas ao mesmo tempo dependentes com relação à notícia, a filosofia do manual de redação influi em cada edição apresentada à comunidade diariamente. Mas, é interessante ressaltar que, mesmo com todo esse processo de controle, o jornalista “assume uma posição estratégica no contexto da circulação e da guerra das vozes sociais”.

Na discussão sobre os aspectos de autoria, começaremos por confrontar, especificamente na Folha de São Paulo e no Estado de São Paulo, a forma adotada para apresentar a voz do outro - das pessoas que são representadas pelo jornalista na notícia - direta

ou indiretamente. Nessa discussão, levantaremos também a questão da singularidade dos textos identificando ao veículo, para tentarmos demonstrar a busca pela homogeneização da abordagem, do sufocamento de alguns traços de autoria, demonstrada por eles.

A reprodução das falas das pessoas entre aspas (chamada de declaração textual no jornalismo ou de discurso citado na AD) é um dos fatores mais importantes de qualquer notícia, e confere maior credibilidade ao fato. É a garantia de que alguém testemunhou o acontecimento que está sendo relatado. Serve para dar autenticidade à notícia. Transforma o texto de uma narrativa sobre algum acontecimento, uma "história" contada por alguém, em um fato comprovadamente ocorrido e que foi presenciado por outras pessoas. De acordo com o "Novo Manual de Redação" da Folha de S. Paulo, "reproduzir declarações textuais confere credibilidade à informação, dá vivacidade à reportagem e ajuda o leitor a conhecer melhor o personagem da notícia".

Mas, o fato de citar a opinião de uma pessoa envolvida com o fato já faz parte da interpretação desse fato. Normalmente as vozes citadas nas notícias corroboram a visão da notícia que o jornalista está apresentando, além do que há recortes, reorganizações, etc. Trata-se da retomada da palavra do outro em uma nova instância interativa, o que acarreta a construção de um novo enunciado sem, no entanto, interromper aqueles que o precederam, mas complementando-os.

As declarações entre aspas representam o discurso de um terceiro dentro do discurso do jornal, recurso adotado para garantir a este a "veracidade" da informação através do testemunho daquele. O discurso citado, de acordo com BAKHTIN (1995), "conserva sua autonomia estrutural e semântica sem por isso alterar a trama lingüística do contexto que o integrou". (p. 144)

"O discurso citado é visto pelo falante como a enunciação de uma outra pessoa, completamente independente na origem, dotada de uma construção completa, e situada fora

do contexto narrativo: É a partir dessa existência autônoma que o discurso de outrem passa para o contexto narrativo, conservando o seu conteúdo e ao menos rudimentos da sua integridade lingüística e da sua autonomia estrutural positivas”. (ibid, p. 144/145)

É essa autonomia do discurso do outro que o leitor espera na leitura das notícias, mas isso não quer dizer que a transposição para a página impressa tenha sido feita obedecendo literalmente ao que foi dito. Não obstante essa edição normalmente realizada pelos repórteres, que mesmo assim mantém “um sentimento agudo dos direitos de propriedade da palavra e uma preocupação exagerada com a autenticidade”, o discurso citado não pode ser dissociado do restante da narrativa, desde a primeira coleta dos dados, no local do fato até o estudo do texto jornalístico já publicado, sob pena de perder seus elementos de contextualização.

Para BAKHTIN (ibid) "o erro fundamental dos pesquisadores que já se debruçaram sobre as formas de transmissão do discurso de outrem, é tê-lo sistematicamente divorciado do contexto narrativo. [...] No entanto, o objetivo verdadeiro da pesquisa deve ser justamente a interação dinâmica dessas duas dimensões, o discurso a transmitir e aquele que serve para transmiti-lo”. (p. 148)

Embora o discurso citado ofereça alguma garantia de veracidade ao fato reportado, outro recurso adotado é o de uso do discurso indireto, no qual o jornalista “pode deliberadamente apagar as fronteiras do discurso citado, a fim de colori-lo com as suas entoações, o seu humor, a sua ironia, o seu ódio, com o seu encantamento ou o seu desprezo” (ibid, p. 150).

O outro também pode aparecer na forma de discurso indireto, em que o jornalista informa o que foi dito e por quem, especifica o como a afirmação foi feita e assume a tarefa de contar o que foi dito por uma terceira pessoa. “A enunciação de outrem pode ser apreendida como uma tomada de posição, com conteúdo semântico preciso por parte do falante, e nesse caso, através da construção indireta, transpõe-se de maneira analítica sua composição objetiva exata (o que disse o falante)” (BAKHTIN, 1997 - p. 160).

Nessa forma de construção prioriza-se a análise do material lingüístico muito mais do que sua simples transcrição, pois situa o que foi dito e quem o disse, bem como a forma como isso foi feito. Para BAKHTIN (ibid)

“pode-se também apreender e transmitir de forma analítica a enunciação de outrem, enquanto expressão que caracteriza não só o objeto do discurso (que é, de fato, menor) mas ainda o próprio falante: sua maneira de falar (individual, ou tipológica, ou ambas); seu estado de espírito, expresso não no conteúdo mas nas formas do discurso (por exemplo, a fala entrecortada, a escolha da ordem das palavras, a entoação expressiva, etc.); sua capacidade ou incapacidade de exprimir-se bem, etc.” (p. 160)

Entretanto, normalmente o discurso indireto é adotado apenas como alternativa analítica do que e de que forma se pronunciou o outro. No discurso direto isso ocorre de forma mais limitada, principalmente pela seleção de verbos introdutórios da voz de quem fala. Para tentar evitar ao máximo os problemas com citações, os manuais são bastante precavidos quando tratam de declarações textuais.

A Folha de São Paulo, por exemplo, recomenda:

“a) Reproduzir declarações textuais confere credibilidade à informação, dá vivacidade à reportagem e ajuda o leitor a conhecer melhor o personagem da notícia; b) Quanto menos usado o recurso da declaração textual, mais valor ele adquire, portanto reserve-o para afirmações de grande impacto, por seu conteúdo ou pelo caráter inusitado que possam ter; c) Reproduza apenas as frases mais importantes, expressivas e espontâneas; d) Na reprodução de declaração textual, seja fiel ao que foi dito, mas, se não for de relevância jornalística, elimine repetições de palavras ou expressões da linguagem oral (...); e) Para facilitar a leitura, pode-se suprimir trecho ou alterar a ordem do que foi dito —desde que respeitado o conteúdo”.<sup>13</sup>

Da mesma forma que a Folha, também o Estado de S. Paulo acredita que as declarações textuais são importantes e valorizam o texto. Nas recomendações a respeito de como deve ser tratada a voz do outro, é rígido na formatação da citação direta no texto do jornal. De acordo com o jornal, “o texto conta uma história e usa a personagem para lhe dar veracidade. O leitor tenderá a confiar mais nas informações que lhe estão sendo transmitidas

<sup>13</sup> Citações retiradas do site [www.uol.com.br/fsp/bibliot/arquivo.html=manual](http://www.uol.com.br/fsp/bibliot/arquivo.html=manual)

(não é só o repórter que está dizendo aquilo; outra pessoa está confirmando a informação)”.

Outras recomendações do Estado são:

“a) Procure usar declarações textuais a cada um ou dois parágrafos da matéria. b) Uma frase por parágrafo já seria uma boa medida e ela funcionaria quase como uma testemunha que confirmasse a história ou fato que o repórter quer levar ao leitor. c) Embora as declarações entre aspas devam transcrever com fidelidade as palavras do entrevistado, adapte o texto às normas gramaticais, acerte as concordâncias, elimine as repetições muito frequentes e contorne os vícios de linguagem”. (MARTINS, 1990 p. 25)

Mas não é apenas o problema de “o quê” foi dito que atormenta os jornalistas – esse é apenas o primeiro. Outro ponto a ser levantado quando se discute a autoria e homogeneização é “como” é dada voz ao outro. Conforme questionou MARCUSCHI (1982, p. 18), “a questão que aqui se coloca é: como os jornais informam lingüisticamente as opiniões de alguém?”.

O mais notável, segundo o lingüista, é que a avaliação da expressividade, ou o “como” a pessoa disse tal coisa, independentemente do “o quê” ela tenha dito, se dá “através do instrumento lingüístico e não mediante uma opinião adicional com interpretação explícita” por parte do jornalista. “Não me refiro aos comentários; refiro-me tão somente às palavras que introduzem opiniões alheias com pretensão de fidelidade ao pensamento do autor” (ibid, p. 19).

Novamente, com o intuito de evitar a possibilidade de confusão na interpretação do repórter, ou seja, reduzindo ao mínimo a sua liberdade, os manuais de redação descartam a personalização do texto. O objetivo é evitar que os verbos declarativos sejam utilizados como qualificadores das falas dos personagens da notícia, o que poderia tornar o texto menos “técnico” e mais sujeito a julgamentos subjetivos, característica muito observada na Folha de S. Paulo.

O jornalista poderia utilizar-se de enunciados que caracterizariam maior ou menor sentimento - comoção, ódio, pena, etc - das pessoas envolvidas na notícia de acordo com critérios pessoais. Mas, o veículo de comunicação reduzir as maneiras que devem ser

---

utilizadas para a expressão das declarações dos entrevistados limita a interpretação de seus repórteres e padroniza a redação do jornal. A respeito da qualificação das citações, a Folha de São Paulo traz as seguintes recomendações em seu manual de redação:

“Evite, assim, verbos como admitir, reconhecer, lembrar, salientar, ressaltar, confessar, a não ser quando usados em sentido estrito. Nenhum deles é sinônimo de dizer. Ao empregá-los de modo inadequado, o jornalista confere caráter positivo ou negativo às declarações que reproduz, mesmo que não tenha a intenção. Use de preferência os verbos dizer, declarar e afirmar, os mais neutros, quando o objetivo for apenas indicar autoria de uma declaração”

Com relação a outros verbos, a Folha prefere não utilizar o *acreditar*, argumentando que “é impossível para o repórter saber se alguém acredita ou não em alguma coisa” e recomenda o dizer acreditar: Fulano de tal diz acreditar .... Outro verbo com significação restrita na redação do jornal é o admitir. Não é aceito seu uso como sinônimo de dizer, declarar ou afirmar. Para o veículo, admitir “significa aceitar ou reconhecer fato em geral negativo”.

Por outro lado, os jornalistas do Estado de São Paulo têm maior liberdade de expressão. Seu Manual de Redação e Estilo afirma que “os verbos mais recomendáveis para textos que envolvem declarações são os insubstituíveis dizer, afirmar, declarar, garantir, prometer e poucos mais”. Entretanto, apesar de alegar serem insubstituíveis, o jornal também permite o uso de outros verbos como acreditar, achar, julgar, admitir, esclarecer, explicar, concluir, prosseguir, etc.

Logo em seguida, o Estado de São Paulo amplia ainda mais a lista de verbos declaratórios, ressaltando que “não é viável o uso indiscriminado de pretensos substitutos que, na verdade, não se prestam a textos declaratórios ou não têm o sentido que às vezes lhes é atribuído”. Também essa recomendação tem a intenção de evitar a possibilidade de confusão, de acordo com o manual.

Os termos apresentados pelo Estado, desde que expressem com precisão as declarações a reproduzir, são os seguintes (MARTINS, 1990 p. 29):

“acentuar, achar, aconselhar, acreditar, acrescentar, acusar, adiantar, admitir, advertir, advogar, afirmar, alegar, alegrar-se, alertar, ameaçar, analisar, antecipar, anunciar, apontar, apregoar, aprovar, argumentar, assegurar, atestar, avaliar, avisar, brincar, calcular, citar, cobrar, comentar, complementar, completar, conceituar, conciliar, conclamar, concluir, concordar, condenar, confirmar, considerar, constatar, contar, corrigir, decidir, defender, definir, demonstrar, denunciar, depor, desafiar, descrever, desculpar-se, desmentir, destacar, duvidar, entusiasmar-se, esclarecer, exemplificar, explicar, finalizar, frisar, fundamentar, garantir, gracejar, ilustrar, imaginar, indagar, informar, insinuar, insistir, ironizar, julgar, justificar, lamentar, lembrar, manifestar, narrar, notar, objetar, observar, opinar, perguntar, pregar, presumir, prevenir, proclamar, prometer, propor, prosseguir, protestar, provocar, reafirmar, reagir, rebater, reconhecer, reconsiderar, recordar, reforçar, refutar, reprovar, retrucar, ressaltar, ressalvar, resumir, revelar, salientar, sugerir, surpreender-se, vaticinar, etc”

É possível observar que há uma relação de termos definida pelo veículo de comunicação à qual o repórter deve ater-se para designar, no texto jornalístico, como os personagens da notícia se expressam. Temos um posicionamento semelhante ao adotado por alguns gramaticistas, que defendem ser a norma expressa pela gramática a regra a balizar a expressividade dos indivíduos.

Podemos observar a tentativa de sufocamento do autor na série de reportagens publicadas sobre o maniaco do parque, em que são envolvidos vários repórteres, transmitindo informações de diferentes lugares. Escrevendo sob a batuta do mesmo manual de redação, culminam por produzir suas notícias no padrão do veículo, ocultando suas individualidades em prol da uniformização e da racionalização estabelecida para a redação jornalística.

Podemos observar na Folha de S. Paulo, nos três exemplos a seguir, que os jornalistas seguem fielmente o manual de redação do veículo. No primeiro texto, escrito pelo jornalista Marcelo Godoy, é possível observar os critérios utilizados pela Folha de São Paulo para introduzir a voz do outro na notícia. No parágrafo inicial a descrição de que a vendedora assassinada disse que encontrara um “rapaz muito legal” é embasada na declaração de uma terceira pessoa que informou o fato ao repórter. Nas seqüências seguintes, todas as afirmações são repassadas aos seus autores, sempre utilizando o verbo “dizer” em sua apresentação.

O repórter, que esteve presente ao evento e/ou conversou com os envolvidos, poderia ter constatado que as declarações não foram apenas ditas e que algumas, por exemplo, poderiam ter sido constatações, questionamentos ou suspeitas, como é o caso da última declaração dessa notícia, que se assemelha muito mais a uma constatação de que *“quem matou as mulheres tinha preparo físico e conhecimento do terreno”*, feita pelo aspirante que acompanhava a diligência policial.

Essa maneira de proceder pode ser observada também no texto seguinte. Percebe-se que as orientações do “Novo Manual de Redação”, não são seguidas à risca por seus jornalistas apesar de ser percebida sua forte orientação normativa. Mas, como frisamos anteriormente com relação às marcas de personalidade no texto do repórter, há situações em que ela aparece, como quando, no segundo parágrafo do texto de Wagner Oliveira, o repórter, interpretando a situação dos pais de Francisco de Assis Pereira, afirma (não há aspas no original): “Eles estão atônitos com a possibilidade de o filho ser o maniaco”. Provavelmente essa afirmação assumida pelo jornal esteja embasada na frase seguinte: “Estamos sem saber o que fazer”, diz a mãe. Entretanto, tal fato também segue o manual, que em outro momento determina que “em regra, as opiniões do jornalista devem constar de texto à parte, e não permear o texto noticioso, embora aí se admitam análise e interpretação”.

Mas a limitação da expressividade do jornalista se vê, principalmente quando se trata da escolha dos verbos dicendi. Em nenhum momento eles afirmam (como poderia ser considerada a última declaração do pai do então suspeito), clamam, choram ou reclamam da situação. Com isso a Folha de São Paulo pretende manter o maior controle possível sobre a expressividade ou a interpretação de seus repórteres.

Vejamos os exemplos:

Folha de São Paulo, 10/07/98<sup>14</sup>

**Polícia obtém pista de mortes no parque**

MARCELO GODOY

da Reportagem Local

(...). No dia em que desapareceu, 10 de janeiro passado, a vendedora Raquel Mota Rodrigues, 23, telefonou para a prima e disse ter encontrado um "rapaz muito legal" que lhe havia feito o convite de posar para fotos que seriam usadas em catálogos de cosméticos. (...). "Existe a possibilidade de o assassino convencer suas vítimas a acompanhá-lo até o parque", disse o delegado Luiz Eduardo Marturano, da equipe C-Sul do DHPP (Departamento de Homicídios e de Proteção à Pessoa). (...).

"Ainda precisamos identificar as outras vítimas para saber se o assassino tem preferência por algum tipo de mulher", disse o investigador Luís Carlos Santos. (...).

Esse serviço poderá servir de preparação para uma varredura maior. "Quem matou as mulheres tinha preparo físico e conhecimento do terreno", disse o aspirante Hermes Ribeiro de Almeida<sup>15</sup>.

Folha de São Paulo, 20/07/98

**Família não crê que motoboy seja o maníaco**

WAGNER OLIVEIRA

da Agência Folha, em Guaraci

Os pais do motoboy Francisco de Assis Pereira, 30, não acreditam que o filho possa ser o maníaco que assassinou seis mulheres e violentou outras três no Parque do Estado, em São Paulo. "O comportamento do meu filho nunca indicou que algum dia ele fosse capaz de cometer crimes tão bárbaros", disse a mãe do motoboy, a dona-de-casa Maria Helena de Souza Pereira, 51. (...).

Os pais do motoboy moram em uma casa simples em Guaraci, pequena cidade localizada na região de São José do Rio Preto (norte do Estado de São Paulo). Eles estão atônitos com a possibilidade de o filho ser o maníaco. "Estamos sem saber o que fazer", diz a mãe.

O pai do motoboy forneceu amostra de sangue para exame de DNA. O resultado vai ser comparado com o do esperma encontrado numa das vítimas. "Quero ajudar a resolver o caso. Se meu filho for culpado, terá de pagar", disse.

Folha de São Paulo, 28/07/98 - Autora: PRISCILA LAMBERT

**'Ele era um Don Juan do Brás'**

da Reportagem Local

Acusado de ser o maníaco do parque do Estado, Francisco de Assis Pereira era um verdadeiro "Don Juan do Brás", segundo um de seus ex-colegas de trabalho. (...). "Ele abordava as moças no ponto de ônibus em frente à empresa e, depois de cinco minutos, já

<sup>14</sup> As transcrições de notícias - ou de parte de seus conteúdos - foram redigidas fora dos padrões de redação de citações exigidos pela Universidade Federal do Paraná com a finalidade de manter a mesma formatação adotada pelos veículos de comunicação e permitir ao leitor melhor visualização da relação entre forma e conteúdo.

<sup>15</sup> Todos os grifos nos verbos que apresentam a voz do outro foram feitos por mim, com a intenção de destacar e facilitar a localização das expressões no texto.

arrancava um sorriso delas. Ficava amigo de todas", disse o motoboy Marco Kravtchenko, 29. Segundo ele, Pereira sempre foi mulherengo, trazia sempre mulheres diferentes para dormir na oficina, onde morava havia dez meses. "Mas nunca vi um ato de grosseria com elas. Nem com a gente. Ele sempre nos fazia favores e nunca reclamava. Era muito 'gente fina'", diz outro motoboy, Marivaldo Cerqueira, 24. O dono da empresa, Jorge Alberto Santana, 25, disse que Pereira é "um pouco bronco", não gosta de ser contrariado, mas nunca deu muito trabalho. "Ele nunca teve nenhum comportamento suspeito, não é explosivo."

As matérias produzidas pelo Estado de São Paulo são redigidas com maior variedade estilística, principalmente quando se refere aos verbos dicendi. O veículo distancia-se do padrão da Folha, pois permite maior liberdade aos repórteres para transportarem ao texto, além do que foi dito, o "como" determinada declaração foi feita. Nesse caso, voltamos à questão dos indícios de autoria apontados por POSSENTI (2000, p. 13), que afirma que esses indícios podem ser "uma questão de como dar voz aos outros. Em princípio, como regra, pode-se sugerir "nada de mesmice", nada de empregar apenas o verbo "colocar" ou o menos marcado "dizer". A variação é de bom tom".

É dessa maneira que procede o Estado obedecendo a um outro critério exposto pelo lingüista, que é variar "obedecendo à tomadas de posição", percebe-se que não há nos textos apenas a mudança pelo simples fato de não poder repetir a mesma expressão, mas o efeito pretendido é dar uma representatividade diferenciada ao que está sendo dito. Conforme afirmou MARCUSCHI (1982, p. 20)

"os verbos introdutórios de tal discurso parecem ser indicadores de interpretação. Qual então a diferença entre se relatar que alguém "disse" algo ou que alguém "declarou", "frisou", "ressaltou", "observou", "concluiu", "ponderou", "confirmou", "explicou", "advertiu", "esclareceu" algo?". À primeira vista, isto se apresenta como um procedimento natural e inofensivo, uma questão de estilo jornalístico sem maiores conseqüências. Na verdade, porém, esses verbos podem classificar hierarquicamente os protagonistas do discurso".

Observemos abaixo como o Estado de São Paulo apresenta as variadas vozes que compõem suas notícias. Chamamos a atenção para o fato de o jornal não utilizar tanto aspas para marcar o discurso de terceiros.

É interessante notar que, ao dar voz aos envolvidos na notícia, O Estado de S. Paulo permite que o repórter se expresse com uma maior gama de opções do que os jornalistas da Folha de S. Paulo. No primeiro caso ele utiliza o verbo “contar”, que dá um tom menos frio à declaração do que o comum verbo “dizer”.

Se, por um lado, essa variação permite maior liberdade estilística, por outro, pode confundir o leitor como no caso da citação do delegado, na qual o policial levanta uma suposição a respeito da existência de um único criminoso. Ao definir que o delegado argumentou, o repórter interpretou a declaração como sendo argumentativa, como se nela houvesse o germen da apresentação de uma tese.

No segundo texto, observamos que as várias formas de expressão da voz das personagens estão em sintonia com a representatividade dos enunciados a que se referem e, mesmo não estando entre aspas em alguns casos, permitem identificar seus autores. Além disso, dão uma maior dinâmica ao texto através da atribuição de ações diferenciadas às pessoas.

O Estado de São Paulo, 09/07/1998 – Renato Lombardi  
**Balconista é uma das vítimas do caso do parque**

A balconista Selma Ferreira Queiroz, de 18 anos, uma das quatro vítimas do assassinato do Parque do Estado. (...)

A família ficou esperando pela ligação e o criminoso não telefonou. "O homem disse que queria o dinheiro para comprar drogas", contou Queiroz<sup>16</sup>. Selma estava de posse do cartão magnético da irmã. Quando o matador ligou, a irmã não estava em casa e por isso Queiroz não soube dizer os números.

O Instituto Médico Legal (IML) informou que Selma e a outra mulher foram assassinadas por estrangulamento. "Ao que tudo indica, o homem que matou Selma também é o responsável pelas mortes da outra mulher e de mais duas, também encontradas no Parque do Estado", argumentou o delegado Luís Carlos Santos, da Divisão de Homicídios.

<sup>16</sup> O Queiroz a que se refere o repórter é o pai da vítima, que teve seu nome ocultado no recorte do material.

O Estado de São Paulo, 28/07/1998 – Marcelo Faria de Barros  
**Laudo aponta tortura em vítima do maniaco**

O Instituto Médico-Legal (IML) de São Paulo divulgou (...)

"A prova que conseguimos com o encontro da cédula de identidade de Selma já é suficiente para indiciar o Francisco nesse assassinato e nos outros por analogia", ressaltou o policial. "Ele é um maniaco, um psicopata e precisa de tratamento médico."

Rodrigues afirmou que o motoboy relacionava-se tanto com homens como com mulheres. De acordo com o travesti, ele e o companheiro faziam programas por dinheiro com outros parceiros.

O travesti contou ter brigado com Pereira no ano passado, por questões de ciúme. Revelou ainda que o ex-companheiro, quando ficava nervoso, costumava quebrar as coisas em casa. Ele, porém, ressaltou que só acreditaria na culpa de Pereira caso o motoboy confessasse os crimes pessoalmente.

O que pretendemos demonstrar com esses exemplos é que a notícia é individualizada – entre outras maneiras - pela forma com que os jornalistas citam a voz do outro no texto e na escolha de a quem - e de que forma - será permitido dar a voz. São elementos indicadores da autoria do texto e que sofrem a tentativa de controle pelo jornal. A utilização dos verbos dicendi, introdutórios dos discursos de terceiros, como classificadores das afirmações ditas no texto pode ser encarada como um exemplo da opinião do autor no texto, e por isso é controlada pelo jornal.

## 5 O ENUNCIADO E O LEITOR DO JORNAL

De acordo com BAKHTIN (1997, p. 279), o enunciado é uma instância da comunicação verbal, que “reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma das esferas da atividade humana – não só pelo conteúdo (temático) e pelo seu estilo verbal [...] – mas também, e sobretudo, pela construção composicional”. Assim sendo, o enunciado jornalístico não pode simplesmente ser analisado de maneira isolada, o objeto de estudo deve ser o todo acabado e com um efeito de sentido condizente com o perfil da comunicação de massa, ou seja, o conceito médio apreendido pela sociedade.

Na análise sobre sua produção, um dos elementos essenciais é a relação com os demais enunciados que circulam na esfera em que a notícia foi produzida, o que tornaria possível afirmar, então, que o enunciado é uma resposta a outros que vieram anteriormente e, ao mesmo tempo, é instigador de enunciados novos, com os quais se entrelaça e interage, compondo assim o processo da comunicação verbal. Conforme BAKHTIN (ibid, p. 317)

“(...) com muita frequência, a expressividade do nosso enunciado é determinada – às vezes *nem tanto* – não só pelo teor do objeto do nosso enunciado, mas também pelos enunciados do outro sobre o mesmo tema aos quais respondemos, com os quais polemizamos; são estes últimos que determinam igualmente a insistência sobre certos pontos, a reiteração, a escolha de expressões mais contundentes (ou pelo contrário, menos contundentes), o tom provocante (ou conciliatório)”

Ao produzir uma notícia, o jornalista busca responder a todos esses enunciados que compõem o nosso mundo. Essa sua resposta é o resultado da educação que teve, dos conceitos e pré-conceitos que adquiriu, do meio sócio-econômico a que pertence, das aspirações pessoais e profissionais. É esse caldeirão de vozes sociais que permitem ao enunciado ser como ele é e não de outra forma.

Para podermos compreender melhor como se dá a constituição do enunciado, entretanto, faz-se necessária uma redução no campo de estudo e para isso pretendemos abordar primeiramente o enunciado inserido na questão do gênero a que ele pertence, seguindo ainda o raciocínio bakhtiniano.

De acordo com BAKHTIN (ibid), todas as esferas da atividade humana são representadas pelos enunciados mas, quando eles passam a ser relativamente estáveis, tornam-se gêneros de discurso. Isso faz com que a variedade desses gêneros seja infinita, como afirmou o próprio autor, uma vez que esse repertório diferencia-se e amplia-se à medida em que as próprias esferas da atividade humana evoluem.

Dentro do jornalismo apenas seria possível distinguir inúmeros gêneros de discurso, mas o que nos interessa para a análise é o que vamos denominar de 'noticioso informativo', isto é, um tipo de enunciado que utiliza a mais elementar forma de produção textual jornalístico. Nesse gênero, o texto normalmente é uma narrativa de um acontecimento e não há opinião explícita do repórter a respeito do fato. A estrutura obedece ao padrão da pirâmide invertida na qual os aspectos mais importantes da notícia são colocados no início do texto, também chamado de lide (contém respostas às questões *O quê? Quem? Quando? Como? Onde? Por que?*), para depois se desenvolver a narração do fato.

Esse tipo de gênero é considerado por BAKHTIN como secundário. O autor russo classifica os gêneros de discurso em dois níveis – primário e secundário. A diferença essencial entre eles está no fato dos gêneros secundários aparecerem em circunstâncias de uma comunicação cultural mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita, como é o caso da notícia de jornal.

“Durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstância de uma comunicação verbal espontânea. Os gêneros primários, ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma

característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade de enunciados alheios [...]"

Na notícia cotidiana, essa apropriação do gênero primário – entrevistas, diálogos, documentos oficiais - é fundamental para a interpretação dos fatos e para dar veracidade ao conteúdo informacional, conforme foi visto no capítulo anterior. A forma mais comum desse tipo de relacionamento foi mencionada anteriormente, quando enfatizamos a apropriação, em determinados momentos, da voz do outro pelo jornal (o grifo é nosso):

"(...) No dia em que desapareceu, 10 de janeiro passado, a vendedora Raquel Mota Rodrigues, 23, telefonou para a prima e disse ter encontrado um "rapaz muito legal" que lhe havia feito o convite de posar para fotos que seriam usadas em catálogos de cosméticos. A prima tentou dissuadi-la, mas Raquel acreditou na proposta e disse que as fotos seriam feitas num estúdio na divisa de Diadema com São Paulo. O corpo da vendedora foi achado em 29 de janeiro. (...)" (FSP, 10/07/98, Cad.3, pág. 6)

(...)Elizabeth relatou o desaparecimento de sua filha Ivani Cristiane do Nascimento, 22, ocorrido há 27 dias. Ela afirmou que um dia antes de sumir, Ivani disse ao irmão que havia conhecido um homem que a convidara para posar para fotografias. Sua filha morava em Guarulhos (Grande São Paulo) e sonhava ser modelo fotográfico. Havia ganho um concurso de miss num bairro da cidade". (FSP, 17/07/98, Cad. 3, pág. 5)

Entretanto, essa apropriação da voz do outro sofre influência direta do querer dizer do autor, que pode enfatizar determinados aspectos do que foi dito em detrimento de outros. Essa escolha é feita com base nos diversos enunciados sociais que compõem o espectro social no qual se insere o jornalista. É nesse momento que ele demonstra seus conceitos e pré-conceitos que, muitas vezes, conscientemente não os admite.

Em ambos os trechos acima, a interpretação mais visível do texto é a de que o sonho de se tornar modelo foi a causa da morte de duas das vítimas do Maníaco do Parque, uma vez que elas acompanhariam alguém que haviam conhecido há muito pouco tempo, pois desejavam "aparecer", tornar-se modelos e serem reconhecidas, para citar apenas algumas formas de como poderia ser abordado o comportamento das vítimas. Quais são os enunciados difundidos socialmente e que permeiam essa narrativa? Um deles é o que aponta as mulheres

como seres muito vaidosos e que buscam incessantemente o reconhecimento pela beleza. Outro enunciado presente é o de que não se deve sair com estranhos.

A partir dessa interpretação, podemos afirmar que um dos possíveis efeitos de sentido extraídos do texto é o de que a vaidade nas mulheres seria uma característica tão forte, a ponto de fazer com que elas descuidassem de sua própria segurança pela oportunidade de serem fotografadas, o que as teria levado à morte. Ou seja, elas morreram por serem vaidosas. Ao aproveitar esses conceitos difundidos socialmente, os jornalistas criaram uma identificação mais forte entre a notícia e o público leitor e passaram a estimular a produção de notícias sob esse enfoque, evitando ou tentando evitar com que o caso "esfriasse".

Toda essa enunciação tem por finalidade atingir um determinado público, que pode ser uma única pessoa, um grupo específico ou mais abrangente, ou simplesmente pode ser o alocutário presente na mente do locutor. Esse elemento é fundamental para se definir os recursos lingüísticos e jornalísticos a serem usados na produção da notícia.

É possível perceber cada vez mais a preocupação dos veículos com a reação de seus públicos ao noticiário, o que tem provocado uma resposta por parte dos veículos aos anseios de seus leitores<sup>17</sup>. Como BAKHTIN (1997, p. 291) explica, uma vez que toda compreensão necessita de respostas e as produz, seja diretamente como um ato ou como uma compreensão responsiva de ação retardada, em que “cedo ou tarde, o que foi ouvido e compreendido de modo ativo encontrará um eco no discurso ou no comportamento subsequente do ouvinte”, que é a repercussão esperada pelos meios de comunicação.

Mesmo que os jornalistas nunca tenham ouvido falar de BAKHTIN ou do que ele chamou de "compreensão responsiva de ação retardada", é isso que se busca ao se produzir

---

<sup>17</sup> Com a internet essa característica é ainda mais perceptível pois o jornal permite que o próprio leitor intervenha no texto ou que o comente, assim que o ler, com o autor ou responsável pela veiculação da notícia. Nos veículos impressos isso pode ser constatado pela abertura maior dada aos leitores com a criação de cargos de ombudsman ou a ampliação do espaço para que o público debata os assuntos que acredita serem mais relevantes.

uma notícia em seqüência, pois o jornal sempre reforça a sua visão dos fatos e praticamente exige uma resposta do leitor. Poderíamos considerar, por esse raciocínio, que o texto de jornal é profundamente influenciado por todas as vozes relacionadas ao fato noticioso e também sofre a influência das vozes que compõem a nossa memória social.

Isso não quer dizer que todos os veículos adotem a mesma cobertura ou o mesmo perfil de informação. Justamente pelo fato da linguagem ser múltipla, os textos produzidos e as formas de relatar a notícia também o são, o que determina em parte o estilo e a linha editorial de cada veículo de comunicação.

Por exemplo, enquanto grande parte dos jornais iniciou a cobertura optando pela ênfase na vaidade e na inocência das moças, o Estado de São Paulo preferiu inicialmente dar destaque à informação contrária, do pai de uma das vítimas, que dizia ser a moça “muito esperta” e que deveria ter sido obrigada a acompanhar o criminoso. Entretanto, talvez por perceber a movimentação da concorrência, nas reportagens seguintes voltou-se para a questão da ingenuidade/ignorância, frisando que diversas mulheres foram vítimas da mesma história, uma espécie de “conto do vigário” em que se explora a vaidade feminina (o grifo é nosso).

“(...) Antônio Queiroz, pai da balconista, contou que a filha deve ter sido forçada a acompanhar o assassino. Selma concluíra o 2º grau, tinha planos para entrar na faculdade de Ciências Contábeis e segundo ele, “era muito esperta”. (...)” (OESP, 10/07/98)

No caso que estamos estudando, as vozes sociais relacionam-se basicamente a alguns grupos, que optamos por chamar de eixos identificatórios: “polícia/autoridade, criminoso/suspeito e vítimas/parentes”. Esses eixos são as grandes linhas que embasaram a produção das reportagens e pelas quais se pode perceber mais claramente a presença do enunciado jornalístico, atuando como fator estruturante do mundo.

---

Muda-se, assim, a perspectiva a partir da qual se deve olhar a notícia, uma vez que não estamos tratando de apenas um exemplar pontualmente determinado, mas de um conjunto deles, uma série de notícias que compõem um grande enunciado a respeito do maníaco do parque, de suas vítimas e de todos os outros envolvidos. Durante o processo, o jornal e seus jornalistas repensam, revisam e renovam seus enunciados parciais, descobrindo ou reforçando conceitos anteriores aos quais os atuais passam a estar vinculados. Altera-se assim a relação com o leitor pois, apesar da atitude responsiva ativa do público ser construída a cada dia durante toda essa imensa narrativa, apenas na cobertura completa, quando se exaure o tratamento do objeto, é que se possibilita, finalmente, uma resposta plena da sociedade e a compreensão do que foi passado pela imprensa através de seus textos.

## 5.1 O QUERER-DIZER NO JORNAL

Para tratarmos da questão do estilo, é necessário que façamos antes algumas considerações a respeito da relação existente entre a composição textual e o enunciado. Adotamos como ponto de partida o querer-dizer do jornal e do jornalista, através de sua perspectiva de abordagem da notícia, por acreditarmos ser essa uma característica fundamental para a produção de qualquer texto. Não é possível esquecer que essa busca de um determinado efeito de sentido sofre os efeitos do controle exercido pelo veículo de comunicação na produção jornalística, o que influencia na forma de abordagem do assunto.

O jornalista escreve o texto tendo em mente a intenção de passar um determinado conteúdo a quem acredita ser o público leitor do veículo em que trabalha. Como frisamos anteriormente, entretanto, esse material vai sendo modificado ao longo da edição e torna-se um produto identificado também ao jornal – que se utiliza de vários outros recursos em sua tentativa de ter a notícia compreendida de maneira adequada à sua linha editorial.

De acordo com BAKHTIN (1997, p.300), esse querer-dizer é que “determina o todo do enunciado: sua amplitude, suas fronteiras”. O jornalista projeta esse todo na cobertura do fato e só depois é que passa a selecionar os recursos expressivos, buscando seguir as orientações do jornal na interpretação do material produzido. Na produção de notícias para um jornal diário, podemos considerar de duas formas esse querer-dizer que tanto pode estar relacionado com a notícia que circula em apenas um dia, quanto com aquela que se mantém em evidência por mais tempo.

No caso da análise da edição diária, a seleção de recursos lingüísticos realizada pelo jornalista fica mais restrita ao texto da notícia, trabalhando basicamente com o estilo, uma vez que tem como elemento principal de trabalho o texto e fotos ou gráficos que complementam o material textual. Outros recursos poderiam ser classificados como jornalísticos, como o destaque dado à notícia e seus efeitos imediatos: o tamanho do título e a disposição na página do jornal, a chamada na capa, utilização de fotos e boxes explicativos, entre outros.

Quando olhamos para um conjunto de edições em que seguidamente foram veiculadas notícias a respeito de um único caso ou fato, podemos incluir como elementos componentes da elaboração do enunciado a produção de notícias complementares sobre os envolvidos, as retrospectivas, comparações, análises e depoimentos de especialistas, além dos recursos utilizados no dia-a-dia e especificados acima.

Cria-se assim melhores condições de interpretação aos leitores e permite-se maior interação entre eles e o jornal, uma vez que, devido ao seu perfil de produção, normalmente, a cobertura seqüenciada tem maior repercussão na sociedade. Entretanto, faz-se necessário estudar primeiramente a notícia do dia, para depois encaixá-la em uma cobertura mais ampla.

A notícia diária também se realiza mediante um enunciado, não tão completo ou tão complexo quanto o de notícias em seqüência, mas também sujeito ao padrão do jornal. Como há um controle maior sobre o que é produzido em cada edição, a escolha dos elementos

componentes da notícia pode ser mais seletiva e detalhada, pois, a princípio, cabe ao repórter relatar um fato. E esse relato vai sendo modificado e adequado à linha editorial do jornal, até que esteja pronto para ser publicado. Além disso, controlar ou dirigir a publicação de um único dia é mais tranquilo que exercer essa função durante uma cobertura.

Sendo assim, a notícia diária seria o elemento básico para analisarmos os fatos de estilo, mas podemos adotar o mesmo padrão para o todo que é enunciado em uma seqüência de notícias, como é o caso do maníaco. Mas, não pretendemos nos ater à forma de veiculação ou produção das matérias, apesar de sabermos que isso influencia diretamente a reação do leitor. Conforme afirmou POSSENTI (1988, p. 50),

“não se trata, pois, apenas, de estabelecer relações entre formas, mas de descobrir por quais procedimentos (entre os quais as regras gramaticais, mas não só) se dá a atividade discursiva. (...). A questão fundamental é: como, um sistema lingüístico indeterminado, pode-se, em circunstâncias dadas, produzir-se um discurso com exatamente tal forma e tal interpretação. E, dado que há, em geral, possibilidade de mais de uma interpretação, por quais mecanismos se chega eventualmente a determinar a interpretação desejada ou as interpretações possíveis”. (págs. 49/50)

O primeiro dado a analisar é: em que condições o leitor recebe a mensagem. Ela chega até ele todos os dias envolta em um “manto de verdade”, representado pelo enunciado do jornal, que confirma e é confirmado pelas notícias dos outros meios e pelo círculo de relacionamentos do indivíduo. Essa situação permite ao jornal incorporar determinados conceitos que foram tratados por outros veículos de comunicação. Observemos que, à medida em que o caso evolui, a produção da notícia diária considera como fatos consumados informações que lhe pareçam coerentes, mas que, muitas vezes, não têm a confirmação oficial. Além disso, a possibilidade de trabalhar com notícias que tenham repercussão e chances de serem produzidas notícias seqüenciais é determinante no resultado final do texto jornalístico diário.

### 5.1.1 Assumindo a Voz do Outro

Entretanto, dependendo do contexto em que esteja sendo produzida essa notícia – se é um fato isolado ou se pode gerar "suíte"<sup>18</sup> ou ainda se é a própria "suíte" (trataremos desse assunto no tópico 3.2) - o jornal arrisca-se mais ou menos na apropriação do discurso do outro. No dia 09 de julho de 1998, quando foram ligados aos quatro corpos que haviam sido encontrados dois dias antes, mais dois que foram achados no início do ano, a Folha de S. Paulo (FSP, 09/07/98, p. 3-8) utilizou o seguinte sobretítulo: “Outras 2 vítimas foram achadas sem roupas e PM fará varredura no parque; ação de maníaco é a principal suspeita”. No dia seguinte, o texto confirmava que a polícia suspeitava existir um maníaco sexual e no dia 11 de julho, o título do texto já dava como certa a existência de um maníaco: “Polícia busca sobrevivente de maníaco” (FSP, 11/07/98, p. 3-8<sup>19</sup>) Após assumir no título a existência de um maníaco, o jornal volta a afirmar - pela última vez durante a cobertura - que isso é uma suspeita da polícia - “A principal suspeita da polícia é que os seis crimes estejam ligados e que o assassino seja um maníaco sexual” (ibid).

Depois disso a Folha passa a considerar como certa a existência de um maníaco, sem que essa versão tenha sido – ao menos explicitamente – referendada pela polícia, a quem era atribuída qualquer referência à qualificação, antes de haver evidências mais conclusivas a respeito. Nesses trechos é possível observar que, após ser constatado que existe um maníaco sexual - através de fatos, de declaração da polícia, por dedução ou semelhança ou qualquer outro método - o jornal simplesmente abandonou a referência à fonte, assumindo como sua tal informação.

---

<sup>18</sup> “Ato ou efeito de desdobrar uma notícia já publicada anteriormente pelo próprio veículo ou por outro órgão de imprensa. Técnica de dar continuidade à apuração de um fato (já noticiado) que continue sendo de interesse jornalístico, mediante acréscimo de novos elementos para a publicação de notícias atualizadas” (RABAÇA e BARBOSA, 1998, p. 550).

<sup>19</sup> A numeração foi colocada dessa forma, de maneira a permitir a localização exata da notícia no jornal. O primeiro número corresponde ao caderno no qual ela foi publicada, e o segundo, à página.

No caso do Estado de S. Paulo<sup>20</sup>, as referências ao criminoso do Parque do Estado são um pouco diferentes da Folha, e mais cautelosas, mas o jornal age da mesma forma apontando qualquer indício da existência de um assassino serial como suspeita da polícia. De acordo com o jornal, em 08 de julho de 1998, “os policiais acreditam na possibilidade de haver apenas um homicida [...]” e essa caracterização – ou a de assassino - é adotada em todos os textos até o dia 11 de julho, quando o Estadão veicula pela primeira vez a existência de um maníaco em título: “Mulher que fugiu de maníaco é principal pista”<sup>21</sup>. No dia 12, mudou a forma de tratar o assassino, mas trocou-a por outra expressão de forte impacto: “Matador do parque tem retrato falado” e no dia 14, voltou ao maníaco: “Mais 3 vítimas de maníaco prestam queixa”. Entretanto, é interessante observar que o jornal só começa a relacionar o caso com um maníaco no corpo do texto das notícias a partir do dia 18 de julho, quando afirma existir um “suspeito de ser o maníaco do Parque do Estado”. Antes disso utilizou apenas as qualificações homicida ou assassino.

### 5.1.2 O Conhecimento compartilhado

Contribui também para a produção das notícias cotidianas o conhecimento prévio que o leitor tenha do assunto, como podemos observar quando a revista *Veja* inicia a cobertura do caso em 29 de julho de 1998 (p. 90/91) trazendo o título “O maníaco do parque” e explica logo sua opção: “nas últimas três semanas, não foi outro o assunto na capital paulista. Surgiu, então, um assassino em série digno de filme americano, logo apelidado de “maníaco do Parque do

---

<sup>20</sup> Todos os fragmentos de textos foram tirados de notícias do caderno Cidades, através do site do jornal onde não constam os números das páginas.

<sup>21</sup> É interessante observar que o jornal utilizou nesses exemplos a preposição desacompanhada do artigo definido, o que dá um caráter genérico ao maníaco. Posteriormente, quando se aproxima a identificação do criminoso e se assume a existência do serial killer, o jornal passa a adotar o *do*, individualizando o criminoso. Entretanto, nos frustramos ao observar que isso foi uma coincidência e não uma estratégia textual deliberada do jornal, pois ao longo da cobertura ele oscila o uso da preposição com ou sem artigo aleatoriamente.

Estado". Ou seja, após 21 dias desde o início da divulgação do caso nos jornais - e provavelmente também em rádio e televisão, que veiculam notícias diariamente - a revista sentiu-se segura o suficiente para colocar um título que, apesar de não corresponder a fatos, mas a suspeitas até aquele momento, seria perfeitamente compreendido pelos seus leitores.

Podemos considerar então que o autor, dadas as condições de produção e o contexto em que escreve, seleciona os elementos lingüísticos e extra-lingüísticos como a pressuposição do conhecimento prévio por parte do leitor, entre outros, para "informar, impressionar, identificar-se, convencer, obter uma resposta, etc" (POSSENTI, 1998, p. 59) de seu público. Não é por outro motivo que o criminoso responsável pelas mortes foi apontado como suspeito, maníaco, matador, homicida e suas vítimas caracterizadas como mulheres ingênuas, como já citamos anteriormente. Conforme afirmou POSSENTI (ibid),

“[...] dizer que o falante constitui o discurso significa dizer que ele, submetendo-se ao que é determinado (certos elementos sintáticos e semânticos, certos valores sociais) no momento em que fala, considerando a situação em que fala e tendo em vista os efeitos que quer produzir, escolhe, entre os recursos alternativos que o trabalho lingüístico de outros falantes e o seu próprio, até o momento, lhe põem à disposição, aqueles que lhe parecem os mais adequados” .

É importante frisar que, apesar de o jornal dispor de todos os fatores lingüísticos e extra-lingüísticos aos quais tenha acesso, a forma é um alicerce fundamental na construção do efeito de sentido pretendido no texto. Entretanto, não vemos como separá-la do contexto, uma vez que ela influencia e é influenciada por ele.

### 5.1.3 A Ordenação dos Dados

Devemos analisar os vários fatores afeitos ao aspecto textual da forma adotada pelo autor na produção da notícia e o primeiro deles talvez deva ser o da definição sobre a seqüência

---

com que os dados são apresentados e as relações que sua disposição estabelecem entre as personagens envolvidas e o público leitor. Sob o título “O acusado”, em letras maiores, a Folha de S. Paulo, no dia 29 de julho de 1998 (p. 3-1) informa que “- O motoboy Francisco de Assis Pereira, 31, morava no Brás (centro de São Paulo). Era patinador”.

Em seguida, na mesma página, o jornal descreve a forma de proceder do assassino do parque com o título “Como age o maníaco”, seguido da estratégia de atração das vítimas ao local dos crimes. O raciocínio mais fácil e lógico ao leitor é fazer a ligação entre a ação e a personagem. Dessa forma o jornal vai relacionando subliminarmente o suspeito com o assassino, que é um maníaco, na concepção do próprio jornal.

#### 5.1.4 A Estrutura Frasal

Além da forma, o papel da sintaxe no texto noticioso, isto é, a estruturação frasal adotada na tentativa de obter determinado efeito, também é bastante relevante. Podemos recorrer a uma análise comparativa dos títulos<sup>22</sup> das notícias de cada jornal e com isso exemplificar as diferentes posições assumidas pelos veículos, na divulgação do caso, reveladas através das escolhas lexicais na composição dos enunciados de suas manchetes.

“No nível específico da sintaxe, por forma entende-se basicamente as diversas modalidades pelas quais uma sentença se dispõe perceptivelmente ao interlocutor, denunciando seu modo de estruturação. Assim, a ordem e o léxico, marcadores do ponto de vista do locutor, mais do que, ou pelo menos tanto quanto a informação enquanto tal veiculada sobre um fato ou uma cena, não podem ser desprezados. Neste nível, estes são os fatores constitutivos do estilo (das sentenças) e, em meu ponto de vista, não existe neutralidade de transformação ou de ordenação diversa (segundo a teoria que se adote), pois não se aceita aqui a hipótese de que existem duas maneiras de dizer a mesma coisa” (POSSENTI, 1988, p. 118)

<sup>22</sup> “De acordo com o Novo Manual de Redação da Folha de São Paulo (1992), o título é de alta importância, pois a maioria dos leitores de um jornal lê apenas os títulos dos textos editados, por isso ou o título é tudo o que o leitor vai ler sobre um determinado assunto ou será o fator que determinará a leitura ou não do texto integral por esse leitor” (LONARDONI, 1999, p.112). Sobre a composição e importância dos títulos, o Manual de Redação e Estilo (1990) do jornal O Estado de São Paulo, dedica aproximadamente sete páginas (p. 75 a 82).

Em sua primeira menção sobre o que viria a ser o caso do maníaco do parque, em 08 de julho de 1998, a Folha de S. Paulo enfatizou o encontro dos quatro primeiros corpos no título da matéria - "Polícia acha 4 corpos em parque de SP" - e no subtítulo, iniciou a relação entre violência e sexo, tão atraente e cara ao leitor - "Investigadores do caso suspeitam de que quatro mulheres foram vítimas de crime sexual". No segundo dia, fica clara a postura do jornal em utilizar-se dos títulos para atrair leitores, ao afirmar que "Mulheres achadas mortas no parque já são 6", dando a entender que duas novas vítimas haviam sido encontradas após a descoberta dos quatro corpos. No subtítulo há essa mesma intenção e, além de relembrar a questão sexual, também começa a tratar o criminoso como suspeito de ser um maníaco - "*Outras 2 vítimas foram achadas sem roupas e PM fará varredura no parque; ação de maníaco é a principal suspeita*".

O que mais nos chama a atenção nesse caso é o fato de a Folha de S. Paulo ocultar que as duas vítimas que se somaram às quatro encontradas pela polícia haviam sido encontradas há vários meses. Agora havia sido levantada a hipótese de haver relação entre os crimes. Considerando que o jornal é um veículo diário, com notícias recentes, ao dizer que "Mulheres achadas mortas no parque já são 6", apenas um dia após ter noticiado que a polícia havia encontrado quatro corpos, leva o leitor a deduzir que dois corpos foram descobertos por último e não por primeiro.

É clara a intenção do autor em ampliar o número de vítimas sem perder a relação temporal entre elas, mantendo uma ligação mais imediata entre as mortes e tornando o caso mais sensacional. A explicação do fato ocorre apenas no corpo do texto<sup>23</sup>. Observe-se que o jornal, através de estratégias como deturpar a questão do tempo de ocorrência dos fatos e

---

<sup>23</sup> No segundo parágrafo consta - "Essas duas outras mulheres foram achadas mortas em janeiro e em maio, mas só ontem foram relacionadas às outras vítimas" -, após reafirmação no parágrafo inicial do fato de que os dois

destacar o viés sexual dos crimes, pretende direcionar a compreensão do leitor e prendê-lo pelo sensacionalismo, pelo lado incomum da notícia.

Por outro lado, também em 08 de julho de 1998, o Estado de S. Paulo preferiu enfatizar o mistério sobre a morte de quatro mulheres – “Morte de 4 mulheres é mistério para polícia” – e, no subtítulo, foi mais comedido e elucidativo que seu concorrente: “Os corpos de duas foram encontrados no fim de semana e os das outras duas, na noite de anteontem, em local de difícil acesso no Parque do Estado, zona sul da capital. Policiais acreditam na existência de um só assassino”. No segundo dia, o jornal priorizou a identificação de uma das mulheres – “Balconista é uma das vítimas do caso do parque” – e o subtítulo descreve como ocorreu o crime, que poderia tanto ser um latrocínio ou um seqüestro e assassinato: “Selma Ferreira Queiroz, de 18 anos, morta por estrangulamento, saiu de casa em Cotia para fazer exame médico e desapareceu. Assassino ligou para o pai da moça pedindo senha de cartão e R\$ 1 mil de resgate”.

### 5.1.5 A Escolha do Ângulo

Observa-se que não é apenas no aspecto lexical ou de ordenação dos dados que os textos desses jornais não coincidem, também há uma significativa diferença no enfoque inicial, dado à cobertura do caso. A Folha imediatamente busca relacioná-lo com crime sexual e com um maniaco, enquanto o Estado dá a impressão de tratar os crimes com certo distanciamento. Apenas no dia 11 de julho é que esse jornal cita o maniaco em título, mas enfatizando que uma mulher conseguira fugir dele – “Mulher que fugiu do maniaco é principal pista”. No mesmo dia, a Folha de S. Paulo mostra que a polícia está atrás do criminoso e quem escapou do maniaco não apenas fugiu, mas sobreviveu a um acontecimento atroz, como um atentado, uma tentativa de assassinato – “Polícia busca sobrevivente de maniaco”.

---

cadáveres foram encontrados sem roupa, do número de mortos e da data em que os outros quatro corpos foram encontrados.

Dessa forma podemos perceber como, nesses dois casos, foram trabalhados os recursos lingüísticos para a obtenção de determinado efeito, seja buscando provocar a repercussão do assunto ou a volta ao jornal para ser alimentado com novas informações. Conforme afirma POSSENTI (1988, p. 158), “[...] se o locutor busca, dentre os possíveis, um dos efeitos que quer produzir em detrimento dos outros, terá que escolher dentre os recursos disponíveis, terá que “trabalhar” a língua para obter o efeito que intenta. E nisto reside o estilo, no como o locutor constitui seu enunciado para obter o efeito que deseja”.

Também devemos acrescentar o suspense gerado pela falta de um desfecho, provocando cada vez mais a curiosidade sobre o assassino. De acordo com ERBOLATO (1991, p. XX) “há assuntos que levam o leitor a procurar os jornais diariamente, a fim de saber se houve solução para determinados casos, que chegam a provocar expectativa ou suspense”. Também é o caso do noticiário a respeito do maníaco do parque, pois a forma como foi abordada a fuga, a descoberta de novas vítimas e as revelações parciais sobre os crimes, bem como a seqüência de depoimentos dos envolvidos, fizeram com que houvesse ambiente propício o suficiente para despertar a curiosidade da população pela solução do caso. Some-se também a repercussão do caso em todos os meios de comunicação e então teremos o ambiente propício para dar continuidade às notícias sobre os crimes.

## 5.2 A NARRATIVA SEQÜENCIADA OU SUÍTE

As notícias em seqüência, muito mais que apenas levar em consideração o conhecimento prévio do leitor, desenvolvem o que chamaremos de “grande enunciado” a respeito de determinado assunto. Isso acontece porque a cobertura é mais ampla, ou seja, desenvolve-se melhor o tema e suas diversas nuances, são inseridas outras personagens que, em um relato diário,

---

normalmente não seriam ouvidas, estabelecendo novas relações de significação com o foco da notícia. Normalmente nas suítes faz-se uma retrospectiva do que foi veiculado na imprensa até aquele momento sobre o assunto, pelo menos os casos e personagens de maior destaque ao longo dos anos, permitindo a contextualização histórica da notícia.

Neste tópico, pretendemos demonstrar como o estilo escolhido pelos jornais na veiculação das informações, ao longo da cobertura, influencia a formação do “grande enunciado” sobre o maníaco do parque. Para isso quantificaremos e qualificaremos as notícias complementares àquelas que trataram diretamente do crime, do criminoso, das autoridades e das vítimas, bem como sua ordem de entrada nessa grande narrativa.

Acreditamos que o uso de matérias complementares, bem como a definição de sua ordem de entrada, pode ser encarado como mais um dos traços da presença do autor na construção do sentido, por ter ele escolhido uma entre diversas possibilidades de elaboração desse grande enunciado. Parodiando POSSENTI<sup>24</sup> (1988, p. 157), isso equivale a dizer que, de certa maneira, o jornal escolhe uma estratégia dentre algumas disponíveis (ou cria alguma alternativa) para apresentar o caso de certa forma, seja propositalmente colocando em perspectiva uma certa utilização de determinado referencial seja estruturando intuitivamente a cobertura. Essa diferença marcou o início da cobertura do caso nos jornais Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo, como vimos no tópico anterior, mas acabou minimizada no decorrer dos dias, transformando-se em uma cobertura muito semelhante.

Em 1998, a Folha produziu aproximadamente 80 matérias tratando especificamente do maníaco do parque e de suas vítimas, foram feitas 08 reconstituições, traçados dois perfis e publicadas 41 matérias correlatas (incluindo quatro cartas de leitores e uma edição da Revista

---

<sup>24</sup> “equivale a dizer que, de certa maneira, o cientista escolhe uma linguagem dentre algumas disponíveis (ou cria alguma alternativa) para representar o fenômeno de certa forma, seja esta forma a estruturação de uma intuição, seja a colocação em perspectiva de uma certa utilização preferencial da estruturação do fenômeno” (p. 157)

da Folha sobre a síndrome de modelo). Somente 12 dias após o início da cobertura, após serem noticiadas a descoberta dos corpos, a ligação dos crimes com um maniaco, a identificação do principal suspeito e sua suposta fuga para o Paraguai é que surge a primeira notícia complementar. Em uma matéria com os pais do motoboy, em 20 de julho de 1998, eles afirmam não acreditar que seu filho seja o maniaco: “Família não crê que motoboy seja o maniaco”, tituló a Folha.

Oito dias após essa notícia - e a divulgação de novas provas e da incessante busca do suspeito - o jornal volta a produzir matérias sobre a imagem de Francisco de Assis Pereira, primeiro com ex-colegas de trabalho – “Ele era um Don Juan do Brás” – sobre as características de conquistador do criminoso e depois novamente com a mãe – “Mãe diz que motoboy precisa de tratamento” – sobre a necessidade de tratamento médico do filho, caso ele tenha cometido os crimes. Ainda antes da polícia prender o suspeito de ser o maniaco, foram notícias os fatos de que ele poderia ter um filho no interior (30/07), que uma das desaparecidas tinha feito book de fotos (02/08), que convite para ser modelo envolve riscos e que sonho de modelo expõe garotas à violência (02/08 – com chamada na Primeira Página), e uma reportagem especial sobre o sonho de ser modelo levar jovens a aceitar propostas de desconhecidos (Revista da Folha, 02/08).

Além das notícias sobre o caso, os jornais aproveitam as matérias correlatas - que não se referem diretamente ao cerne do caso, mas que contribuem muito para sua compreensão - com a finalidade de compor o “grande enunciado” a respeito do maniaco do parque e de suas vítimas. Pode-se notar pelos temas tratados nas matérias correlatas que há uma humanização do criminoso e uma tentativa de transformá-lo em conquistador, atribuindo parte da responsabilidade pelo ocorrido às próprias vítimas, subjogadas por sua vaidade/ingenuidade.

Vejamos agora como procedeu O Estado de São Paulo na produção de matérias correlatas às do crime. Foram veiculadas aproximadamente 123 notícias diretamente ligadas

aos crimes e/ou ao maníaco, mais 48 correlatas, sete cartas de leitores, uma opinião (Carlos Alberto di Franco sobre a síndrome de Cinderela), três cronologias e duas seções de frases do criminoso. Também foram feitas 10 matérias sem relação direta com o caso e que trataram basicamente da relação entre os advogados e a OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) e dados sobre a polícia de São Paulo.

Percebemos na análise das matérias complementares até a data da prisão de Francisco de Assis Pereira, que o jornal priorizou o aspecto da segurança em torno do Parque do Estado – “Vizinhas têm medo e pedem proteção” (09/07); “Para vizinhos, insegurança continua” (14/07); “Mata encanta e assusta quem passa por trilha” (16/07); “Moradores querem cercar o parque” (23/07) – enquanto as notícias sobre o crime não definiam o perfil do criminoso (maníaco, matador, assassino) e, sempre que se referia ao criminoso, designávamos-no de forma genérica – “Mais 3 vítimas de maníaco prestam queixa” (14/07).

As matérias correlatas também trataram dos sentimentos da mãe do motoboy, humanizando um pouco mais a cobertura – “Mãe pede que motoboy se apresente à polícia”<sup>25</sup> (28/07) - e dos perigos representados por cantada no estilo de “caça-talento” – “Mulher deve desconfiar de ‘golpe da modelo’” (29/07) -, ao mesmo tempo em que as notícias do crime divulgam a descoberta de novos corpos e dados sobre número e identificação das vítimas. Ainda antes da divulgação da prisão do maníaco, o jornal também deu destaque em suas matérias complementares, às produzidas sobre o caso, ao desamparo dos familiares das vítimas - “Angústia domina os dias de famílias de desaparecidos” (04/08).

Essa breve composição do que chamamos de “grande enunciado” apresentada acima, em breves trechos da Folha de São Paulo e do Estado de São Paulo, é composta ainda pelas matérias da revista Veja e do jornal Notícias Populares, que seguem linhas diferentes das

---

<sup>25</sup> Em subtítulo o jornal explica: “*Dona de casa afirma que só acredita na culpa do filho se ele confessar os crimes*”

adotadas pelos grandes jornais de São Paulo. A revista teve o maníaco como foco em duas grandes reportagens antes da histórica capa com o título “Fui eu” e a foto de Francisco de Assis Pereira e uma após a confissão. Após essa edição, foram publicadas apenas uma notícia sobre o caso e duas sobre o pagamento, pela Rede Globo, da reportagem veiculada no programa Fantástico, além de algumas notas. Por sua vez, o Notícias Populares enfatizou o lado mais bizarro dos acontecimentos e desde o início incriminou o motoboy e sugeria sua condenação. Nas reportagens que analisamos, foi dado muito destaque também ao relacionamento entre Francisco de Assis Pereira e o travesti Tainá, dado comentado superficialmente pelos outros veículos

Após apresentar todas as estratégias e estruturas utilizadas pelos jornais na produção de notícias e de que forma isso contribui para a mitificação de algumas figuras do mundo do crime, cabe agora demonstrarmos como isso ocorreu no caso do maníaco do parque, através das análises das notícias publicadas nos veículos acima citados.

## 6 ANÁLISE DOS DADOS

### 6.1 FORMA E CONTEÚDO

Consideramos prioritária na seleção e análise do material veiculado pela imprensa, a respeito do maníaco do parque, a abordagem dada ao que chamaremos de três grandes grupos de notícias: crime/criminoso, vítimas/parentes e autoridade/polícia. Além disso nos debruçamos sobre os enunciados produzidos pelo jornal, utilizando as vozes representativas desses grupos - além da sua própria - para construir o grande enunciado sobre o caso. A nossa hipótese é que o fato de alguns aspectos da notícia terem recebido maior ênfase que outros, em momentos diferenciados da cobertura, influenciou diretamente a compreensão do público e a criação da imagem mitificada do criminoso. Também acreditamos que o uso de elementos lexicais e a estruturação frasal foram fundamentais na produção dos enunciados e na sedimentação de tal imagem.

Sobre a relação entre conteúdo e forma POSSENTI (1988), comentando Granger, afirma que:

“[...] uma forma não espelha, não reflete, nem, por outro lado, cria um conteúdo: ela o suscita, o faz aparecer. E o caminho inverso também é relevante: um conteúdo suscita uma forma, isto é, “tem preferência” por uma certa expressão, exige um trabalho de escolha para encontrar a melhor maneira de fazer-se aparecer. Com isso, pressiona no sentido da seleção da forma. A idéia é que nenhum dos dois elementos preexiste a outro, nem é a coisa natural. São ambos fruto, de um certo ponto de vista, do trabalho coletivo que constitui os sistemas lingüísticos e culturais e, de outro, no discurso, de um trabalho do sujeito que os suscita numa relação precisa e determinada” (p. 171)

Essa idéia da não preexistência de forma ou conteúdo – além da maneira de visualizar e repassar os fatos à sociedade – permitiu o surgimento da definição de “maníaco”, substantivo comum transformado em adjetivo classificatório do assassino em série que figurou durante mais de 60 dias na crônica policial brasileira. Talvez o objetivo dos jornais fosse apenas transcrever as opiniões das autoridades ou estimular as vendas, mas é fato que

com isso, provocaram uma compreensão de certa forma direcionada sobre o caso ao identificarem o criminoso a uma determinada categoria de marginais - fato reforçado ao longo da cobertura. Ampliou-se assim, o interesse por sua história, construída dia após dia no segundo semestre de 1998.

Começaremos nossa análise pela construção da imagem do Maníaco do Parque, com o objetivo de mostrar como é que foi criada a identificação entre o criminoso e os conceitos que o designaram no decorrer da cobertura jornalística, e que provocaram maior ou menor relação entre ele e a comunidade. Então analisaremos os outros enunciados a respeito dos outros participantes da reportagem – vítimas e polícia – que contribuíram sobremaneira para a formação do grande enunciado a respeito do Maníaco do Parque, pois a forma (ordem e estrutura textual) e o conteúdo que enunciaram – e a partir dos quais foram enunciadas fazem parte da composição da imagem mitificada do criminoso.

Pensamos que, dessa maneira, possibilitaremos o entendimento a respeito da participação do texto da imprensa no complexo processo de construção de mitos e conceitos disseminados socialmente, sejam eles relacionados ou não ao crime. Começamos nosso estudo pela maneira como os jornais trataram o caso, a ligação estabelecida entre os crimes e um possível maníaco sexual e as estratégias de vinculação desse adjetivo ao suspeito.

A análise foi feita de duas maneiras: a primeira, que vai até o tópico 6.3 é relativa a um conjunto do que foi publicado pelos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo. Após esse primeiro estudo - que vai até a prisão do maníaco - nós optamos por dividir a cobertura de imprensa por veículo, para que o leitor pudesse verificar mais facilmente de que forma cada um realizou a cobertura do evento.

## 6.2 O INÍCIO DA COBERTURA

A primeira vez que a Folha de S. Paulo veicula a possibilidade de existência de um maniaco sexual é apenas como uma suspeita da polícia, quando da descoberta de quatro corpos de mulheres no Parque do Estado: “A polícia suspeita de que as vítimas tenham sido violentadas e de que os assassinatos tenham sido cometidos por uma mesma pessoa. A principal suspeita do DHPP (Departamento de Homicídios e de Proteção à Pessoa) é que um maniaco sexual esteja agindo na região.” (08/07/98, p. 3-5). Mas apenas no dia seguinte o jornal fornece a explicação para tal crença: “porque elas foram mortas no mesmo lugar, porque seus corpos foram deixados despídos (três vítimas estavam só com a calcinha e uma com os sapatos) e por causa dos sinais de violência sexual.” (09/07/98, p. 3-5).

Cria-se assim um clima de suspense, pois as informações vão sendo passadas paulatinamente, o que provoca a curiosidade do leitor. A estratégia é involuntária, provavelmente, mas é o primeiro apelo para que o caso repercuta na mídia.

O Estado de S. Paulo, por sua vez, não iniciou a cobertura divulgando a possibilidade de existência de um maniaco sexual e também divulgou essa suspeita da polícia. A opção feita foi por caracterizar o criminoso como um homicida, elemento mais comum na crônica policial, além de não descartar a possibilidade de existirem vários envolvidos: “Os policiais acreditam na possibilidade de haver apenas um homicida, pela maneira como os corpos foram deixados. A polícia também acha que, com a identificação das vítimas terá condições de chegar ao criminoso – ou criminosos”. (08/07/98 ). No segundo dia, o Estado desiste de adotar a possibilidade de existirem vários criminosos e passa a trabalhar com a existência de um único bandido. Entretanto, o perfil do criminoso continua a ser enquadrado no de um homicida e não no de um maniaco sexual: “queria dinheiro para comprar drogas [...] e que deve ser um ladrão que usa os cartões de crédito e

mata as mulheres na mata do Parque, ficando com as roupas e os documentos”, (09/07/98).

A cobertura feita pelo Estado de S. Paulo nos primeiros dias pouco contribuiu para chamar a atenção para o criminoso, pois os assassinatos foram abordados como uma questão de segurança e violência, até certo ponto comuns aos grandes centros, dado o local onde foram encontrados os corpos. Diferentemente, a Folha procurou provocar a “humanização” do caso, isto é, são relatadas características das pessoas envolvidas, o que de certa forma inicia o processo de formação da imagem do suspeito, que começa logo após a identificação da primeira vítima. Como a Folha fez isso: relatando que a garota teria ligado para uma prima, dizendo “ter encontrado um ‘rapaz muito legal’ que lhe havia feito o convite de posar para fotos, que seriam usadas em catálogos de cosméticos” (10/07/98, p. 3-6), utilizando a caracterização feita por uma terceira pessoa para atribuir uma característica subjetiva ao criminoso e criando, novamente, certa expectativa, agora não sobre o caso, mas sobre o bandido. Inicialmente, percebemos que o jornal o trata como um criminoso sedutor, tese reforçada pelas autoridades (representada aqui pela polícia) no quarto dia seguido de notícias sobre o caso. Pela primeira vez, relaciona-se o maníaco a uma figura real, dando-lhe certa materialidade não existente até então, pois a concepção do que seja um maníaco é bastante etérea na sociedade. “Para a polícia, esse homem é jovem, atraente e atrai as vítimas propondo que elas posem para fotos de catálogos de cosméticos” (11/07/98, p. 3-8).

Somente em 11 de julho é que o Estado de S. Paulo cita a possibilidade de existência de um maníaco – “Mulher que fugiu de maníaco é a principal pista” (título) – mas não dá ênfase a esse fato e, no corpo do texto, continua a tratar o criminoso com outros adjetivos como “matador” ou “homicida”. Também para descrever o possível assassino, o Estadão o faz inicialmente utilizando dados mais ‘técnicos’ que, apesar de contribuírem para a formação da imagem do criminoso, restringem-se a características basicamente físicas (uso do tecnicismo): “Ele era moreno, aparentava entre 24 e 30 anos, 1,70 metro de altura, vestia calça azul e

camiseta branca. E estava de carro. Boa conversa, o rapaz elogiou-a, dizendo que procurava uma mulher como ela para uma seqüência de fotos e filmagens” . Quando é apresentada a descrição que uma das vítimas faz do assassino é que se complementa o relato, agregando-se componentes de análise pessoal: “Raquel contou que tinha conhecido um homem interessante e iria posar para ele numa série de fotos [...] O homem prometeu que a transformaria em modelo para uma empresa de cosméticos” (ibid).

No dia seguinte (12/07/98) é divulgado o retrato falado<sup>26</sup> do suspeito, feito por mulheres que foram violentadas e escaparam da morte. Segundo a Folha, “a descrição do maníaco foi obtida com duas jovens que sofreram abusos sexuais em 96 e 97. Ambas dizem que foram levadas ao parque por um homem branco, cabelo encaracolado, nariz largo, cerca de 1m70 e com uma falha na sobrancelha” (p. 1-13). Observe-se que o jornal também utilizou-se de dados ‘técnicos’ na descrição do maníaco, mas o fez após ter trabalhado subjetivamente a imagem do criminoso. Nesse mesmo dia, outra vez destaca-se o relato da prima de uma das vítimas fatais identificadas, reafirmando que ela havia conhecido “um ‘rapaz legal’ e que ele a havia convidado para posar para fotos de um catálogo de uma empresa de cosméticos [...]”. (12/07/98, p. 3-8).

No caso do Estado de S. Paulo, a informação passada é que o retrato falado foi feito por apenas uma mulher “que escapou do assassino em 1997”. O jornal não enfatizou a imagem feita pelas mulheres (afinal já o havia descrito antes) e que permitiram à polícia produzir o retrato falado do criminoso. Apesar do título da notícia fazer essa referência – “Matador do parque tem retrato falado” –, o texto discorre principalmente sobre objetos das vítimas encontrados na mata e o número de mulheres que ligavam para o disque-denúncia “dizendo ter sido abordadas por homens com a promessa de fotos para agências de modelos”.

---

<sup>26</sup> Pela primeira vez as notícias sobre o Maníaco do Parque saem do caderno Cotidiano (FSP), que trata das notícias gerais de São Paulo, para o caderno Brasil, o mais importante do jornal.

Durante três dias (12 a 14 de julho) foi reafirmada pelo jornal a forma de abordagem adotada pelo assassino, sempre destacando as promessas de fotos e de promissora carreira de modelo.

Entretanto, novas características são incorporadas ao perfil que está sendo construído pelo Estado, que demonstra a ação violenta do criminoso e dá início à versão de que as ações são motivadas por um fator externo, tal qual aconteceu com o romance de Stevenson (2000) sobre o médico e o monstro: “Ele morde, espanca e depois estupra as vítimas. Enquanto comete tanta violência, costuma dizer que age assim para que elas aprendam a não sair com estranhos. E acrescenta: “Faço isso porque tive uma desilusão amorosa”. Todas essas características repetem-se nos depoimentos de três sobreviventes ouvidas pela polícia” (15/07/98 ). A aparente causa para a violência - os problemas emocionais do criminoso - é reafirmada pelas autoridades - “Temos certeza de que o autor dos crimes é uma pessoa que sofreu uma terrível desilusão amorosa e por isso está matando as mulheres”, disse, ontem, o delegado Sérgio Alves” (ibid).

Para completar a semana inicial do caso, a Folha de S. Paulo também se encarregou de aprimorar um pouco mais a imagem do criminoso para seus leitores, reproduzindo a versão policial sobre sua desilusão amorosa. “Sabemos que ele sofreu uma grande decepção amorosa”, disse o delegado. Segundo Alves, o criminoso relatou essa desilusão a P.C.S e a E.C.S. durante a violência sexual. “Também lhes disse que aquilo era uma lição para que nunca mais seguissem alguém que não conhecessem”, afirmou o delegado” (FSP, 12/07/98, p. 3-6).

Poderíamos dizer que as notícias divulgadas pelos jornais intrigam o leitor, uma vez que a imagem do maníaco sexual ou do assassino (dependendo do jornal lido<sup>27</sup>) que matou

---

<sup>27</sup> Apesar de não abordar tão freqüentemente a definição de maníaco em suas notícias, percebe-se nas matérias do Estado de São Paulo que a população incorporou esse conceito. Como podemos perceber quando os pais de uma das vítimas pedem proteção à polícia e afirmam temer “*que o maníaco possa vir a incomodar a família*”. A disseminação de tal definição para o criminoso é confirmada em uma matéria correlata (16/07/98) produzida sobre a segurança em torno do parque do Estado – “Mata encanta e assusta quem passa por trilha”. Para a servente de limpeza Margarida da Silva Rodrigues, 49 anos, “*a polícia precisa tomar alguma providência, pois nós não queremos ser as próximas vítimas desse maníaco que até agora ninguém sabe quem é*”.

seis mulheres no Parque do Estado – se confunde com a de uma pessoa ‘muito legal’, interessante e bom de papo, ao mesmo tempo atormentado por uma grande decepção amorosa, e que queria dar uma lição<sup>28</sup> nas mulheres que desrespeitaram as recomendações básicas de segurança pessoal. Há, em princípio, uma construção ambígua de quem atacou e matou as mulheres no parque, aquele que é apontado como maníaco e assassino (e toda conotação que esses conceitos transmitem dentro do contexto da cobertura jornalística), e a imagem que transmitem a polícia e as vítimas sobre o seu algoz. Mesmo a polícia torna-se precavida ao relacionar qualquer suspeito ao conceito de maníaco – “Não podemos ainda afirmar que o homem do retrato matou as mulheres, porque os estupros aconteceram do outro lado do parque”, disse o delegado [...]” (FSP, 14/07/98, p. 3-8).

Após 10 dias do início das notícias sobre os crimes no Parque do Estado, o nome do sujeito apontado como autor dos crimes aparece nas páginas dos jornais juntamente com sua fotografia. Enquanto um jornal (FSP) vai construindo a história e o perfil do suspeito, com depoimentos de familiares e amigos, o que contribui ainda mais para a ambigüidade da figura, o outro (OESP) limita-se aos relatos policiais e de envolvidos diretos com os crimes como vítimas e seus familiares.

Essa diferença no perfil da cobertura jornalística (que poderíamos chamar, correndo o risco de simplificá-las demasiadamente, de humanista x tecnicista), pode ser percebida em situações como a da fuga do suspeito da empresa em que trabalhava. Ambos os veículos deram a notícia de que, antes de ir embora, ele havia deixado um bilhete sobre uma página de jornal. A forma que cada um adotou para divulgar o bilhete, entretanto, exemplifica a diferença na cobertura do caso até o momento. A Folha de S. Paulo não se limitou a um

---

<sup>28</sup> Entenda-se aqui como lição, uma “reprimenda”, a desobediência a recomendações básicas de segurança pessoal, que conhecemos desde tempos imemoriais como: “não fale ou ande com estranhos”, “não aceite carona de quem você não conhece”, “volte direto para casa”, etc

simples transcrever de fatos, mas surpreendentemente, em contradição ao que regulamenta seu manual de redação, interpretou o conteúdo escrito como um pedido de desculpas - “no bilhete, Pereira se desculpava pela saída repentina e dizia: “Infelizmente tem de ser assim, preciso ir embora. Deus abençoe a todos” (18/07/98 – p. 3-9). Ao mostrar que o suspeito estava se desculpendo por algo, revelou mais um pouco do seu lado humano, uma vez que reconhecer os erros e atitudes indevidas e desculpar-se por elas é uma ação que está relacionada a sentimentos como humildade e arrependimento.

O Estadão, por sua vez, apenas informou que “no local, foram encontrados um recorte de jornal com o retrato falado e um bilhete no qual escreveu: “infelizmente tem que ser assim e preciso ir embora. Deus abençoe a todos” (18/07/98 ). Esse jornal também optou por uma estratégia de cobertura que ligasse o motoboy à figura do maníaco, sem comprometer o veículo pelo fato de não haver uma afirmação direta de que sejam a mesma pessoa, afirmando constantemente que ele era “apontado pela polícia como o maníaco do Parque do Estado”.

No dia 19 de julho, o Estadão faz esse vínculo mais diretamente, ao utilizar maníaco como sinônimo de Francisco de Assis Pereira. O título da notícia principal traz que – “Pai busca namorada<sup>29</sup> de maníaco há 5 meses” – e apresenta o motoboy como namorado da menina – “Pereira chegou a ser detido [...]. Na ocasião, negou ter participado do desaparecimento da namorada. [...]”. Até esse momento, os jornais tratavam apenas como suspeitas a possibilidade de o motoboy e o maníaco serem a mesma pessoa, mas o Estado admitiu a ligação ao afirmar nessa mesma notícia que – “O maníaco, morador do Brás, teria fugido para o Paraguai [...]” . Tal ligação passa a ser recorrente e, no dia seguinte, o jornal publica que “com o depoimento de ontem, sobe para 13 o número de mulheres que teriam

---

<sup>29</sup> A família da estudante Isadora Fraenkel negou, posteriormente, que a moça tivesse namorado o motoboy. Entretanto, a polícia não considerou relevante essa negativa e continuou trabalhando com a existência do relacionamento.

sido mortas, estupradas ou agredidas pelo motoboy” (19/07/98 ). Com essa postura, o Estadão<sup>30</sup> não oferece - nesse primeiro momento - muita margem para a dúvida sobre a relação entre o suspeito e o criminoso, diferente do procedimento da Folha.

A identificação do suspeito estimulou a Folha de S. Paulo a produzir matérias correlatas sobre o caso, motivada pela necessidade de apresentar ao público o perfil do suspeito de ser um dos maiores criminosos da história recente do país. Com isso o jornal deu ao público certa referencialidade a respeito de Francisco de Assis Pereira, isto é, permitiu que ele passasse a ter uma história, uma outra existência, além da relacionada ao caso dos crimes no parque. Em 18 de julho (p. 3-9), foi divulgado que o motoboy morou dois anos ao lado da mata, na casa de um irmão e depois passou a dormir na empresa em que fazia entregas. Foi cabo do Exército, fez curso de sobrevivência na selva e tiro. Sua descrição, feita pelos amigos, é a de que “andava cercado de mulheres”, informação corroborada pela polícia: “Ele tinha facilidade em conquistá-las”, disse o delegado Sérgio Alves”, que chegou à conclusão de que [...] Pereira tinha um jeito meigo e uma conversa cativante. “Para amigos e familiares, ele sempre pareceu ser normal”, disse” (18/07/98, p. 3-9).

Em outras reportagens, ele também é retratado como uma pessoa normal. No dia 28 de julho, suas qualidades em conquistar mulheres são estampadas em título – “Ele era um Don Juan do Brás” – embasado no depoimento de um de seus ex-colegas de trabalho, para quem “[...] “Chico” não dava trégua às mulheres”. Ainda de acordo com o jornal

“Ele abordava as moças no ponto de ônibus em frente à empresa e, depois de cinco minutos, já arrancava um sorriso delas. Ficava amigo de todas”, disse o motoboy Marco Kravtchenko,<sup>29</sup>. Segundo ele, Pereira sempre foi mulherengo, trazia sempre mulheres diferentes para dormir na oficina, onde morava havia dez meses. “Mas nunca vi um ato de grosseria com elas. Nem com a gente. Ele sempre nos fazia favores e nunca reclamava. Era muito ‘gente fina’”, diz outro motoboy, Marivaldo Cerqueira, 24. O dono da empresa, Jorge Alberto Santana, 25, disse que Pereira é “um

---

<sup>30</sup> Posteriormente o Estado de São Paulo voltará a tratar de Pereira como “suspeito de ser o maníaco” e não como acusado ou como sinônimo de maníaco.

pouco bronco", não gosta de ser contrariado, mas nunca deu muito trabalho. "Ele nunca teve nenhum comportamento suspeito; não é explosivo." (p. 3-3)

Some-se as essas qualidades aquelas citadas pelas moças que foram mortas e a relação entre essa pessoa e o fato de ela ser um maniaco passa a perder força. O depoimento de familiares reafirma, por outro lado, a tese do bom moço – que não dava trabalho/preocupação e nunca apresentou comportamento suspeito. Sob o título – “Família não crê que motoboy seja o maniaco” (20/07/98, p. 3-6), a mãe (dona-de-casa) afirma que “o comportamento do filho nunca indicou que algum dia ele fosse capaz de cometer crimes tão bárbaros”. O pai (pescador) também “nunca pôde imaginar isso do filho. Ele era um rapaz trabalhador, sem problemas com polícia” (ibid). O discurso é repetido pelo advogado da família ao afirmar “[...] que seu cliente é inocente e que ele está sendo vítima de um massacre. Segundo ele, Pereira sempre foi um bom filho e uma pessoa trabalhadora” (24/07/98, p. 3-5).

É interessante observar que o fato externo novamente aparece como possível desencadeante das ações e ligado a um trauma anterior. Reproduzindo a declaração de um psiquiatra da USP<sup>31</sup>, a Folha de S. Paulo informa que “o fato de ele escolher vítimas com características semelhantes e repetir o ato como um ritual pode ter ligação com algum acontecimento de sua vida, uma decepção amorosa, por exemplo [...]”. Reforça-se aqui o que foi dito pelas mulheres estupradas e que fizeram o retrato falado do criminoso, dando vazão à versão de que ele não seria uma pessoa má, mas que estaria agindo sob forte pressão psicológica.

Essa estratégia de divulgação colaborou para que, no decorrer do caso, as incertezas geradas por esse choque entre bem e mal amenizassem os impactos negativos atrelados à imagem do criminoso<sup>32</sup>. No caso do maniaco, a ambigüidade de sua imagem também será

---

<sup>31</sup> Optamos por não colocar o nome do psiquiatra, uma vez que o nome da USP é que funciona como chancela da autoridade ao discurso do profissional/professor a ela vinculado.

<sup>32</sup> Analisando outros bandidos famosos no Brasil, percebemos que a ambigüidade é um componente constante na descrição dessas personagens e de suas ações, conforme relatamos anteriormente.

reforçada, futuramente, por um outro fator – inserido através do discurso de psiquiatras, no papel de autoridades médicas - que caracterizará o criminoso como psicopata, um indivíduo que caminha na fronteira entre a normalidade e a doença mental.

Para o Estado de S. Paulo, entretanto, a “defesa” de Francisco de Assis Pereira é feita por um advogado (e não diretamente pela família), em um primeiro momento, que estaria representando o desejo e a opinião dos familiares – “A família acredita na inocência de Francisco”, disse o advogado” (21/07/98 ) – causando menos comoção que uma afirmação direta feita pela mãe ou pelo pai do envolvido. Devido à repercussão do caso, o advogado faz uma analogia a dois incidentes famosos em São Paulo – Escola Base e Bar Bodega – e argumenta que seu cliente também poderia estar sendo acusado falsamente. O único parente ouvido é o irmão - “acho que ele é inocente, mas, se for culpado, ele deve receber tratamento médico”(ibid) – que, apesar de acreditar na inocência do suspeito, abre a perspectiva do suspeito ser culpado, fato justificável apenas se atrelado a uma possível doença.

A mãe do motoboy aparece pela primeira vez apenas no dia 22 de julho no noticiário do Estado, “tentando receber os dias trabalhados pelo filho, que não foram pagos”. Quando informada da necessidade da presença de Francisco, ela teria desligado o telefone. A aparição da figura materna nesse jornal não entra, a princípio, como um elemento de defesa da integridade do filho – atitude comum às mães –, mas como alguém interessada em dinheiro - semelhante a uma mercenária que, quando confrontada com algum empecilho, desaparece. Entretanto ela volta ao noticiário alguns dias depois reassumindo a voz "estereotipada" de mãe para afirmar que seu filho “sempre foi uma pessoa amiga, amável, boa, trabalhadora [...]e que tinha vontade de crescer na vida” (28/07/98 ).

---

O reconhecimento da voz do maníaco pela irmã de uma das vítimas<sup>33</sup> (23/07/98), bem como o encontro do RG de uma das vítimas na empresa em que o motoboy trabalhava, confirmam a expectativa do maníaco do parque ser realmente Francisco de Assis Pereira. A polícia confirmou que o RG “era a prova material que precisávamos para incriminar Pereira, por analogia, nos assassinatos das seis mulheres no Parque do Estado” (OESP, 25/07/98 ). Nesse mesmo dia é publicado que “Mais uma mulher violentada reconhece motoboy” (título da FSP), notícia mais destacada na Folha, por ter sido produzida como matéria independente, enquanto no outro jornal figurou como parte do texto principal. Entretanto, no Estado foi apresentada a reprodução do diálogo entre a vítima e o maníaco no momento em que ela era atacada, provocando maior impacto nos leitores:

A testemunha reconheceu Pereira como o homem que a agrediu e a obrigou a fazer sexo oral. S.C.O., de 19 anos, casada, contou ter recebido socos no rosto e mordidas no corpo. “Ele me batia, mordia e dizia: eu te amo, eu te amo”, contou a mulher, acrescentando: “Eu disse a ele que se realmente amasse não me bateria e ele ficou irritado e gritou: “Não é você que eu amo sua.....” (25/07/98 )

Dois dias depois, o jornal divulga a reconstituição da abordagem que sofreu uma outra vítima na estação do metrô. O primeiro parágrafo é redigido em forma descritiva, como se o repórter tivesse acompanhando o fato no momento em que ele está acontecendo. Com esse recurso, o jornal chama a atenção do leitor para o restante do texto.

“Uma moça pega o metrô na hora do rush para ir para casa. No trem, conhece um homem. Ele a elogia e se apresenta como caça-talento. Conversa vai, conversa vem, há o convite para um teste fotográfico de um catálogo de produtos. Ela, que tentava ser modelo ou atriz, fica envaidecida e aceita acompanhá-lo para a primeira sessão de fotos. Foi assim que a telefonista bilíngüe E.L.I, de 22 anos, caiu nas “garras” do chamado maníaco do parque, em 1996.....” (27/07/98)

---

<sup>33</sup> Cabe aqui o relato de um fato curioso sobre a cobertura do caso. Quem fez o reconhecimento da voz do maníaco foi a irmã de Selma Queiroz, que afirmou ser a mesma voz que pediu resgate de R\$ 1.000,00 pela irmã. Entretanto, o Estado de São Paulo havia divulgado anteriormente (09/07/98) que o telefonema tinha sido dado para o pai da moça e que a irmã não estava em casa.

O jornal observa, no corpo do texto, que E. desistiu de ser modelo após ter sido atacada pelo maníaco “e disse aos policiais que não sabe como pôde dar confiança a uma pessoa que não conhecia”. Assim, ela estaria reconhecendo que “aprendeu uma lição”, argumento utilizado pelo criminoso e divulgado anteriormente pelos veículos para justificar suas atitudes. Conseqüentemente, ele pode ser classificado como portador de uma patologia, mas suas atitudes estariam justificadas aos olhos de uma sociedade machista (ver tópico 6.2).

Outros elementos levantados pelo Estado de S. Paulo contribuem para que a imagem do criminoso seja correspondente a de uma pessoa conturbada, traumatizada. Um deles é apontado pela sua mãe, e teria como origem de seus traumas a recusa da mulher em apresentar-lhe o filho: “Ele gritava: quero ver meu filho, quero ver meu filho. Nunca viu, nem eu conheci meu neto. No meu pensamento, isso acabou com a vida dele” (28/07/98 ). De acordo com o jornal, a ex-namorada afirmou que o filho nunca foi assumido pelo pai.

Também foi divulgado um relacionamento de 14 meses que Pereira teve com um travesti, representando um comportamento sexual não aceito socialmente. Some-se a isso a descoberta e identificação de mais corpos, a afirmação da imprensa de que “16 moças podem ter sido atacadas por motoboy” (título do **OESP**, 29/07/98), além de todas as características sobre os crimes divulgadas até o momento e é possível constatar que o suspeito é alguém bastante perturbado mentalmente.

Para prevenir as mulheres contra o criminoso, os jornais passam a alertar para a existência do ‘golpe da modelo’ (tópico 6.3.4), relatando uma estratégia adotada por conquistadores, mas que pode representar riscos para as mulheres. Essa linha é interrompida pela notícia da prisão do maníaco, que dá um novo impulso à cobertura, uma vez que os veículos passavam a carecer de novos fatos para manter o caso em evidência. A Folha, por exemplo, três dias antes da prisão do suspeito, destacava os riscos que a obsessão de algumas mulheres - que poderia ser generalizada pelo leitor para todo o sexo feminino - em serem

modelos e/ou famosas ou reconhecidas por sua beleza, etc, poderiam acarretar, fato que pode ser encarado como uma explicação para terem cedido aos apelos do maníaco .

Antes de entrarmos na cobertura pós-prisão, convém ressaltar que a Folha de S. Paulo continuava investindo no fato de que o suspeito não aparentava ser um maníaco e, se confirmada tal associação, haveria a necessidade de tratamento médico, pois ele seria uma pessoa doente, conforme colocou em título o jornal: “Mãe diz que motoboy precisa de tratamento” (28/07/98, p. 3-3). Cria-se aqui uma dupla ambigüidade, ou seja, pode ser que o suspeito, seja o maníaco como pode ser que não, mas se o for, é porque é doente e necessita de tratamento médico.

### 6.2.1 A Prisão

O motoboy volta a ocupar um lugar central no noticiário, quando é preso no Rio Grande do Sul e tenta dissociar-se da figura do maníaco, postura também adotada pelos jornais. A Folha, no dia 05 de agosto, noticiou: “Preso no RS o suposto maníaco do parque” (título) e na chamada da primeira página colocou que “Francisco de Assis Pereira, 30, acusado de ser o maníaco do parque [...] é suspeito de ter assassinado pelo menos oito mulheres no parque do Estado [...]” (p. 1-1). O Estado também adotou a mesma linha: no título colocou “Preso no Sul suspeito de ser o maníaco do parque” e no texto, “[...] prendeu o motoboy Francisco de Assis Pereira, de 31 anos, suspeito de ser o maníaco que é acusado de ter matado oito mulheres no Parque do Estado [...]” .

Pode-se observar pelas construções textuais que o motoboy é suspeito de ser o maníaco, mas que o autor dos crimes apontado pelos jornais é o maníaco; o que faz do motoboy suspeito da autoria, desde que seja identificado com o maníaco. Quando noticiada a prisão do motoboy pelo Estado, é importante observar que “Pereira confirmou ser o motoboy

que estava sendo procurado [...] mas negou os crimes”, isto é, negou ser o maniaco a quem são atribuídos os crimes. Exceto em alguns momentos, essa é a postura adotada pelos jornais na caracterização do suspeito, a qual acarretou a formação de uma figura ambígua – que não é completamente boa ou má – característica também encontrada em outras imagens mitificadas de criminosos.

Essa ambigüidade é reforçada pelo próprio suspeito - que refuta a autoria dos crimes, e explica sua ausência desde o início da cobertura, quando foi divulgado o retrato falado - bem como pela comemoração de sua prisão pelos parentes das vítimas. De acordo com a Folha de S. Paulo (05/08/98, p. 3-1), “ao ser preso, o motoboy negou ter cometido os crimes e disse que estava fugindo por estar assustado com a repercussão do caso”. Em uma das quatro notícias produzidas nesse dia sobre a prisão, aparece o relato dos parentes: “Mães de vítimas agradecem a Deus por prisão” – uma das mães dá mais impulso à questão do fator exterior que agiria sobre o maniaco - “Maria de Lourdes (mãe de Selma) diz acreditar que o motoboy não tenha problemas mentais. Na sua opinião, ele tem algum tipo de trauma ou ‘é possuído pelo demônio’” (p. 3-2) - reforçando a idéia de que o suspeito age sob o domínio de algum tipo de pressão, seja traumática, seja demoníaca. As outras duas notícias traziam a rota de fuga do motoboy e a descrição de como o pescador havia colaborado na prisão (ver tópico 6.3).

O Estado de S. Paulo noticiou nesse mesmo dia, além da prisão de Pereira e o modo como ocorreu, a identificação de mais um corpo de mulher aventando a hipótese de que talvez fosse a nona vítima do maniaco. Outro fato abordado é o pedido de prisão preventiva do suspeito - confundindo o leitor que não conhece o proceder legal, uma vez que o pedido só é feito após ele já estar preso - pois os “policiais que investigam os assassinatos no Parque do Estado dizem já ter provas para acusá-lo” .

## 6.3 A FOLHA DE SÃO PAULO E O MANÍACO DO PARQUE

### 6.3.1 A Ambigüidade do Caráter

Como pudemos observar, existia uma dissociação entre Francisco de Assis Pereira, que assumiu ser o motoboy, e o maníaco do parque, acusado de ser o assassino e esturador de várias mulheres. Aquele, apesar das evidências, era considerado suspeito de ser maníaco durante grande parte da cobertura, e tal ambigüidade permitiu que não houvesse uma condenação absoluta do criminoso pela opinião pública. Esse fator contribui para a mitificação de sua imagem, pois o coloca no centro da discussão a respeito do caso e cada vez mais permite novas possibilidades de interpretação, aumentando a repercussão do caso.

Ciente ou não disso, o suspeito nega os crimes e busca não associar a sua imagem à do maníaco, e os jornais exploram isso. Na manchete da capa do caderno Cotidiano, a Folha estampou: “Nunca matei ninguém, diz motoboy” (06/08/98, p. 3-1), declaração complementada pela primeira frase do texto: “Estou com a consciência limpa. Não matei ninguém. Fazer esse tipo de besteira jamais passou pela minha cabeça”. Contudo, na mesma página<sup>34</sup> também foram inseridas a relação e a descrição das vítimas, além da cronologia da prisão do motoboy.

Mas, logo na segunda página do mesmo caderno, o jornal voltava a alimentar o caráter ambíguo de Pereira ao colocar em título que “Pescador pensou em não denunciar o motoboy”, com subtítulo “Para gaúcho, acusado “parecia uma pessoa boa””. No corpo da matéria era dito que “no fim-de-semana passado e na segunda-feira, Vilaverde “bateu um papo” com o suspeito, que lhe pareceu ser um “cara normal, tranqüilo, que falava muito em Deus e foi à missa no Domingo”, conforme contou o pescador”. Também foi noticiada a

---

<sup>34</sup> A análise por página do jornal, a partir da prisão de Francisco de Assis Pereira, se faz necessária devido ao grande número de notícias veiculadas nesse período. Apenas de 05 a 13 de agosto foram publicadas 83 notícias a respeito do caso.

aglomeração<sup>35</sup> provocada em frente à delegacia de Itaqui (RS), onde estava preso, mas o jornal ressaltou que “não havia intenção de linchamento de Pereira”.

Com a prisão do motoboy, a mídia ampliou ainda mais o espaço dedicado ao caso do maníaco do parque, tornando-o uma personalidade nacional. Como acontece com parte das grandes personagens do país, qualquer declaração sua passou a ter destaque no noticiário, mesmo sendo marcadamente inverossímil. Foi com esse tipo de informação que a Folha acabou por completar a imagem de Francisco de Assis Pereira perante a opinião pública.

Tomemos como exemplo uma notícia que é bastante característica de como foi dirigida a cobertura na busca do efeito de sentido pretendido pelo veículo. Sob o título ““Já tive centenas, milhares de mulheres”, diz acusado” (06/08/98, p. 3-3) o jornal relatou um encontro com o prisioneiro. Para quem esperava uma narrativa sobre as experiências amorosas e sexuais do motoboy, foi uma imensa frustração, pois o interesse era apenas chamar a atenção do leitor. A informação passada na manchete foi colocada sem destaque algum no meio do texto, juntamente com a afirmação de que jamais maltratou suas companheiras<sup>36</sup>.

Outra peça pregada no leitor foi que, no sobretítulo, o jornal destacou que “Motoboy afirma que devolveu ex-namorada “inteira” ao pai”. Como desde o início da cobertura havia a suspeita de que Pereira namorara Isadora Fraenkel, que estava desaparecida (fato citado novamente no terceiro parágrafo do texto), o leitor esperava que a notícia se referisse a ela. Entretanto, a namorada do subtítulo era “uma jovem de nome Cristiane, de Diadema”. Observa-se que o jornal utiliza estratégias textuais propositalmente para provocar a

---

<sup>35</sup> “Cerca de 200 pessoas foram para a frente da porta da delegacia durante a noite de anteontem, movidas pela curiosidade de ver o acusado, que estava prestando depoimento no local. Não havia intenção de linchamento de Pereira”, informou a **Folha de São Paulo** (06/08/98, p. 3-2) sobre a prisão do suspeito em Itaqui (RS)

<sup>36</sup> Exceto uma “interpelação brusca” que deu margem a um registro policial por tentativa de agressão. O motivo alegado foi que “a amiga apresentou um ‘macho’ para a ex-namorada”.

curiosidade do leitor (sem considerarmos certo tom de humor negro nessa brincadeira). A reportagem é finalizada com uma extensa declaração do motoboy sobre sua inocência e os riscos que corre de um julgamento equivocado de sua situação:

"Estou com a consciência limpa. A lei que o ser humano faz é podre. É a lei mais podre que o ser humano coloca entre canetas, papéis. Conheci um motoqueiro, pai de família, que foi preso por seis meses. Depois falaram que ele não era culpado, que era engano. Comigo, pode acontecer daí para pior. A coisa está preta para o meu lado. O mundo inteiro está sabendo. Não entendo a lógica do ser humano. Se é para punir, pune. Se vai me matar, mata. Não posso falar de uma coisa que não fiz. Minha família pode estar imaginando que eu matei, porque viajei." (06/08/98, p. 3-3)

Em visita ao filho preso, a mãe de Francisco de Assis Pereira reafirma a confiabilidade em sua inocência, enquanto o pai declara esperar por justiça “seja ela boa ou cruel”. Eles já haviam firmado essa mesma posição no início das reportagens sobre o caso, em 20 de julho, quando o jornal buscou transmitir a sensação de que eram pessoas simples e de boa índole.

Percebe-se ainda, pelos relatos sobre sua transferência para São Paulo e a disputa entre seus advogados de defesa, que Pereira não é uma pessoa qualquer – ou um criminoso comum. No primeiro caso é enfatizado o grande número de policiais encarregados da segurança do preso – “Transferência para SP mobiliza 100 policiais” (p. 3-5) – e no segundo, a briga para defender o motoboy: “Advogados disputam defesa de acusado” (p. 3-6). Nesse último, o subtítulo destaca a relevância e a importância de Francisco de Assis Pereira - “Assumiram o caso profissionais que cuidaram de casos como o da Escola Base e o do bar Bodega” – ao relacioná-lo a outros “crimes<sup>37</sup>” famosos ocorridos em São Paulo.

Apesar de indiretamente apontar Francisco de Assis Pereira como o maníaco do parque, a Folha não pode afirmar que Pereira é o serial killer, pois os indícios obtidos pela

---

<sup>37</sup> A palavra crimes foi colocada entre aspas aqui pelo fato do caso da Escola Base ter sido considerado um dos principais erros da imprensa brasileira, por veicular, sem a devida apuração dos dados, a acusação não fundamentada da polícia de que os donos da escola cometeram abusos sexuais com crianças. Da mesma forma, os acusados de terem cometido duplo homicídio no Bar Bodega também foram consideradas inocentes.

polícia são inconclusivos e, além disso, existem as versões contrárias como a do próprio motoboy, a de seus familiares e a dos advogados. Então o jornal passa a dar mais espaço para a defesa do acusado e a desacreditar a eficiência policial (ver 6.3). Como exemplo, citamos a matéria de capa do dia 07 de agosto: “Fracassa identificação por teste de DNA”, com subtítulo “Perícia não consegue saber de quem é o esperma achado no corpo da vítima no parque do Estado; resultado era principal pista para determinar autor de crimes”.

No caso da defesa, aponta-se que os indícios não são conclusivos e, ao fazer uma nova retrospectiva do caso, é explicitado o que dizem o suspeito, a defesa e outros advogados. Neste caso, sobre todas as acusações apresentadas pela polícia foram apresentadas contestações da defesa, agora confirmadas por “advogados ouvidos pela Folha”<sup>38</sup>, ou seja, os defensores foram respaldados pelo discurso de autoridades, reduzindo o impacto das acusações.

O jornal repete o procedimento no dia seguinte. São enfatizadas as estratégias de defesa (de alegar transtorno de personalidade e de sexualidade) caso surjam provas, enquanto a polícia é desqualificada, apesar de pedir a prisão preventiva do acusado<sup>39</sup>. Para suprir a ausência de provas, a Folha pauta-se em depoimentos que possam incriminar o motoboy, demonstrando que ele pode estar mentindo, como o do dono da empresa em que ele trabalhava, para quem “só Pereira pode ter jogado RG”, e do pai de Isadora Fraenkel, alegando que nunca houve namoro entre sua filha e o suspeito, e que ele acreditava que a moça estava morta.

Gera-se um clima de suspense e de expectativa de algum fato novo que modifique o rumo do noticiário (ou das investigações), que novamente começa a ficar repetitivo (a

---

<sup>38</sup> Essa notícia é repetida no dia seguinte (08/08/98), reforçando a possibilidade de que o acusado não fosse o criminoso.

<sup>39</sup> As notícias sobre a polícia referem-se ao atraso na exumação de um dos corpos, à discussão entre o IML e o secretário de Segurança do Estado de São Paulo e à crise gerada pelo fracasso no teste de DNA. Também foi noticiada a ida da polícia ao litoral para investigar o sumiço de Isadora Fraenkel, o que deu a impressão de desorganização, pois no mesmo dia o pai dela afirmava acreditar que sua filha estava morta. Outra notícia é a de que a polícia pediu a prisão preventiva do motoboy, mas sua repercussão positiva é duvidosa, uma vez que ele já se encontrava preso.

primeira vez que isso aconteceu foi quando esgotaram-se as notícias a respeito da vida de Francisco de Assis Pereira, sem que ele tivesse aparecido e, para não esfriar a história, os jornais começaram a dar destaque às vítimas. A salvação para o impasse é dada pelo próprio criminoso que confessa seus crimes em depoimento à polícia, dando novo fôlego a essa história e atendendo a uma expectativa latente da população e dos jornalistas, pelo desfecho do caso.

Novamente Francisco de Assis Pereira recoloca-se sob os holofotes da mídia que, durante os dois dias anteriores apenas registrou fatos e opiniões que citavam o suspeito. Suas últimas declarações haviam sido publicadas no dia 06 de agosto. Ao reaparecer para confessar os crimes, o motoboy reassume o centro das atenções e derruba definitivamente a ambigüidade entre ele e a imagem do maníaco do parque. Entretanto, a dissociação será um tema recorrente na cobertura, principalmente com a discussão sobre a sua sanidade mental .

### 6.3.2 A Confissão

Essa não associação direta entre um e outro era o que dava o caráter ambíguo ao criminoso. Quando divulgou a confissão do, até então, suspeito, a Folha de S. Paulo optou por uma linguagem mais técnica na manchete, diferente da que vinha utilizando na cobertura, principalmente quando se referiu diretamente ao maníaco - “Motoboy é indiciado por morte de 9 mulheres”. No subtítulo o jornal voltou ao tema da força motivadora exterior – “Em depoimento oficial à polícia, Francisco de Assis Pereira disse ser movido “por um lado negro”” (09/08/98, p. 1-13).

No texto, o jornal aponta aspectos mais chamativos para compor o noticiário, pois “durante o depoimento [...] Pereira deu detalhes sobre o assassinato de Raquel Mota Rodrigues, Selma Queiroz e Isadora Fraenkel”. Para explicar as abordagens do maníaco, a

---

Folha utiliza uma outra fonte, o secretário-adjunto de Segurança, Luiz Antonio Alves de Souza, para quem “o motoboy disse que nunca usou violência ao abordar as vítimas, só sua persuasão”. Essa afirmação, a princípio feita pelo próprio criminoso e transmitida por uma autoridade<sup>40</sup>, endossaria a versão do jornal e da polícia de que as mulheres foram convencidas pela vaidade e que Pereira seria um conquistador.

Com relação aos crimes, “o motoboy disse que agia sempre movido por um lado “negro”. Pereira disse à polícia que torcia para que as vítimas não concordassem em entrar com ele no parque, mas que elas entravam e, então, ele era dominado por seu lado “ruim”” (p. 1-13). Há mais um fator externo, apontado como detonador da agressividade do criminoso, um trauma familiar que justificaria seu lado negro e responsabilizaria uma tia que o assediou sexualmente – pedindo que lhe morderse os seios - quando ele tinha 5 ou 6 anos de idade e também uma vizinha que o seduziu aos 12. (ibid)

A partir do momento em que a imprensa passa a saber quem é o assassino, ela busca descobrir os motivos que levaram uma pessoa aparentemente normal a cometer esses assassinatos (neste caso, o perfil de atuação da imprensa assemelha-se ao dos gregos que criavam mitos para explicar os fatos da natureza). O próprio motoboy, acima, apresenta um deles: o trauma sexual sofrido na infância. Uma outra causa seria a vaidade feminina, que abordaremos adiante.

Reforçando a tese do trauma, que teria gerado distúrbios psicológicos, a advogada de Pereira apressa-se em afirmar que seu cliente é culpado, “mas que ele é doente” e o jornal complementa que ele “deverá ser submetido a uma perícia para diagnosticar sua suposta doença mental” (p. 1-11). Uma outra matéria veiculada nesse mesmo dia (09/08/98) contribui para a tese do distúrbio – “Estuprador em série não tem classe social” – ao divulgar uma

---

<sup>40</sup> É o único momento em que aparece a voz do secretário-adjunto nessa notícia. Em outras declarações sobre os crimes feitas no depoimento, o jornal remete diretamente a seu autor, Francisco de Assis Pereira.

pesquisa que aponta serem os estupros em série cometidos também por pessoas de classe média e alta. Isso pode gerar surpresa ou satisfação - por igualar as classes desiguais no Brasil - no leitor, contribuindo para a repercussão do caso.

Outro elemento atenuador da culpabilidade do criminoso é a suspeita de ser uma pessoa doente, sem ter conhecimento dessa situação. No subtítulo de uma notícia, a Folha (09/09/98, p. 3-4) resume o assunto: “Psiquiatras afirmam que estupro não se sente doente e vive entre o normal e o patológico”. A notícia mostra que “estupradores como o maníaco do parque estão na fronteira que separa o que é normal e o que é patológico”. Para os especialistas consultados “essas pessoas sentem prazer em agredir e matar as vítimas. São normais, freqüentam grupos sociais e, de repente, saem deste momento para a total liberação de sua anormalidade mental”. E o jornal continua: “isso porque, na infância, segundo os psiquiatras, essas pessoas sofreram algum tipo de abuso sexual ou violência, o que é sempre um componente do distúrbio mental. Um distúrbio impossível de ser curado, concordam os terapeutas” (ibid).

Então, somente os depoimentos do motoboy é que passam a ser relevantes para a produção de notícias. Eles afirmam seu desejo de que as mulheres recusassem os convites, que era dominado por um “lado ruim” e que, às vezes, sentia mais prazer em matar do que em manter relações sexuais com as vítimas. Chamou-nos a atenção a contestação, pelo próprio criminoso, da versão sustentada pela Folha, de que as moças eram atraídas pela oportunidade de serem fotografadas para um catálogo de cosméticos. Segundo foi publicado pelo próprio jornal, “o preso disse aos policiais que a forma de atrair as mulheres variava de acordo com o assunto que interessava às vítimas [...]” (10/08/98, p. 4-1).

Outro fato importante é a reafirmação de que ele seria um serial killer e que existiria algo incontrolável que o levava a assassinar mulheres. Sob o título “Motoboy diz que voltará a matar se for solto”, o jornal publicou que “o motoboy Francisco de Assis Pereira, 30, disse

---

que voltará a matar, caso seja colocado em liberdade”. Com a finalidade de reforçar a periculosidade do maníaco, a Folha publica que “a condenação do réu pode superar 310 anos”. Para obter o efeito de sentido desejado, o jornal omitiu do seu leitor o fato da legislação brasileira não permitir que qualquer pessoa fique presa por mais de 30 anos<sup>41</sup>.

Entretanto, todas as afirmações do maníaco são repassadas pela polícia ao jornal, até o dia 13 de agosto, quando a Folha de S. Paulo obtém a íntegra do interrogatório. Nesse momento, o caso recebe maior atenção, motivado também pela produção de matéria especial da revista *Veja* (12/08/98), que trazia a foto de Francisco de Assis Pereira na capa sob o título “Fui eu” e descrevendo a confissão do bandido.

A Folha de S. Paulo então divulga na manchete de capa do caderno Cotidiano (13/08/98) que “Motoboy é reconhecido por 4 mulheres”, mas o fato principal está no subtítulo, noticiando que “em interrogatório obtido pela Folha, ele diz que nenhuma garota que levou ao parque sobreviveu” (p. 3-1), reforçando seu instinto assassino. Outra informação importante nessa notícia é a de que ele desejava ser descoberto ou preso para não cometer outros crimes (o que vai ao encontro à existência da ambigüidade ou dupla personalidade do indivíduo): “Pereira afirmou, em interrogatório obtido pela Folha, que queria ser descoberto pela polícia logo após o assassinato da estudante Isadora Fraenkel, em fevereiro. Por isso, teria colocado seu telefone no verso de um cheque da estudante, que usou para comprar um capacete” (p. 3-1).

Após a confissão dos crimes, as notícias tornam-se bastante repetitivas, versando basicamente sobre reconhecimento ou não de fotografias de possíveis vítimas, a acomodação do motoboy (transferência e rotina em presídio) e os processos em que ele é acusado,

---

<sup>41</sup> Alguns leitores perceberam a artimanha do veículo e escreveram ao jornal condenando a forma de abordar o assunto. “*Segundo as manchetes, a condenação do maníaco do parque pode ultrapassar 310 anos. Mas de que adianta alguém ser condenado pela Justiça a tanto tempo de prisão se essa mesma Justiça não permite que uma*

provocando uma queda acentuada na quantidade de matérias publicadas<sup>42</sup>. Mesmo com a redução no ritmo e na periodicidade, alguns textos se destacaram pelo conteúdo e sua contribuição para o que poderíamos chamar de “fechamento do caso”.

Uma dessas notícias é a da mulher que perdoou Pereira. Com o título “Operadora de caixa afirma perdoar o seu agressor” (15/08/98), a Folha divulgou que “a operadora de caixa, Sandra [...], disse ontem que perdoa o motoboy Francisco [...], que ela acusa de tê-la violentado em novembro de 1997 no parque do Estado. “Eu o perdôo. Fui criada como evangélica e, portanto, sinto-me capaz de perdoar até mesmo alguém que me poderia matar”, afirmou” (p. 3-6). Observe-se que ela utiliza sua condição de religiosa para fornecer o perdão, dando um caráter místico à ação. Coincidentemente é dessa mesma característica - o sobrenatural - que o motoboy se vale para justificar os assassinatos pelo seu “lado ruim” e depois para alegar sua recuperação.

### 6.3.3 A Importância do Criminoso

No dia seguinte, uma reportagem especial demonstra como age a polícia norte-americana (considerada exemplar por grande parte dos brasileiros e pela imprensa) em casos de maníacos. A Folha pede que seja feita uma análise do caso de Francisco de Assis Pereira por um dos especialistas. “Esse Pereira é um serial killer sofisticado, porque atraía suas vítimas com uma isca elaborada, essa história de fotógrafo, sem precisar apelar para a violência” (16/08/98, p. 3-3), afirmou o agente. De acordo com o jornal, a classificação dada ao motoboy pelo FBI, em crimes semelhantes, estaria próxima do nível mais alto. Assim, o

---

*peessoa permaneça encarcerada por mais de 30 anos? E de que adianta os jornais, assim como a Folha, darem tanto destaque a uma pena que jamais será cumprida?” (Glória Carta / Curitiba, PR)*

<sup>42</sup> A partir do dia 05/08/98, quando a **Folha de São Paulo** publicou que o motoboy havia sido preso, a média de notícias veiculadas sobre o caso era de nove por dia. Depois da **Veja** colocar o maníaco na capa e da Folha obter cópia do interrogatório (13/08/98), a média caiu para duas ao dia até a data em que Francisco de Assis Pereira faria o primeiro interrogatório na Justiça (20/08/98). Mas, depois do interrogatório, as menções ao caso tornam-

maníaco do parque volta a aparecer como uma figura especial, ‘um criminoso de primeiro mundo’, fato que o destaca dos demais bandidos e o transforma em uma figura importante em seu círculo de convivência.

Quando Francisco de Assis Pereira depõe pela primeira vez à Justiça, a imprensa volta a dar grande destaque ao caso, reafirmando a importância do criminoso, enquanto ele afirma que “lado negro surgiu quando ainda era garoto”, desvinculando-se dos crimes.

“Eu tinha muitos sonhos. Quando sonhava, corria para baixo do cobertor dos meus pais. Eram sonhos macabros. Uma vez cheguei a sonhar com uma criança que tinha chifres negros e um rabo grande. Eu tinha muito medo de fazer alguma coisa. Eu suava muito. Sentia vontade de sair, pegar alguma coisa, mastigar, comer. Aquela coisa se apoderou do lado bom que eu tinha. Isso vinha desde pequeno, uma coisa que veio crescendo em mim. Quando acontecia, eu me isolava. Procurava me afastar de qualquer coisa que pudesse ver, como mulher passando na minha frente”. (20/08/98, p. 3-6)

Essa descrição, juntamente com a afirmação sobre os indícios de canibalismo no corpo de alguns cadáveres, reafirmam a “possessão” de Pereira pela ligação que se faz entre a vontade de mastigar, comer, que ele tinha quando era tomado pelo lado negro quando criança e as mordidas nos corpos das vítimas. “Após ela morrer, me deitei ao seu lado. Eu chorava e a acariciava. Aí comecei a mordê-la, depois de morta, em todas as partes do seu corpo. Eu sentia vontade de comê-la. Como se tivesse vontade de comer algum alimento. Eu tinha uma vontade de comer carne humana” (ibid).

Durante a cobertura espaçada do caso, acreditamos que as notícias serviram mais para reforçar o que já se havia dito sobre o maníaco, até a entrevista feita para o programa Fantástico, da **Rede Globo**, no dia 22 de novembro, que teve – além da repercussão do próprio programa<sup>43</sup> – impacto em toda a imprensa. Novamente, então, em 24/11/98, a Folha

---

se cada vez mais espaçadas, foram publicadas mais cinco matérias em agosto, oito em setembro, seis em outubro, oito em novembro e três em dezembro.

<sup>43</sup> O programa teve 40 pontos de média e 50 de pico no Ibope (cerca de 4 milhões de espectadores). Foi tentado contato com a Rede Globo para cessão ou aquisição da entrevista concedida por Francisco de Assis Pereira ao repórter Marcelo Rezende, mas a emissora informou que não fornece cópia de reportagens. Através de contatos internos, fomos informados que, devido a polêmica causada, a entrevista era considerada um assunto tabu na emissora.

faz uma nova retrospectiva do caso, vítima por vítima e demonstra que em alguns casos ele pode não ser culpado ou condenado.

Em dezembro de 1998, mais duas notícias importantes sobre o caso foram publicadas. No dia 04/12/98, a Folha veiculou uma entrevista em que o motoboy afirma “estar totalmente recuperado e pronto a voltar ao convívio social. A melhora, para um distúrbio que os médicos dizem não ter cura, Pereira atribui à Bíblia, com a qual mandou embora o espírito mau que, acredita, o perseguia”.

Volta-se aqui à questão religiosa como um bálsamo para todas as necessidades. Anteriormente atendeu as preces das mães das vítimas e permitiu a prisão do suspeito de ser o maniaco, fez com que uma das vítimas o perdoasse e agora espantou o espírito mau que atormentava Pereira (também atendeu ao pai do criminoso no pedido para que ele reencontrasse Deus). Essa ligação pode fazer o leitor acreditar que, se tudo o que foi pedido realizou-se, o criminoso também poderia se recuperar, principalmente quando ele reconhece que não é louco - “Era uma força que me fazia matar. [...] Uma coisa ruim que vem da família da minha mãe”. (p. 3-5). E, tendo a finalidade de provar que está curado, arrependido, pede até um júri feminino, uma vez que foi contra as mulheres que cometeu seus crimes, para poder “dizer a elas que isso não vai acontecer em hipótese alguma. Sei que elas vão entender, porque vejo nas cartas que recebo”<sup>44</sup>.

---

<sup>44</sup> As cartas a que Francisco se refere foram tema de reportagem da Revista Época em 07/06/99, material que serviu de estímulo para o estudo que resultou nesta dissertação. Foram selecionados pela revista alguns trechos das cartas recebidas pelo presidiário, com o respectivo título dado pela própria revista:

**DESEJO**

*"Quero te dizer que estou morrendo de saudade, querendo você... Aih meu Deus como te desejo todas as noites. Eu durmo sozinha e querendo você aqui. Mas sei que é impossível. O certo é eu ir te ver. E como posso sentir. Que é meu?" - Adriana J.P., 22 anos*

**DESESPERO**

*"Depois que tudo aconteceu, tentei dar um fim a minha vida, mais uma coisa super interessante teve que acontecer, eu pensei muito e tive esperanças, acredite o mundo dá voltas, quando a gente menos espera algo de bom sempre acontece." - Márcia P.S., 18 anos*

**DELEITE**

*"Por enquanto, nossos beijos são assim. Mas quero te beijar de verdade. Acho que tens saudades. Eu te amo, te*

### 6.3.4 As Vítimas

O enfoque dado pela imprensa às mulheres assassinadas no Parque do Estado por um maníaco sexual e às vítimas de estupro que reconheceram Francisco de Assis Pereira enfatizou que elas foram atraídas ao local dos crimes, seduzidas por propostas de servirem como modelos fotográficos para catálogos de cosméticos. O que também se percebe na cobertura é a necessidade em relacionar aspectos da alma feminina - vaidade e ingenuidade, por exemplo – como um dos motivos dos desvios<sup>45</sup> que levaram as moças à morte ou à violência sexual.

Mas, como se manifesta isso nos textos? A relação com a ingenuidade feminina é estabelecida através de dois focos principais: um que trata da confiança que as pessoas têm em seus semelhantes e o outro, justificando o primeiro, apontando-as como de mulheres que vieram de fora de São Paulo (Gravataí (RS), Maringá e Londrina (PR), Guarulhos (SP)) e que não teriam a malícia de quem é da “cidade grande”.

Sobre uma das vítimas, a prima com a qual ela havia convivido, relatou: “Minha prima era de Gravataí (RS) e estava havia pouco tempo em São Paulo. Ela era alegre e ingênua” (14/07/98, p. 3-8). A mãe de outra desaparecida informou que “sua filha morava em Guarulhos (Grande São Paulo) e sonhava ser modelo fotográfico – havia ganho um concurso de miss num bairro da cidade” (17/07/98, p. 3-5). Outra suposta vítima (Michele), de acordo com a Folha, “usava aparelho nos dentes, era professora de dança e já havia tentado posar para fotografias

---

*amo, te amo etc, te desejo, te quero de corpo e alma. E me perdoe por tudo que estou sofrendo. Sabe Francis, eu não me conformo, e choro. E eu preciso ser forte (...)* - **Rita S.L., 27 anos**

<sup>45</sup> O uso da palavra desvios foi utilizado porque o jornal recorrentemente afirma que as mulheres iam fazer algo quando desistiram para tirar fotos. Selma Ferreira Queiroz “ia pegar um ônibus para casa e não foi mais vista (09/07/98, p. 3-8)”; Raquel saiu da estação do metrô de Jabaquara para ir de ônibus até Diadema; P.C.S. idem, mas saiu da praça da República; E.C.S. idem, só que estava no bairro de Piraporinha, em São Bernardo do Campo e uma outra vítima também estava no metrô.

como modelo” (ibid). O próprio jornal assume uma postura generalizante ao afirmar, em 21 de julho, que “Michele, assim como outras vítimas, sonhava em ser modelo” (p. 3-2).

É importante observar que muito poucas vezes foi mencionado o fato de que a proposta para ser fotografada seria recompensada com o pagamento de uma quantia em dinheiro. Segundo a própria Folha de S. Paulo “Todas (as vítimas) foram atraídas ao parque com a proposta de posar por R\$ 300,00 para fotos que fariam parte do catálogo de uma empresa de cosméticos (18/07/98, p. 3-9)”. Em uma nova acusação, outra a vítima, a dona-de-casa A., havia sido abordada na fila de uma agência de empregos e “afirmou que o motoboy lhe ofereceu emprego em um shopping [...] e teria prometido um salário entre R\$ 300 e R\$ 400” (30/07/98, p. 3-9).

A versão do convite para posar para fotos de um catálogo de cosméticos foi mantida em toda a cobertura e reforçada a cada retrospectiva ou cronologia do caso. O jornal tinha a intenção de fazer crer que todas as mulheres foram vítimas de sua própria vaidade, como podemos observar em notícias veiculadas pouco antes da prisão do motoboy. Na manchete a Folha enfatizava o desejo de ser modelo - “Desaparecida tinha feito book de fotos” – e no texto dizia que “em comum, as três desaparecidas tinham o sonho de ser modelo e já haviam feito books” (02/08/98, p. 3-4). Com menos destaque aparece a versão do pai de uma das meninas, vinculando o desaparecimento à questão financeira/social: “Esse maluco era dotado de lábia. Uma moça que precisa de emprego pode ser facilmente enganada”.

Se observarmos mais atentamente a profissão das moças e alguns detalhes de seus comportamentos, poderíamos argumentar que outra possibilidade de representação do fato poderia ter sido adotada. O jornal, entretanto, poderia optar por relacionar os crimes a causas sociais como baixos salários ou desemprego e não apenas à vaidade feminina.

Raquel Mota Rodrigues (morta) era vendedora em uma loja de móveis<sup>46</sup> e, antes de desaparecer, ligou para a prima de um telefone público no metrô<sup>47</sup>; Selma Ferreira Queiroz (morta) era balconista, “estava deixando o trabalho em uma rede de drogarias” e era de família pobre, “filha de uma dona-de-casa e de um pedreiro” (09/07/98, p. 3-8); Elizângela Francisco da Silva (morta) era estudante; Patrícia Gonçalves Marinho (possivelmente morta) era vendedora de uma loja da rua Direita; Michele dos Santos Martins (possivelmente morta) era professora de dança e fazia cursinho; P.C.S (estuprada) era secretária; E.C.S (estuprada) era balconista/industrial (o jornal usa as duas qualificações); A. (agredida) era dona-de-casa; D.S.B. (estuprada) era recepcionista; e as desaparecidas com suspeita de serem vítimas Rosa Alves Neto (recepcionista), Rosana Carsoni (que desapareceu quando saiu em busca de emprego) e Vicky Marcelino Bério (estudante)

Ao optar por fazer apenas a relação entre as mortes e a vaidade, o jornal trabalhou com a forma mais atrativa e compreensível ao leitor, apoiando-se, inclusive, em uma visão estereotipada das mulheres. A outra forma proposta talvez tornasse as notícias menos impactantes e menos chamativas - pois resultaria em uma trama menos folhetinesca com uma forte ligação com os problemas sociais do cotidiano, como a falta de emprego, dinheiro ou oportunidade de ascensão profissional – e não teria tanta repercussão junto aos leitores. Para garantir a interpretação pretendida foi adotado um estilo mais sensacionalista, destacando apenas o que era de interesse do autor. Conforme afirmou POSSENTI (1998, p. 207)

“o estilo escolhido por um falante pode, em certas circunstâncias, ser como é em função do contexto. Isto é, há uma determinada situação e, conhecendo as regras de comportamento para essa situação, o falante escolhe o estilo adequado a ela. Neste caso, tudo corre dentro das expectativas normais. Mas também pode ocorrer o inverso: dada uma certa situação, e

---

<sup>46</sup> O dado sobre o local do trabalho de Raquel foi obtido na matéria “Sonho de modelo expõe garotas à violência” (02/08/98, p. 3-4)

<sup>47</sup> Poderíamos considerar o fato de que ela não tinha telefone celular, por exemplo, para considerá-la em determinada faixa sócio-econômica?

sabendo que tipo de comportamento se espera, o locutor rompe as regras e escolhe um estilo considerado inadequado. Neste caso, que pode ser fruto da escolha consciente do locutor, por exemplo para chocar, ou ser produto involuntário, porque o locutor se equivoca em relação à situação, o estilo não só não é adequado, como é, de fato, o criador do contexto, isto é, a situação se encontrará alterada por causa da forma como o locutor se expressou”

Para reforçar sua visão do assunto, a Folha de S. Paulo produziu matérias especiais sobre os riscos existentes no caminho de mulheres, que buscam seguir a carreira de modelo. Em 02 de agosto, a vaidade foi o tema de uma chamada bastante sóbria na primeira página do jornal – “Convite para ser modelo envolve risco” e reportagem especial na Revista da Folha, que circula apenas em São Paulo.

Na capa da revista, entretanto, o sensacionalismo jornalístico – que é marcado pela interpretação dúbia ou pelo exagero – foi adotado para produzir a manchete “Atraídas pelo desejo”, com subtítulo “Sonho de ser modelo leva jovens a aceitar propostas de desconhecidos, como o caso das vítimas do maníaco do parque do Estado”. Nas páginas internas preferiu-se a associação a um filme - “Ilusões perigosas” – e com o subtítulo “Caso do maníaco do parque mostra que vontade de ser modelo deixa garotas vulneráveis a assédio, roubo e até violência física”, enfatizou-se os riscos originados pelo desejo das mulheres.

“Para além da violência desmesurada, o caso (do maníaco do parque) chama a atenção pelo modo como o assassino atraía suas vítimas: tocando-lhes a vaidade. Entre elogios, ele prometia concretizar o sonho de ser modelo, mania nacional hoje entre milhares de adolescentes. Seduzidas, as garotas esqueciam as regras mais básicas de segurança de quem vive em uma cidade violenta como São Paulo: não sair com estranhos, não pegar carona ou ir a locais desertos.” (p. 10/15 – 8)

Para garantir que obterá sucesso na passagem de sua versão ao público, o veículo destaca primeiramente no texto as declarações de parentes das vítimas que confirmem o que está sendo dito. A prima de Raquel Mota Rodrigues, 23, afirmou que “ela era muito vaidosa, gostava de se arrumar e era ingênua; acreditava nas pessoas. Acho que ele conseguiu iludi-la”. Sobre outra jovem o jornal informa que “segundo sua tia, Maria Ildete Alves, ela era muito

vaidosa e chegou a ir a uma agência de modelos”. [...]”Jovem e bonita, se ela foi abordada pelo maníaco, pode facilmente ter caído na sua conversa”, diz a tia (ibid).

Em seguida é mencionado o caso de Selma Ferreira Queiroz, 18, para a qual a visão do jornal não se encaixa, pois “Selma não tinha ambição de ser modelo, mas estava desempregada havia pouco tempo e queria juntar dinheiro para cursar uma faculdade” (p. 10/15 – 8). Ao abordar o caso de outra mulher, também a remuneração é dada como fator determinante na atitude das vítimas: “a promessa era a mesma feita para outras três vítimas: ele ofereceu R\$ 300 em troca da participação em um anúncio de cosméticos” (ibid). Entretanto, o jornal, apesar de mencionar essas duas ‘divergências’ das causas das mortes, sustenta que a vaidade é a responsável pelo descuido das mulheres com a sua segurança. A continuação da reportagem reapresenta o caso das três jovens desaparecidas que em comum “tinham o sonho de ser modelo e já haviam feito books”, conforme já abordamos anteriormente.

Mesmo após a polícia ter prendido o motoboy, o jornal continua sustentando sua versão a respeito do que levou as garotas a acompanharem o maníaco. Quando noticiou o enterro de uma das vítimas no dia seguinte ao da prisão, a Folha deu em subtítulo que “Familiares dizem que Patrícia gostava de posar para fotos e fazia amizades com facilidade”. (06/08/98, p. 3-4) No corpo do texto uma declaração de sua irmã nega o desejo da vítima de ser modelo ou manequim, mas explica que ela gostava muito de tirar fotos. “Ela tinha até um álbum com fotografias que os familiares tiraram dela. Adorava aparecer nas fotos de família”(ibid). Apesar de posturas e objetivos diferentes, percebe-se que o jornal faz uma leve referência à possibilidade de também essa moça ter sido traída pela vaidade, uma vez que adorava tirar fotos, elemento fundamental para a profissão de modelo.

Uma das citações mais explícitas de que as mulheres foram atraídas muito mais pelo dinheiro do que pela possibilidade de se transformarem em modelos fotográficos e aparecerem em algum catálogo de cosméticos foi dado após a confissão do maníaco. “A caixa

de supermercado, Sandra Aparecida de Oliveira, 19, [...] afirmou que foi abordada por Pereira no parque Ibirapuera e aceitou acompanhá-lo até o parque do Estado para tirar algumas fotos por R\$ 700” (09/08/98, p. 3-3).

Podemos afirmar que a Folha de S. Paulo ignorou os indícios de que havia algo mais do que se estava apresentando ao público e apostou na versão da vaidade feminina como fator motivacional das mortes, estupros ou desaparecimentos das mulheres, reforçada constantemente por repetições. Essa ótica foi assimilada pelas pessoas que estavam acompanhando o caso, conforme podemos observar neste trecho de uma notícia publicada no dia 12 de agosto, após a confissão dos crimes por Francisco de Assis Pereira:

“Na cidade de São Paulo, somem 194 mulheres a cada mês. Agora, o movimento cresceu e a ação do maníaco serve de inspiração direta para muitas denúncias. “Ela adorava tirar fotografias e queria muito subir na vida. Além disso, tem um tipo físico parecido com o da maioria das vítimas do maníaco”, descreveu Irani Maria de Souza, 50 anos, que foi registrar o desaparecimento da amiga [...] eu tenho medo que ela tenha sido morta pelo maníaco”. (p. 3-1)

Ao dar guarida a essa visão, o jornal reduziu a culpa do assassino através da atribuição de parte da culpa, ou melhor, da imputação da causa dos crimes ao comportamento feminino. Não foram consideradas relevantes, em nenhum momento da cobertura, outras possíveis alternativas para o comportamento das mulheres como, por exemplo, a necessidade financeira. Até mesmo quando é feita uma análise por agente do FBI sobre o perfil do maníaco do parque, lembrando sempre que a base das informações foi passada pela Folha de S. Paulo, o policial americano afirma que ele (o maníaco) “[...] atraía suas vítimas com uma isca elaborada, essa história de fotógrafo, sem precisar apelar para a violência”. Ao apontar apenas a vaidade como objeto da ação, o jornal tornou as vítimas co-responsáveis por suas mortes, reduzindo o impacto da culpa sobre o criminoso.

### 6.3.5 A Polícia

Além da dissociação inicial entre as figuras de Francisco de Assis Pereira e do maníaco do parque, da justificativa dos assassinatos pelo “lado ruim” do motoboy e da caracterização das vítimas como co-responsáveis pelos crimes, a forma como a polícia é apresentada também beneficia o motoboy. Ao denegrir a imagem policial, enaltece-se a do criminoso que passa a ser considerado mais esperto ou inteligente que a força militar.

No início das reportagens ela aparece como uma instituição eficiente, encontrando corpos, fazendo o retrato falado e divulgando a foto do suspeito. Mas, à medida em que não consegue capturar o fugitivo, as notícias que dão destaque à polícia limitam-se à identificação das vítimas e suposições a respeito da localização do criminoso<sup>48</sup>. Mesmo quando o suspeito é preso, o crédito da prisão do motoboy é dado a um pescador: “A curiosidade do pescador João Carlos Dorneles Vilaverde foi o que provocou a prisão do motoboy Francisco de Assis Pereira [...]” (FSP 05/08/98, p. 3-3).

Entretanto, quando surge a necessidade de apresentação de provas concretas contra o suspeito é que essa autoridade sofre seus maiores reveses, o que indiretamente acaba influenciando no julgamento de Pereira por parte da população. Ao não conseguir resolver satisfatoriamente o caso e cometer erros onde mais precisaria acertar, a polícia acaba sendo considerada incompetente e suas afirmações perdem força. Foi o que aconteceu no teste do DNA do sêmen encontrado em um dos corpos. Sobre o título “Fracassa identificação por teste de DNA”, a Folha de S. Paulo estampou: “Perícia não consegue saber de quem é o esperma achado no corpo de vítima no Parque do Estado; resultado era principal pista para determinar autor de crimes” (07/08/98, p. 3-1). No corpo do texto, a autoridade responsável pela

---

<sup>48</sup> Nos primeiros dez dias de cobertura, nove matérias traziam a polícia em título ou subtítulo, contra apenas três que nada mencionavam. Todas as notícias eram positivas para a corporação. Desde então, foram produzidas mais 10 matérias com a polícia em manchete, enquanto as que priorizavam outros aspectos somaram 15, até a prisão do motoboy, em 05 de agosto.

identificação (da Universidade de Mogi das Cruzes) critica os peritos do Instituto Médico Legal pelas falhas na coleta do material, que seria a principal esperança da polícia para identificar o autor dos crimes.

Depois disso, a defesa do acusado – apoiada por outros advogados ouvidos pelo jornal – afirma que os indícios levantados pela polícia não são conclusivos. Há também a crise na Secretaria de Segurança Pública, gerada pelo fracasso no teste de DNA e a cobrança da sociedade pela atuação considerada relapsa, quando do sumiço da estudante Isadora Fraenkel.

Mas, os principais problemas ocorrem pelo fato de estar sendo reiterado constantemente que a polícia não consegue progredir sem a colaboração do motoboy. Isso faz com que vários inquéritos voltem da promotoria para a polícia, que reconhece sua incapacidade diante dos fatos. Se não acredita na eficiência da polícia, a população passa a ter mais condescendência com o criminoso, principalmente quando ele se dispõe a ajudar a solucionar os crimes, cuja versão divulgada é que não teriam sido cometidos por ele, mas por seu “lado mau”.

## 6.4 O ESTADO DE SÃO PAULO E O MANÍACO DO PARQUE

### 6.4.1 O Foco Inverso da Cobertura

Após a prisão de Francisco de Assis Pereira, o Estado de S. Paulo seguiu na mesma linha que a Folha de S. Paulo, inclusive colocando uma declaração do suspeito<sup>49</sup> em título da notícia principal, em que ele afirma sua inocência: “Sou inocente”, diz Pereira em entrevista” (06/08/98 ).

Além disso, nessa primeira entrevista, ele negou que tenha estuprado as mulheres que o reconheceram e desafiou a polícia a encontrar provas contra ele – “Não fiz nada. Quero

---

<sup>49</sup> O motoboy é apresentado no dia 06 de agosto, em notícia que trata do pescador que o entregou à polícia, como sendo “o fugitivo mais notório da polícia brasileira”

provas. Quero que elas provem o que estão dizendo” -, irritou-se com a ex-namorada, mãe de seu filho – “Tive um caso com ela, o filho que ela tem é meu. Ele se apegou a mim e a gente se encontrava todos os sábados, mas essa história é coisa do passado” – mas afirmou não ter problemas de relacionamento após o rompimento. “Sou um cara bom, sou de bem com a vida”.

No caso do OESP, não ficou tão caracterizada a ambigüidade entre Francisco de Assis Pereira e o maníaco do parque, mas as declarações de inocência embasarão o que foi afirmado sobre ele ter um lado ruim, possibilitando a dissociação de Francisco de Assis Pereira e do assassino. O jornal dá vazão à história de que existe algo de sobrenatural no comportamento de Pereira: “Motoboy diz a delegado que tem “lado ruim” (título). No texto afirma-se que ele declarou ter dupla personalidade – “Tenho um lado bom e um lado ruim; o lado ruim muitas vezes é mais forte do que o bom” – estimulando a imaginação dos leitores. As declarações do motoboy praticamente descrevem o comportamento de um personagem de filme de suspense, “tenho pesadelos, uma perversão grande dentro de mim, e acordo sempre bastante suado”.

Em matéria correlata, o Estado informa que “mãe e irmãos de vítima querem vingança”, representada no texto pelo desejo de que o motoboy passe o resto da vida na cadeia. Entretanto, um fato que chama a atenção é a declaração do irmão da vítima (Raquel), para quem ela “caiu na conversa” do maníaco para ganhar um dinheiro extra, posando para umas fotografias”, apresentando uma hipótese até então não divulgada (exceto subliminarmente pelo próprio motoboy): a de que talvez as meninas não foram atraídas ao bosque apenas por serem vaidosas, mas por precisarem de dinheiro. Continuando com a questão das dicotomias apresentadas pelos jornais, o próprio irmão afirma que o motoboy deve ser punido, mas há um condicionante: “que se prove que ele realmente praticou aqueles crimes”. Com isso, a família tenta evidenciar que Pereira é apenas suspeito de ter cometido os crimes.

Como não diversificou muito as matérias produzidas antes da prisão do motoboy, atendo-se mais ao universo dos crimes, após sua prisão, o Estado passa a fazê-lo ouvindo, por

exemplo, os amigos do suspeito – “Pereira é normal, dizem amigos” (título) - e relata suas opiniões, contribuindo para a definição da imagem do suspeito. O depoimento de amigos tem grande valia, pois são as pessoas que convivem diretamente com Francisco de Assis Pereira e que podem atestar melhor sua postura. Para o Estadão, “a maioria das pessoas que trabalharam e conviveram com ele sempre tiveram a impressão de que ele é uma pessoa absolutamente normal – simpático, namorador e aventureiro, embora, às vezes, demonstre sentimentos contraditórios e traços agressivos” .

Pela primeira vez desde o início do caso para este jornal, uma fonte oficial (a polícia) admite a possibilidade de o suspeito ter problemas mentais, pois “o delegado pretende submeter Pereira a exame de sanidade mental. “Ele tem problemas de saúde e admitiu isso na conversa que tivemos logo depois que chegou ao departamento” . Também, nesse dia, é feita a primeira comparação entre o suspeito e algum criminoso famoso, no caso o “Estrangulador do Morumbi”, que matou 11 mulheres “e até hoje está preso, pois foi considerado pelos peritos um psicopata incurável”. No dia seguinte (07/08/98), é publicada uma matéria mais completa sob o título “Estrangulador”, condenado em 73, agia como o maníaco” e subtítulo “Assassino em série, que seduziu e matou 11 mulheres, deve ser solto daqui a cinco anos”, descrevendo como agia o ‘Estrangulador’ e as semelhanças entre os dois. Há também um trecho de um depoimento do criminoso, tentando definir seu impulso para o crime: “Sentia ódio das mulheres que me amavam. Depois que meu pai morreu, muitas vezes vi minha mãe ser acompanhada por outros homens. Matei minha primeira namorada, não sei quando, nem quem era”. Some-se, então, à inocência feminina esta questão do trauma familiar como elemento motivador dos crimes.

Essa, entretanto, não era a notícia principal do dia, que tratava do indiciamento do motoboy pela morte de uma das vítimas do maníaco. Com isso, a polícia começa a fazer uma ligação mais forte entre os dois. “Eu e minha equipe temos convicção e provas de que Pereira

matou Selma”, disse o delegado [...], justificando a decisão de indiciá-lo”. O jornal noticiou sem nenhum destaque – apenas nas duas últimas linhas do texto - a afirmação de que Pereira, “ao conversar ontem com policiais, teria se referido às “centenas” de mulheres que namorou. Ele teria afirmado: “É só você falar o que elas querem ouvir e elas vêm atrás” (07/08/98 ). A Folha de S. Paulo, por sua vez, colocou tal afirmação em título, dando maior destaque ao exagero, ao sensacional e ao caráter sexual do caso.

Para desmontar as declarações de inocência do motoboy, o Estado valeu-se da atitude de uma das vítimas. Sob o título “Vítima reconhece Pereira na tevê e passa mal”, o jornal afirma que ao assistir Pereira afirmando que “jamais matou alguém, que jamais estuprou alguém e nunca esteve nas matas do parque”, a operadora de caixa S.C.O, de 19 anos, resolveu procurar a polícia, pela segunda vez, para “contar os momentos de terror e pavor que passou na mata. “Ele apertou meu pescoço com as duas mãos e dizia ‘tá vendo como posso matar você’ e gritava que era um psicopata, que já matara muitas mulheres e todas estavam enterradas naquele lugar”. Nessa notícia também aparece a oferta de salário (R\$ 700,00) para ser manequim de cosméticos, reforçando o aspecto de que não era apenas por vaidade que as mulheres seguiram o maníaco. Outro fator que corrobora essa versão é o esquecimento da carteira de trabalho da vítima na casa de pessoas que a socorreram, quando ela fugiu do motoboy, pois a CTPS é um documento muito importante para os trabalhadores assalariados, principalmente para aqueles de baixa renda.

O jornal também utiliza o depoimento do autor do retrato falado para relacionar o motoboy com o maníaco do parque. “É ele”, diz perito que fez o retrato”, informa o Estado, para depois confirmar tal informação no texto: “O perito em retratos falados da Delegacia Seccional Sul, Sidney Barbosa, de 27 anos, não tem dúvidas de que o motoboy Francisco de Assis Pereira seja o homem que lhe foi descrito por duas vítimas”. Esse depoimento é percebido como

argumento da autoridade, pois é um especialista que fala, um técnico, que não está envolvido emocionalmente e por isso teria mais condições de opinar de forma isenta sobre o ocorrido.

Por outro lado, no mesmo dia (07/08/98), a mãe do motoboy aparece declarando sua crença na inocência – “Meu menino é inocente”, diz mãe do acusado (título) – mas o jornal caracteriza bem a expressividade da emoção, diferentemente do que fez com o depoimento do retratista da polícia. Dessa forma contrapõe um parecer caracterizado como técnico-científico por vir de um especialista a um emocional, embasado em sentimentos, desmerecendo o segundo pela sua falta de “isenção”. Por exemplo, o texto começa descrevendo o sofrimento da mulher para demonstrar os problemas que vem enfrentando com todo esse caso:

“Triste, cansada, com tonturas, pressão alta e “muito aperto no coração”, Maria Helena de Souza Pereira, de 51 anos, mãe do motoboy Francisco de Assis Pereira, suspeito de ser o maníaco do parque, acredita que o filho é inocente. “Ele disse isso no meu ouvido”, conta. [...] “O meu coração me diz que meu menino é inocente”, diz .

A afirmação do motoboy transmitida pela mãe ao jornal ganha conotação de confissão, mas como se fosse apenas para agradar uma mãe que está aflita, conforme pode ser observado nas suas declarações: “O pobrezinho está só de camiseta, com este frio” e “Ele está muito diferente: abatido, sofrido, machucado, com um ferimento no olho, do soco que levou. Não posso acreditar que o filho que criei seja esse monstro que estão dizendo”. A parte técnica da defesa do motoboy é feita pelos advogados, mas nesse momento eles limitam-se a afirmar que vão contestar todas as provas apresentadas pela polícia.

No dia seguinte, o Estadão publica as primeiras respostas dadas por Pereira em interrogatório, no qual continuou negando seu envolvimento no caso. As notícias mais importantes do dia foram as complementares que demonstraram a descrença de seus advogados em sua sanidade mental – “Defesa já duvida da sanidade de motoboy (título). O argumento de descrença serve para defender a existência de um problema mental, o que

justificaria as ações do motoboy: “Não sou perita nem técnica, mas nos chamou a atenção a sua resposta em relação à conduta de sua sexualidade, o que pode indicar um transtorno de personalidade e sexual, afirmou a advogada” (08/08/98 ).

Outra notícia demonstra a preocupação do jornal com uma possível condenação prévia do motoboy – “Superexposição pode fazer povo ‘condenar’ motoboy” (título) e “Segundo especialistas, mídia tem poder de influenciar opinião pública e prejudicar suspeito” (subtít.). O Estado de S. Paulo enfatiza que o noticiário “pode estar criando na população a certeza de ele ser o assassino, sem que tenha sido julgado” e para sustentar tal hipótese utiliza depoimentos de vários professores, que remetem a situações já divulgadas pelos jornais, como a reação das vítimas e parentes quando da prisão do motoboy: “No imaginário das pessoas, ele já é o assassino”, afirmou Flávio Calazans, professor de Teoria da Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo.

O mais interessante é que, logo após o jornal defender a não culpabilidade de Pereira até que seja provada sua relação com os crimes, em 09 de agosto, o Estadão noticia sua confissão, jogando por terra a última tentativa de desvinculação entre a imagem do motoboy e a do maníaco. Com o título “Maníaco confessa assassinato de 9 mulheres” e subtítulo “Francisco de Assis Pereira afirmou que sua última vítima foi Selma [...]. Ela foi morta perto do corpo de uma garota, de 15 anos, que morreu estrangulada”; o Estadão faz a ligação entre as duas figuras, utilizando as próprias declarações do motoboy. Ao referir-se novamente a Pereira, como o maníaco que confessava os crimes - no título da notícia - o jornal, mesmo defendendo a necessidade de provas, demonstrou que já considerava o suspeito como sendo o maníaco.

Nesse momento, começa-se a enfatizar uma “explicação” para as ações, o lado ruim do motoboy, que o dominava quando entrava no bosque e o “obrigava” a matar as moças. Por essa versão ele seria uma pessoa boa, mas estaria sendo dominado por uma “força/entidade superior”: “Os policiais perguntaram por que Pereira matava as mulheres se elas nada lhe

faziam. Respondeu que tinha sonhos perversos; que apertava o pescoço das mulheres, as mordia, as enforcava e acordava muito assustado. “Do sonho, acho que passei para a realidade; quero acabar com isso; quero tirar esses problemas da cabeça”, explicou a um dos investigadores [...]”. As declarações demonstram também o desejo de se salvar/curar, tendo para isso que até insistir para que os policiais acreditassem nele: “Vamos lá na mata que eu mostro onde deixei o corpo da Isadora e assim vocês vão acreditar”, disse”.

A ligação entre o motoboy e o maníaco fica completa quando a mãe e o pai de Pereira reconhecem que seu filho é culpado. Para ressaltar o aspecto trágico que a notícia da culpabilidade teve para os pais, o Estado apostou na dramaticidade da narrativa:

“Os olhos verdes da dona de casa, Maria Helena de Souza Pereira, de 51 anos, mãe do motoboy Francisco de Assis Pereira, de 32, não pararam de lacrimejar um minuto durante uma tumultuada entrevista à imprensa, no início da tarde de ontem, logo após a família ter recebido a notícia de que Pereira havia confessado ser realmente o maníaco do Parque do Estado, responsável pela morte de nove mulheres. “A única coisa que posso dizer é perdão, mil vezes perdão, afirmou [...]”

#### 6.4.2 A Insanidade

O jornal passa a destacar, então, a mudança na estratégia de defesa, que afirma estar o motoboy “no limite entre a razão e a loucura”. Também nesse dia, utiliza-se o argumento dos especialistas para traçar um perfil do maníaco – “Perfil é de assassino frio e exibicionista” (título) e “Especialistas afirmam que as características do autor dos crimes apontam para psicopata” (subtítulo) – alertando para o fato de que somente um exame clínico poderia esclarecer se ele tem algum distúrbio mental. As possíveis características apontadas são: “assassino frio, que não tem a menor preocupação com suas vítimas, mentiroso, exibicionista, um psicopata”. De acordo com as declarações dos psicólogos e psiquiatras, que apontam o perfil do motoboy como sendo o de um psicopata, que “são pessoas para as quais os valores morais não existem”, “só praticam o delito com a certeza de que a vítima não vai reagir” e “são falantes, hábeis [...] e não têm distúrbios de inteligência” (ibid).

O jornal novamente faz comparações entre Pereira e outros criminosos famosos que tinham alguma semelhança com o seu caso, mas ao invés de ater-se ao Brasil, as análises são feitas com personagens de todas as partes do mundo, demonstrando a importância do maniaco. Nota-se que a todas elas apresenta-se uma justificativa, seja um trauma seja um distúrbio mental.

Relaciona-se o motoboy com “Albert De Salve, o Estrangulador de Boston”, que matou 13 mulheres e estuprou centenas; com “Jack, o Estripador”, que matou cinco prostitutas em Londres, no século 19, e é o primeiro e mais famoso serial killer da história; com “Ted Bundy”, que fez 35 vítimas – todas jovens, bonitas e educadas; com “Jeffrey Dahmer, o Canibal de Milwaukee”, que matou 18 garotos de programas e com “Eddie Gein”, que é um serial killer dos anos 50, mas o que ele fez ainda hoje é parte da cultura americana:

“Ele inspirou personagens em três filmes de terror. É o filho maluco do clássico Psicose, de Hitchcock. É o sujeito que arranca pele em O Silêncio dos Inocentes. E é o autor do Massacre da Serra Elétrica.

Gein foi criado pela mãe com aversão a sexo, proibido até de olhar para mulheres. Quando cresceu, explodiu. Ficou tão deslumbrado com a anatomia feminina que roubava cadáveres recém-enterrados. Com o tempo, passou a fazer suas próprias vítimas, dezenas delas. Até o irmão”

O mais completo relato sobre a atuação do maniaco do parque foi feito no dia 10 de agosto e ocupou quase uma página toda do Estado de S. Paulo. Nele o jornal descreve em detalhes a ação do motoboy, o fato de não ter encontrado problemas em convencer as moças a acompanhá-lo (muitas vezes utilizando a possibilidade de remuneração por uma sessão de fotos), como as matou e o que fazia com os objetos pessoais das vítimas. No mesmo dia uma psiquiatra (novamente a voz da autoridade, pois é autora de um livro – “Loucura e crime”) “acha que o maniaco sempre apresentará risco para a sociedade”, informa o Estado no subtítulo da notícia “Para psiquiatra, motoboy tem lesão cerebral”. No corpo do texto, ela explica as razões que permitiram chegar a tal conclusão: “pelos indícios e com base nos depoimentos, acredito que o acusado sofra de uma encefalopatia minor, um distúrbio decorrente de algum tipo de traumatismo, infecção ou má formação congênita”, reforçando a

hipótese de que o motoboy seja uma pessoa doente. Ao utilizar o argumento de uma autoridade sobre determinado assunto, o veículo dá-lhe uma aura de verdade incontestável, uma vez que foi produzida por alguém que detém um saber especial ainda não alcançado pelos seres humanos normais.

As notícias sobre a insanidade do motoboy são recorrentes, com falha em apenas três dias nas notícias publicadas entre 11 e 21 de agosto. Em algumas dessas datas, inclusive, tomaram praticamente todo o noticiário sobre o criminoso. As informações partem das mais variadas fontes, com os mais diversos enfoques. Até mesmo quando o “Promotor denuncia motoboy por homicídio” (tít. 11/08/98), é feita a menção de que irá pedir, junto com a prisão preventiva (que é algo fundamental para o caso), “um laudo de insanidade para saber se o denunciado é ou não imputável”, transferindo, por proximidade, o valor agregado à prisão para o laudo. O próprio promotor acredita que “ele seja considerado semi-imputável, porque uma parte de sua personalidade funciona bem, mas ele tem momentos negros”, corroborando a versão do motoboy sobre o seu lado mau.

No mesmo dia, novamente embasado pelo discurso de especialistas, o Estado afirma em título que “Confissão indica diagnóstico de psicopatia” e que “há grande probabilidade de o problema ser orgânico e de difícil tratamento”. Esses especialistas confirmam o que o promotor disse (que já havia sido apontado pelos advogados, pelo próprio motoboy, pelos pais das vítimas) e declaram que “não resta dúvida de que ele não é normal, porque executou o mesmo crime repetidas vezes e continuava levando sua vidinha trivial”, avaliou o psiquiatra forense [...]. Há inteligência nesses indivíduos, mas eles sofrem de uma espécie de anestesia moral, pois não sentem remorso”. Nessa mesma notícia – “Sobe para 10 o número de vítimas de maníaco”, é relatado que o motoboy afirmou não poder ser libertado: “Ele falou que se for colocado em liberdade, vai continuar matando”, salientou o delegado. E, um outro fator que contribui para a imagem de psicopata é o relato de que ele “usava sempre o mesmo ritual:

dava uma gravata na mulher, socos, apertava o pescoço e mandava tirar a roupa. “Ele declarou que sentia prazer em ver o terror estampado no rosto das moças” .

Para aumentar o debate sobre o sanidade ou não de Francisco de Assis Pereira, o título principal sobre o caso, no dia 12 de agosto, é “Motoboy diz que pode ter ‘perdido a conta’”, e a notícia relata o fato do criminoso não lembrar de outras vítimas, podendo ter matado mais que as 10 já confessadas. Aqui volta a vigorar o elemento suspense, que será reforçado pelas buscas sem resultados feitas pela polícia nas matas do Parque do Estado. Em uma matéria complementar, destaca-se a afirmação de que ele teria matado Isadora Fraenkel no mesmo dia que a conheceu, ato que o delegado do caso supõe ter se repetido com as outras vítimas.

Para descaracterizar o discurso da insanidade, um promotor que recém assumiu o caso, passa a discordar da existência de um lado negro e acredita ter o motoboy “um talento para o crime”, sendo um criminoso comum e assim devendo ser tratado. (12/08/98). Mas, durante toda a cobertura, ele é o único que defende tal hipótese, seguindo na contramão dos veículos de comunicação.

Prova disso é que, no dia 13 de agosto, “Quatro moças violentadas reconhecem o motoboy”(título) e, segundo duas delas, “Pereira disse que tinha problemas com mulheres desde menino e, por isso, estava agindo daquela maneira”. Outra mulher afirmou que “ele chorou bastante”, enquanto a atacava. Em notícia desse mesmo dia, o Estadão dá destaque ao depoimento dessa última e coloca no título que “Jovem atacada diz que maníaco a dominou e chorou”. Segundo o jornal<sup>50</sup>

“Quando entraram na mata, ela foi dominada e obrigada a se despir. Estava escuro. Pereira começou a passar as mãos pelo corpo dela e passou a chorar. Chorou muito, falou da família e da vida que levava. “Eu estava em pânico, queria ir embora e ele me deixou amarrada, ficando com meu dinheiro”

---

<sup>50</sup> Novamente aqui é feita referência às propostas de recebimento de dinheiro pela sessão de fotos. “A história me deixou empolgada, pois eu receberia um cachê de R\$ 300,00 e ele disse que a empresa de cosméticos lhe pagaria R\$ 150,00”, afirmou a vítima.

Conforme já afirmamos, o discurso da insanidade contribui para a formação da imagem ambígua do motoboy e o conflito de personalidades é constantemente reforçado. Em depoimento, sua ex-namorada afirmou que, no período em que estiveram juntos, ele era “um rapaz atencioso, apaixonado, de boas maneiras, que por amor à namorada chegou a deixar de lado, temporariamente, uma de suas maiores paixões: a patinação” (13/08/98 ). Ela apontou “o inimigo” como o responsável pelas atitudes do maníaco: “Foi o demônio que se apoderou dele”. Ela também faz referências ao abuso sexual sofrido pelo motoboy na infância: “Ele falou muitas vezes dessa tia que ficava pelada na frente dele, oferecia os seios e passava as mãos nas pernas dele, dizendo que eram grossinhas”. Ou seja, há certa garantia de fidedignidade na informação passada pela moça, pois ela conviveu com o motoboy, além de ser reforçada tal garantia por estar atrelada ao aspecto da religiosidade. Observe-se que ela enfatiza o trauma como um fato muito importante para ele: “Ele falou muitas vezes ...”.

Outra referência familiar é passada pelos irmãos em notícia sobre a reclusão a que foram impostos pela curiosidade alheia, após a divulgação do caso. Segundo o irmão mais novo, criado com Pereira até os 18 anos, “no fundo, no fundo”, o motoboy foi tomado por forças ocultas [...]. “O problema é espiritual; seu corpo foi usado por uma força maligna que destruiu, além dele, as moças, suas famílias e todos nós (14/08/98 ). Ele também afirmou que Pereira “tem um lado bom”.

A percepção da ambigüidade está sempre presente nos discursos que se referem ao motoboy e são adotados de duas formas: a primeira é a separação entre um bom e um mau Francisco de Assis Pereira, que é assombrado por forças ocultas e a segunda é a distinção entre são e insano. Além de dar o benefício da dúvida ao criminoso, o OESP volta a relacionar Pereira com criminosos notórios, aumentando sua importância cada vez mais. Novamente pontos semelhantes entre o motoboy e “criminosos de histórias, comparáveis às de filmes de

---

terror” e cita o exemplo de “Pedrinho Matador”, que lembra de 99 assassinatos, mas suspeita que tenham sido muitos mais. A hipótese de ter mais crimes no currículo também foi aventada por Pereira, em depoimento à polícia, tornando ambos ainda mais próximos. Outros bandidos são relacionados a Pereira, (classificado na reportagem como “criminoso notório”) por terem ficado no mesmo bloco da prisão. São o Bandido da Luz Vermelha, Hosmany Ramos e Chico Picadinho (16/08/98 ).

No dia 20 de agosto, o título da notícia revela que “Laudo de sanidade de motoboy sai em 30 dias”, mas o texto refere-se basicamente ao depoimento prestado ao juiz responsável pelo caso. O enfoque é dado sobre a frieza com que ele cometeu os crimes, confirmando uma das características dos psicopatas, já exploradas em matérias anteriores. O jornal informou também que, “durante as perguntas que fez ao motoboy, o juiz insistiu para que ele falasse mais sobre a “ação macabra”, o “lado negro” que, segundo o réu, o levou a convencer as mulheres a segui-lo até o Parque do Estado e a matá-las”. Outra notícia no mesmo dia informa que Pereira será examinado durante 30 dias por quatro médicos psiquiatras, para saber se ele tem problemas mentais. E uma terceira matéria aponta a discussão entre psicólogos e psiquiatras sobre o perfil do comportamento do motoboy, tentando explicar suas ações.

Todo o debate gerado sobre a insanidade ou não do motoboy, permeado por citações de que agia sob o efeito de uma força oculta, foi fundamental para que ele passasse a ser observado como um doente/desequilibrado. A partir de então, o olhar a ele dirigido ganha outro viés, diferenciado daquele que é dado aos criminosos comuns.

A partir de 22 de agosto, as notícias sobre o motoboy ocupam cada vez menos espaço no O Estado de S. Paulo e tratam basicamente dos aspectos jurídicos para a condenação de Francisco de Assis Pereira, da identificação dos corpos, repetindo a estrutura informacional utilizada anteriormente e os depoimentos do maníaco, agora dados à Justiça.

Pode-se observar que nos interrogatórios, Francisco de Assis Pereira confirma os crimes cometidos e nega outros, realizados pelos locais onde teria passado, mas que não estão relacionados ao Parque do Estado. Também nega ter cometido um dos crimes que anteriormente havia confessado, alegando que contou “uma história semelhante ao que eu fazia, de acordo com o que a polícia me havia pedido”, porque “recebeu algumas pressões do Departamento de Homicídios”.

Mas, em seguida, há uma volta à questão da insanidade, sem o jornal dar tanto destaque a ela, talvez por considerar o assunto prejudicial à cobertura. A equipe de psiquiatras conclui que “o motoboy não é doente mental e, portanto, deverá ser submetido a julgamento pelo Tribunal do Júri como qualquer cidadão que cometeu um crime” (14/10/98), conforme afirmou o juiz. Entretanto, o laudo aponta Pereira como tendo “um ligeiro desvio de personalidade, que não compromete sua capacidade de entendimento do fato criminoso” (ibid), que será utilizado para caracterizá-lo como sendo semi-imputável, ou seja, não completamente normal. Desse momento até o dia 05 de dezembro - quando o Estado noticia uma reportagem-show exibida no Fantástico (programa de domingo da Rede Globo) e inicia outro debate sobre ética no jornalismo - as notícias referem-se basicamente aos aspectos jurídicos dos processos envolvendo Francisco de Assis Pereira<sup>51</sup>.

No debate sobre a postura das empresas jornalísticas ressalta-se a importância do criminoso, uma vez que a revista **Veja** havia sido acusada de práticas ilícitas – pagamento aos advogados do criminoso - para conseguir o depoimento do motoboy e agora a Rede Globo reconheceu ter pago pela entrevista. O caso teve repercussão na opinião pública e o promotor do caso condenou a postura da emissora, dizendo ser “lamentável que o crime ainda propicie

---

<sup>51</sup> Desde o arrefecimento do caso, a partir do dia 20 de agosto, quando o motoboy prestou seu primeiro depoimento à Justiça, até o dia 05 de dezembro, quando é veiculada a notícia sobre o pagamento que a Globo fez pela entrevista no Fantástico, foram publicadas apenas 26 matérias, sendo 09 em agosto, 09 em setembro, 05 em outubro e 03 em novembro.

retorno financeiro para a família do criminoso. Se essa atitude faz escola, vamos ter de imaginar que o crime compensa e daqui a pouco, o criminoso vai precisar de empresários e não de advogados” (05/12/98 ). Ou seja, mesmo depois de passados exatos seis meses da prisão do Maníaco do Parque, (ele foi preso em 05 de agosto) ele permanece em evidência, provocando debates na mídia e sobre ela.

O Estado de S. Paulo também apresenta alguns dados que revelam a importância do caso do Maníaco do Parque: a reportagem-show durou 40 minutos e 13 segundos. Sabendo-se que o comercial de 30 segundos no Fantástico custava R\$ 97,3 mil (dado também divulgado pelo jornal), poderíamos imaginar o retorno esperado pela emissora, bem como a expectativa do interesse da sociedade pelo caso do motoboy, uma vez que as televisões, basicamente, brigam por pontos de audiência. Na mesma matéria, o jornal informa que um jornalista "assinou contrato com os pais de Francisco pelo qual tem exclusividade para escrever um livro sobre a vida do maníaco.[...] Segundo Assef, o próprio maníaco estimula a divulgação de notícias sobre ele".

A última matéria do ano, no Estado de São Paulo, referente ao caso do maníaco, foi publicada em 31 de dezembro com o título “Maníaco foi protagonista da violência em SP” e subtítulo “Criminoso ganhou atenção do país por causa de homicídios em série”. Em seu resumo sobre a ação do maníaco, afirma: “[...] Depois, matou várias das dez mulheres que confessou ter atraído ao parque. [...] Após matar as garotas, o maníaco comia pedaços dos corpos e, em alguns casos, mantinha relações sexuais com os cadáveres” .

---

### 6.4.3 As Vítimas

A caracterização das vítimas pelo Estado de São Paulo começa com a notícia envolvendo os quatro corpos encontrados e que deram início ao caso do Maníaco do Parque, enfatizando a maneira como eles foram deixados – “três das vítimas vestiam somente calcinha. A quarta estava nua e calçava sapatos pretos” – e detalhes como as cores das calcinhas – “[...] estava apenas de calcinha preta. [...]; vestia somente uma calcinha bege clara [...]; também vestia uma calcinha clara”, buscando destacar o caráter sexual dos crimes.

A primeira vítima (Selma Rodrigues Queiroz) identificada é logo rotulada pela sua profissão – “Balconista é uma das vítimas do caso do parque” (título) – e também pela cidade onde mora (Cotia, na Grande São Paulo). Nesse primeiro momento, ainda é caracterizada como mais uma vítima da violência nas grandes cidades cometida por um “ladrão que usa os cartões de crédito e mata as mulheres na mata do Parque [...]”. O jornal registra que ela “trabalhara como balconista de farmácia de uma grande rede de drogarias e fora demitida no fim do mês” (09/07/98 ). No dia seguinte, o jornal reforça a questão de crime violento, em que o autor teria coagido - e não seduzido - a vítima ao informar no subtítulo: “Pai diz que sua filha era “muito esperta” e deve ter sido forçada a acompanhar o assassino” .

No dia 11 de julho, começa a história de que o maníaco que matou as mulheres agia como caçador de modelos. A testemunha era justamente uma vendedora de cosméticos E. C. S., de 22 anos, que escapou de ser morta pois correu pelo mato, “de calcinha, sutiã e com uma corda no pescoço”. De acordo com a polícia, a vendedora foi abordada por um rapaz “de boa conversa, que elogiou-a, dizendo que procurava uma mulher como ela, loira e bonita, para uma seqüência de fotos e filmagens. Alegou que trabalhava na caça de talentos e ela seria indicada para desfiles” (11/07/98 ). Pelos cálculos de datas dos ataques e das formas de abordagem, acreditamos que foi após estuprar E.C.S., em janeiro de 1997, que Pereira

desenvolveu a tática de utilizar o catálogo de cosméticos como elemento de convencimento das vítimas.

A descrição do ataque é parecida com a de Raquel Mota Rodrigues, que fora encontrada anteriormente nas matas do parque: “Num telefonema para a irmã Lígia [...] Raquel contou que tinha conhecido um homem interessante e iria posar para ele numa série de fotos. O homem [...] prometeu que a transformaria em modelo para uma empresa de cosméticos”. Nos primeiros dias é apresentada a estratégia de ação do maníaco e a ingenuidade das mulheres, que acreditaram na conversa de uma pessoa desconhecida, apenas porque ela prometia transformá-las em modelos.

A polícia estimula essa versão, ao afirmar sobre a esperança de obter novas informações sobre o maníaco: “Algumas das vítimas podem ter falado com parentes sobre o homem que atrai mulheres com a promessa de encaminhá-las para agências de modelos fotográficos”, explicou o investigador [...]” (12/07/98 ). Há, nesse mesmo dia, a associação de um fato negativo às vítimas mortas, uma vez que a polícia informou ter recebido várias denúncias de mulheres que teriam sido abordadas com a mesma tática: “foram levadas até a entrada do parque, mas fugiram quando souberam que deveriam ficar nuas para as fotos” (ibid).

Essa versão coincide com a apresentada pela vendedora E.C.S., que disse ter o maníaco ‘pedido’ para ela tirar a roupa e que, quando ela fugiu, estava apenas de calcinha e sutiã. O jornal passa a imagem de que as mulheres atraídas ao parque eram volúveis, o que poderia abrandar o peso dos crimes para o motoboy, principalmente em uma sociedade machista.

A história publicada no jornal, em 13 de agosto, reforça a estratégia do maníaco de convencer as mulheres com a proposta de serem modelos. A secretária de uma indústria de produtos plásticos, A., de 24 anos, foi abordada pelo homem correspondente à descrição das vítimas, que “fez elogios e disse que as chances de ela tornar-se modelo fotográfico para a

campanha de uma empresa de cosméticos eram grandes”. O homem “tinha boa conversa”, mas ela recusou o convite. O jornal afirma que “a história da secretária é igual à das demais mulheres que procuraram a polícia, pessoalmente ou por telefone”.

#### 6.4.3.1 Categorias sociais e econômicas

Os depoimentos e os reforços à estratégia de que o maniaco convence as mulheres pela vaidade, ilude-as com a proposta de virarem modelos, é ratificada por mais três mulheres – “uma secretária, uma balconista e uma telefonista” –, que foram levadas ao parque de ônibus. Percebe-se que o jornal também enfatiza as profissões das mulheres, normalmente relacionadas a pessoas sem muitas condições financeiras, além de reforçar tal hipótese destacando que as abordagens ocorreram no metrô e que as vítimas foram levadas ao parque de ônibus. Percebe-se mais claramente esse enfoque quando os pais de mulheres desaparecidas procuram reconhecer objetos encontrados no Parque do Estado. Em um dos casos, o jornal menciona a mãe e a vítima, sem qualquer informação adicional, enquanto em outro afirma que “a outra suposta vítima seria uma professora de dança, de 20 anos e de classe média alta. [...]” e supomos que isso ocorra pelo fato de se considerar que tal perfil social tem mais acesso à educação, informação, etc.

Temos a sensação de que é quase com espanto que o jornal cita o fato da suposta vítima ser de classe média alta. Foi a primeira vez, em todos os casos de relatos sobre as vítimas, que se mencionou o segmento econômico a que ela pertence. Com as outras vítimas – ou supostas vítimas – bastava indicar o emprego que elas tinham para que seja feita a associação com a categoria a que pertencem. Por exemplo, essa mesma notícia cita que

Raquel Mota Rodrigues<sup>52</sup> trabalhava em uma loja de móveis e que Ivani Cristiane do Nascimento trabalhava como doméstica, na Grande São Paulo.

Com um intertítulo interessante - "Te amo" - o Estado narra, no dia 25/07/98, o depoimento de outra vítima: "S.C.O., de 19 anos, casada, contou ter recebido socos no rosto e mordidas no corpo". O chefe da polícia completou a informação de que ele "convidou-a para fazer fotos para uma empresa de cosméticos e levou-a de ônibus até o Parque do Estado".

Note-se que é a primeira vez que aparece o estado civil de uma das vítimas, talvez por ser a primeira mulher casada a aparecer como vítima do maníaco, o que também depõe contra as vítimas, pois, por ter um compromisso sério, não deveria acompanhar um homem desconhecido segundo as regras sociais.

#### 6.4.3.2 Vaidade e inocência

No dia 27 de julho, o jornal faz uma reconstituição de como aconteciam os assédios do maníaco, demonstrando que a mulher "fica envaidecida e aceita acompanhá-lo para a primeira sessão de fotos" (vide trecho completo na página 77). Diretamente o Estado passa a atribuir à vaidade feminina o motivo de ter acompanhado o maníaco ao parque e, com isso, permite o juízo de co-responsabilidade das vítimas pelas suas mortes. Entretanto, em 29 de julho, à página XX, surge o primeiro indício de que não era apenas para a vaidade que o criminoso apelava em seus assédios, mas poderia ser também à necessidade financeira das mulheres (trataremos disso mais adiante). Outra vítima,

"a secretária D., de 21 anos, disse ter conhecido o motoboy em um Cartório de Notas. [...] ele teria dito que necessitava de 35 mulheres para fazer fotos para um catálogo de uma empresa de cosméticos e a

---

<sup>52</sup> Essa vítima, Rosa Alves Neta, de 21 anos, também era de fora de São Paulo - Serra Talhada (PE) -, "trabalhava na empresa Marluvas e cursava o 3º ano letivo do 2º grau" (12/08/98).

convidou para participar do trabalho. De acordo com a vítima, o homem informou que a empresa que havia encomendado o serviço pagaria R\$ 200,00 pelas fotos que ela fizesse. D. aceitou a proposta".

No mesmo dia, uma outra matéria afirma no título que "Mulher deve desconfiar do 'golpe da modelo'", informando que "oferta de trabalho atraiu vítimas ao parque. Namorados oportunistas também representam perigo" (subtít.). No subtítulo o jornal reconhece que o que atraiu as mulheres para a mata foi a oferta de emprego e não a possibilidade de virar modelo, mas no texto, desmente essa informação e demonstra que "esse tipo de golpe cresce porque encontra eco na ilusão das mulheres", optando por manter a vaidade feminina como um dos pivôs dos crimes no Parque do Estado.

No final do mês de julho, uma mãe reconhece outra vítima, Patrícia Gonçalves Marinho, 24 anos, balconista nas Lojas Brasileiras; e nos primeiros dias de agosto, a polícia identifica a estudante Elisângela Francisco da Silva, de 21 anos. A vítima é caracterizada como sendo filha de lavradores aposentados de Londrina (PR), que cursava a 7ª série e morava em um apartamento de classe média com a tia e duas primas. Segundo sua prima, "ela era muito inocente e pode ter sido atraída para uma cilada" (02/08/98), ou seja, para o público a mensagem pode significar que ela não conhecia bem o funcionamento e as pessoas da cidade grande, que são diferentes de uma cidade do interior do Paraná. A inocência também é reforçada por uma amiga ao revelar que, quando patinavam no shopping, "ela costumava paquerar os garotos que patinavam com a gente, mas parecia muito inocente".

A tese da inocência é dada também por uma irmã de outra vítima, Raquel Motta Rodrigues, ao afirmar que "ela era bastante extrovertida e ficou iludida com a proposta do assassino [...]" e ao informar que ela também não era de São Paulo: "Ela era muito alegre e bonita e, chegando a São Paulo, logo arrumou emprego de vendedora" (06/08/98).

Seu irmão, entretanto, repete a história contada por uma das sobreviventes do maníaco, em 27 de julho, sobre o fato de que as mulheres recebiam propostas de pagamento e

poderiam ter sido atraídas pelo dinheiro e não pela vaidade. Segundo ele “Raquel caiu na conversa do maníaco para ganhar um dinheiro extra, posando para umas fotografias” (06/08/98 ). Este foi o segundo indício de que havia algo além da simples vaidade na estratégia de convidar as moças para serem fotografadas, mas tal fato não chamou a atenção da imprensa, que continuou apostando na vaidade feminina como justificativa para a ida das mulheres ao Parque do Estado.

No dia 07 de agosto, uma afirmação no final do texto expõe claramente a visão de Pereira sobre a estratégia de conquista que adotava, que não necessariamente corrobora a versão dos jornais, apesar de também não negá-la, como constatamos: "Ao conversar ontem com policiais, ele teria se referido às "centenas" de mulheres que namorou. Pereira teria afirmado: "É só você falar o que elas querem ouvir e elas vêm atrás"". À época, entretanto, tal declaração pode ser relacionada aos elogios à beleza e ao convite para virar modelo, confirmando para o leitor o discurso dos jornais, uma vez que era a eles que o público estava exposto.

De acordo com o Estado, nesse mesmo dia, a operadora de caixa S.C.O., de 19 anos, procurou novamente a polícia. "Morena, S. conheceu o motoboy na pista de patins do Parque Ibirapuera. Falou que ela era bonita e que tinha o perfil da moça que procurava para ser manequim de cosméticos. A conversa foi convincente. O salário, de R\$ 700,00, foi e aceito e [...]" . Novamente aparece a declaração de uma vítima atrelando as fotos a algum retorno financeiro e o convite tendo sido aceito pela necessidade e não por vaidade: "Eu acreditei na história pela necessidade; tenho um filho, preciso de trabalho e ele me parecia uma pessoa séria e honesta" (07/08/98 ).

Também na comparação das vítimas do Maníaco do Parque com a de outros criminosos, evidencia-se a inocência ou o caráter volúvel das mulheres. No caso do "Estrangulador do Morumbi", o jornal afirma que ele, "a exemplo do maníaco do Parque do Estado, tinha uma habilidade especial para, por meio de conversa, ganhar a confiança de suas

futuras vítimas. Todas elas tinham mais de 30 anos e tornavam-se namoradas do criminoso" (07/08/98 ). Outra matéria a respeito, feita em 09/08/98, compara as vítimas de Pereira às do "Estrangulador de Boston", indicando que ele "ganhou a confiança das vítimas apresentando-se como recrutador de talentos para uma agência. Era zelador de uma fábrica" .

Isso evidencia que há, além de características comuns na forma da imprensa abordar os casos de criminosos que se transformaram em figuras míticas no mundo do crime, aspectos comparáveis também nos crimes, o que nos permitiria supor que determinados perfis de crimes e criminosos, como os serial killers, por si só teriam pré-disposição a se transformarem em mitos das crônicas policiais. Trataremos mais detalhadamente a respeito desse tema na conclusão<sup>53</sup>.

Quando o Estado noticia a confissão de Pereira, deixa por último a informação dada por ele mesmo que "conseguiu convencer sem dificuldades as moças com a história das fotos e do curso de modelo" (09/08/98 ), reiterando a questão da vaidade. E, mesmo quando a argumentação contrária vem do pai de uma das vítimas - Isadora Fraenkel - em entrevista a uma emissora de TV e transcrita pelo jornal: "- Repórter: Sua filha gostava de ser modelo? - Cláudio Fraenkel: Eu acho essa revelação do Francisco totalmente absurda [...]. Ela não tinha essa necessidade"<sup>54</sup>, não é levada em conta para uma possível mudança nos rumos ou no enfoque da cobertura.

Outro depoimento do motoboy à polícia revela que ele "não teve problemas para convencer as moças a acompanhá-lo até as matas do Parque do Estado. Levou algumas de

---

<sup>53</sup> Outra semelhança é a declaração de Pereira que "todas as garotas legais que se aproximaram, ele as matou", comportamento também atribuído ao "Estrangulador do Morumbi".

<sup>54</sup> O pai de Isadora sempre negou o envolvimento da filha com o motoboy, apesar da imprensa e da polícia insistirem na questão de que os dois tiveram um relacionamento, usando como base nas declarações dadas por Pereira, à época em que foi indiciado por estelionato e ser suspeito do sumiço de Isadora. Entretanto, mesmo com as negativas do pai, imprensa e polícia continuavam acreditando na hipótese dos dois terem sido namorados.

moto. Outras foram de lotação e ônibus<sup>55</sup> (10/08/98 ). Com relação à primeira vítima identificada, Selma Queiroz, ele disse que

"soube logo nos primeiros momentos da conversa que ela estava desempregada, saíra de uma consulta médica e procurava por emprego. Pereira falou do trabalho que poderia arranjar numa empresa de cosméticos para Selma, que acreditou na história. "Eu sempre falei o que as mulheres querem ouvir e por isso elas me seguiam", afirmou".

É possível identificar que a estratégia do maníaco era mais complexa que simplesmente convidar as moças para tirar fotos ou prometer transformá-las em modelos. Ele oferecia, sim, a oportunidade de receber algum dinheiro por sessão de fotos ou de algum tipo de trabalho remunerado, esse o desejo principal das vítimas - pelo menos de Selma Queiroz. Ao não identificar ou descartar esse enfoque na cobertura do caso, o jornal reduz a culpabilidade do criminoso, ao transferir para a vaidade feminina a co-autoria dos crimes, uma vez que seria esse "pecado" o responsável pelo fato de as moças terem acompanhado o motoboy.

O jornal, apesar das evidências e da declaração de outras sobreviventes continuou mantendo a sua versão. O fato de haver uma promessa de pagamento para a vítima Sandra Aparecida de Oliveira, pela a sessão de fotos, que seria de R\$ 700,00 ou para E., balconista de 23 anos, que receberia R\$ 300,00 não sensibilizou a imprensa. A balconista chegou a afirmar: "a história me deixou empolgada, pois eu receberia um cachê de R\$ 300,00 [...]". Mesmo assim, não houve qualquer modificação no ângulo da cobertura.

#### 6.4.3.3 Crime, política e parcialidade

Se considerarmos os dados acima como uma das possibilidades de interpretação do caso, o discurso proferido em Porto Alegre (RS) por Luiz Inácio Lula da Silva, então

---

<sup>55</sup> Nesse mesmo depoimento, "Pereira falou de Isadora Fraenkel, 19 anos, dizendo que usou cheques dela e se encontrou diversas vezes com a garota" (10/08/98 )

candidato do PT à presidência da República (vide abaixo), estava coerente e não deveria ter sido classificado da forma como o foi pela reportagem do jornal. Vejamos:

"Ao falar de suas propostas [...], incluiu uma surpreendente argumentação: atribuiu ao desemprego o fato de dez moças terem sido enganadas e assassinadas pelo motoboy Francisco de Assis Pereira, o maníaco de parque. "Elas caíram no conto daquele canalha, porque estavam desempregadas", afirmou, numa referência à suposição de o motoboy ter atraído vítimas com a proposta de utilizá-las em fotos de publicidade.

Uma das mulheres que disseram ter sido atacadas por Pereira e conseguiram escapar, S. sustentou que foi atraída ao Parque do Estado com a promessa de que ganharia dinheiro servindo como modelo de catálogo de uma indústria de cosméticos. Pelo depoimento oficial do motoboy, contudo, não há como estabelecer uma relação direta entre os ataques e a condição econômica das mulheres. Em seu depoimento, ele não fez nenhuma referência à possibilidade de ter oferecido dinheiro para elas" (14/08/98)

Ao colocar como surpreendente a argumentação de Lula sobre o fato do desemprego ser a causa de muitas mulheres terem sido mortas ou estupradas ou ambas as coisas pelo motoboy Francisco de Assis Pereira, o jornal pretende descaracterizar a hipótese levantada pelo político. O texto busca enfraquecer o argumento de Lula, ao informar que ele estava se referindo a uma suposição (ou seja, não era algo concreto que embasava aquela declaração), referente à forma com a qual o motoboy atraía as mulheres ao parque.

No segundo parágrafo do mesmo texto, a afirmação de Lula sobre a causa das mortes é minimizada quando o jornal afirma que uma das vítimas disse ter sido atraída com a promessa de ganhar dinheiro. O alicerce que apoia a tese do jornal (de que a declaração é surpreendente, no caso, absurda) é o depoimento oficial do motoboy que, segundo o Estado, não estabelece relação de causa e efeito entre os ataques e a condição econômica das mulheres. Alega por fim, novamente embasado no depoimento do criminoso, que ele não fez referência nenhuma à possibilidade de ter oferecido dinheiro para elas. É importante observar a maneira como a escolha do ângulo pode influenciar a percepção do leitor, além de levarmos em consideração aspectos éticos sobre a produção jornalística.

Vamos nos deter um pouco mais sobre essa notícia, principalmente porque ela permitirá perceber o ângulo escolhido pelo veículo para a cobertura do caso, principalmente no que se refere às vítimas do maníaco. Pudemos observar acima, apesar da negativa na notícia, que há várias referências diretas e indiretas de que o maníaco prometia dinheiro às vítimas para que elas o acompanhassem, inclusive em seu próprio depoimento.

No caso da vítima citada na reportagem, por exemplo, o jornal colocou em subtítulo que "oferta de trabalho atraiu vítimas ao parque[...]", e relatou que a vítima havia sustentado ter sido "atraída ao Parque do Estado com a promessa de que ganharia dinheiro servindo como modelo de catálogo". Fato que, apesar de não confirmado diretamente, é possível de identificação com trechos do depoimento de Pereira em que ele afirma: "É só você falar o que elas querem ouvir e elas vêm atrás". Da forma em que foi publicada, no mesmo dia em outra notícia informa que "S." procurou a polícia para dizer que ele havia oferecido dinheiro e que ela o acompanhou por necessidade, por ter um filho e precisar de trabalho; o trecho do depoimento se relaciona mais com a afirmação de Lula do que com a do jornal.

Em outra reportagem, referindo-se à estratégia de abordagem do motoboy, o jornal informou que ele sabia que a vítima (Selma) estava desempregada e procurava emprego, depois ele disse que poderia arranjar um emprego para ela numa empresa de cosméticos. O texto é completado pela mesma declaração do depoimento: "Eu sempre falei o que as mulheres querem ouvir e por isso elas me seguiam". Ou seja, poderíamos interpretar como sendo *se elas precisam de dinheiro, ofereço dinheiro, se precisam de emprego, ofereço emprego*.

Ainda uma outra vez o jornal referiu-se ao dinheiro que era prometido à vítima em subtítulo - "Motoboy ofereceu R\$ 300,00 à balconista e, ao chegar ao parque, a amarrou e roubou-lhe o dinheiro" - e divulga a versão da vítima de que o que a deixou "empolgada" com a história era a questão financeira "pois eu receberia um cachê de R\$ 300,00 [...]".

Portanto, podemos afirmar que o jornal optou por negar a existência de um fator externo material como impulsionador dos aceites aos convites do maníaco, defendendo a posição de que ele conquistava as mulheres exclusivamente com galanteios e que, movidas pela vaidade, elas aceitavam acompanhá-lo. Com base nisso é que foi repudiado o pronunciamento do candidato do PT à presidência que, apesar de necessitar de maior embasamento, fez uma análise não surpreendente, como disse o Estado de S. Paulo, mas pertinente sobre a situação em que ocorreram os crimes no Parque do Estado.

#### 6.4.3.4 Mais do mesmo

A polícia e os jornais partilhavam das mesmas convicções com relação às vítimas e boicotaram qualquer mudança. Em notícia veiculada no dia 18 de agosto, a polícia encerrava o inquérito sobre a balconista Raquel Mota Rodrigues, com um detalhado histórico do crime:

Pereira disse ter saído de casa na manhã de 9 de janeiro para "caçar uma mulher" e levá-la até o Parque do Estado. No Parque D. Pedro II, conheceu uma garota, fez o convite para uma sessão de fotos, mas ela não aceitou, porque tinha uma festa. Estava "caçando como um predador", disse o motoboy, e num dos vagões do metrô encontrou Raquel. [...] Sentou-se ao seu lado e começaram a conversar. [...] segundo Pereira, Raquel concordou em acompanhá-lo até um acampamento na mata do parque."

Percebe-se que a vítima, Raquel Motta Rodrigues, foi iludida pela conversa de Pereira, pois os jornais, para referirem-se à abordagem do maníaco, quando genérica, utilizam a forma "convenceu a vítima a acompanhá-lo". Mas, como estava sedimentada a questão da proposta para a sessão de fotos, desde o início da cobertura do caso, há uma relação direta entre os dois elementos, inocência e vaidade. No caso acima, é ainda mais evidente, pois a relação é estabelecida com a estratégia utilizada para abordar a primeira mulher, que recusou o convite.

Também no depoimento sobre a morte de Selma, o jornal enfatiza o poder de convicção de Pereira: "Era a minha fantasia; falei de um acampamento com cachoeira, lagos, lugar bonito, como se fosse Alice no País das Maravilhas. Ela acreditou" (20/08/98). Com tal

observação, o jornal aponta para uma vítima que acredita em histórias da Carochinha, que se deixa iludir facilmente, argumento utilizado também para explicar a abordagem a outras vítimas como Patrícia Gonçalves Marinho e Rosilda França Oliveira.

Para contestar o depoimento do motoboy, o jornal apresenta a versão da mãe da balconista, que disse "estar convencida que Pereira mente sobre a tática usada para levar as vítimas ao Parque do Estado. "Jamais minha filha teria caminhado com ele, a pé, da Liberdade até o Brás", referindo-se ao relato feito pelo assassino" (20/08/98 ), mas o caso já estava perdendo importância nos veículos de comunicação.

Uma mulher aposentada apresenta o pensamento que acreditamos ter sido dominante, devido à versão adotada pela imprensa para se referir ao caso do Maníaco do Parque. "Na opinião de Conceição Grandizioli, de 72 anos, que mora a poucas quadras do tribunal, as vítimas de Pereira também tiveram uma parcela de culpa. "Como é que elas acompanharam um desconhecido?", questionou a aposentada." (ibid)

#### 6.4.4 A Polícia

A imagem negativa da polícia - que invariavelmente beneficia o criminoso, pois denigre aquele que o captura - começa a ser formada com a divulgação do nome do suspeito. A partir desse momento, ela é vista como incompetente por não conseguir localizá-lo, mas outras abordagens mais diretamente relacionadas à prática policial contribuem para o descrédito dessa instituição.

O primeiro grande e explícito revés da polícia acontece um mês após o início do caso, quando o Estado divulga em título que "Esperma tirado de corpo não servirá para identificar DNA" (08/08/98 ) e no texto relata que, por falhas na coleta do material, o que poderia ser a principal prova do caso foi invalidado. No dia 10/08/98, o título foi "Erros da

polícia atrasaram prisão de maníaco" , atribuindo a afirmação a parentes de moças mortas, "para quem Deus e a imprensa foram os verdadeiros responsáveis pela solução do caso". O jornal apresenta, então, indícios de que a polícia foi negligente no caso do sumiço de Isadora Fraenkel - apoiando-se em constatações feitas pelo pai da vítima. Também em declaração da prima de outra vítima, há o argumento da negligência, pelo fato da polícia não ter intimado uma pessoa que poderia identificar Pereira. Além disso, os parentes reclamaram da incredulidade dos policiais: "Chegaram a me dizer ironicamente que podia ser um caso amoroso", disse um comerciante, cuja filha estava desaparecida há três meses.

Mais uma vez o jornal utiliza-se de especialistas para embasar seu discurso - "Polícia ignora estupros, dizem especialistas" (10/08/98 ) - e reafirmar que é a imprensa que motiva a ação policial. "Infelizmente, sem a pressão da imprensa, a polícia não dá a devida atenção a esses casos (estupros)", denunciou o coordenador do Serviço de Atenção às Mulheres Vítimas de Violência Sexual do Centro de Referência da Saúde da Mulher". O jornal relata que uma vítima foi à delegacia dar queixa e ouviu do delegado que ele não acreditava em estupro de ex-marido. A mulher engravidou e teve doenças venéreas. E a imprensa reforçou a imagem de negligência da polícia. Novamente, em 11/08/98, os especialistas entram em ação e apontam falhas na investigação, questionando a postura policial: "Especialistas apontam negligência na investigação". De acordo com esses especialistas, "a partir do que saiu na imprensa, podemos dizer, em tese, que se a polícia tivesse maior capacidade investigativa não teríamos os desaparecimentos posteriores ao de Isadora Fraenkel". Vários parentes de vítimas declararam que, ao dar queixa dos desaparecimentos, ouviram: "ela deve ter fugido com o namorado" ou "está na casa de parentes".

A imprensa também divulga a versão da polícia - "Delegado diz que agiu corretamente no caso Isadora" (12/08/98 ) - mas ela não é suficiente, uma vez que o número de notícias contrárias é bem maior. No mesmo dia que foi publicada a matéria com o título

acima, outra informava que - "Criminalistas criticam ação da polícia no sumiço de estudante" (ibid.), novamente acusando a polícia de não ter se dedicado à investigação. Só que agora as denúncias eram feitas por advogados.

Em 13 de agosto, noticia-se que a ação da polícia será investigada pelo Ministério Público, e o dia 16 de agosto torna-se decisivo na imagem da atuação policial nesse caso: títulos e subtítulos são bastante explícitos e provocam a derrocada definitiva do conceito de que a polícia pudesse ter tido uma boa atuação no caso. A primeira notícia trouxe - "Caso do maníaco expõe despreparo da polícia", e "Erros mostraram atrasos da apuração técnico-científica; solução de crimes ainda depende da confissão"; a segunda - "Má formação de policiais provoca erros primários em investigações", e "Falta de profissionais especializados leva a falhas que invalidam cenas de crimes"; e a terceira - "Informação errada põe laudos do IML em xeque", e "Vítima encontrada assassinada por maníaco teve como causa provável morte natural" . Essa última seria a prova definitiva da incompetência policial, mas no dia seguinte (17/08/98), há mais duas notícias correlatas que enterram de vez a imagem da polícia: "DHPP só esclarece metade dos homicídios", e "Nova York segue 'as mais remotas pistas'", relatando a postura da polícia norte-americana e comparando com o que é feito no Brasil. Tanto é feito para denegrir a imagem policial que a notícia de que "Advogada elogia eficiência policial em investigação" sobre a atuação em um homicídio no bairro Morumbi parece tratar do assunto com ironia

As outras notícias referem-se à necessidade de investigação da atuação da polícia, defendida pelo pai de uma das vítimas (26/08/98) - "Pai quer que atuação da polícia seja apurada", aos problemas em laudos (03/09/98) e à substituição da equipe de peritos que deveria traçar o perfil psicológico do maníaco (19 e 23/09/98).

Observa-se que o jornal embasa seu discurso antipolicial na opinião de especialistas, o que torna mais severo o julgamento das ações erradas desse poder, por ser maior a importância de quem o condena.

## 6.5 O NOTÍCIAS POPULARES E O MANÍACO DO PARQUE

O Notícias Populares (NP)<sup>56</sup> é um veículo diferenciado, por adotar política editorial específica, que determina o ângulo sob o qual o fato deve ser analisado, priorizando o sensacional, o apelativo, o emocional. Conforme MARCONDES FILHO (1989), "[...] interessa ao jornalista de um veículo sensacionalista o lado aparente, externo, atraente do fato. Sua essência, seu sentido, sua motivação ou sua história estão fora de qualquer cogitação" (p. 93).

Devido a essa postura, o NP tem um público diferenciado dos demais veículos tratados aqui e deve ser analisado de forma diferenciada, pois não é apenas na política editorial que ele se diferencia, mas também na produção textual. O uso de gírias é comum. O enquadramento das personagens das notícias em estereótipos sociais também é uma forma de facilitar a compreensão do público. E, como é o sensacional que chama a atenção, muitas vezes o título não tem relação com a foto ou com o texto, pois o importante é chocar o leitor seguindo os quatro mandamentos de um jornal sensacionalista: escândalo, futebol, sangue e sexo, colocados aqui em ordem alfabética por não haver priorização de um ou outro desses elementos. Para ANGRIMANI (1995)

"Um noticiário sensacionalista tem credibilidade discutível. A inadequação entre manchete e texto - ou ainda, manchete e foto; texto e foto; manchete, texto e foto - é outra característica da publicação sensacionalista, o que pode reforçar a posição de descrédito do leitor perante o veículo. Isso porque a manchete, dentro da estratégia de venda de uma publicação que adotou o gênero sensacionalista, adquire uma importância acentuada. A manchete deve provocar comoção, chocar, despertar a carga pulsional dos leitores. São elementos que nem sempre estão presentes na notícia e dependem da "criatividade" editorial. (p. 16)

---

<sup>56</sup> Os textos em maiúsculas foram mantidos propositalmente para preservar o padrão editorial do jornal

É possível, entretanto, que a credibilidade do jornal sensacionalista seja reforçada em casos de maior repercussão na mídia, como o foi o do Maníaco do Parque<sup>57</sup>, diferentemente do que ocorreria com as notícias policiais cotidianas, que ficam restritas ao público do jornal. Uma vez que esses veículos são "especializados" na cobertura dos fatos policiais e tendo esses fatos repercussão em outros meios, confirmariam a fidedignidade do relato - ou da abordagem ou ainda dos detalhes - do noticiário sensacionalista, inserindo-o em um grupo discussional maior pelo fato de que a notícia extrapolou a barreira de seu público alvo, tornando-se conhecida por grande parte da população.

No caso do Notícias Populares é importante lembrar que os crimes começaram a ser descobertos na época da Copa do Mundo de 1998 e, como esse é o principal evento do futebol mundial, recebeu a prioridade no jornal (principalmente na produção das primeiras páginas) até o final da competição, quando o Maníaco do Parque passou a ocupar tal espaço. Seguindo o padrão dos jornais diários, a primeira notícia veiculada sobre os crimes do Parque do Estado foi dada em 08 de julho de 1998<sup>58</sup> e foi publicada como matéria principal da página 03 (considerada nobre nos jornais), sob o título "Maníaco barbariza 4 mulheres no Parque do Estado" e subtítulo "Cadáveres das moças estavam sem roupa". Assim, o jornal assumiu, desde o primeiro momento, a existência de um maníaco - que para a polícia ainda era uma suspeita, conforme está no corpo do texto - e carregou em cores mais fortes os componentes de violência sexual que envolveram os crimes. Também foi criado um clima de suspense no noticiário, pois o jornal começou a notícia com "Mistério no Parque do Estado (zona sul)", aguçando a curiosidade do leitor.

---

<sup>57</sup> Neste caso, estamos apenas fazendo um exercício mental, baseado em conhecimentos anteriores a respeito dos jornais sensacionalistas e da imprensa em geral, sem adotarmos alguma teoria específica para o assunto.

<sup>58</sup> Apenas para ilustrar a informação anterior sobre a priorização do futebol em época de Copa do Mundo, a capa do jornal é uma foto do goleiro da seleção brasileira defendendo um pênalti com o título "São Taffarel", mas o tema do título do caso do parque poderia muito bem ter ocupado a primeira página: "Maníaco barbariza 4 mulheres no Parque do Estado".

No dia 10, no rodapé da capa, a manchete foi "Maníaco do parque se disfarça de fotógrafo", repetida na página interna (p. 07) e com o subtítulo "Vendedora barbarizada no parque do Zoológico falou que ia tirar fotos para um catálogo da Avon". Apesar do título tratar da estratégia de abordagem do criminoso, o texto inicia tentando manter o clima de suspense sobre o caso e busca situar o Parque do Estado para seu público. Mas, consegue também aumentar o impacto dos assassinatos, pela proximidade com espaços destinados a passeios familiares - "Continua o mistério sobre a morte de 6 mulheres no Parque do Estado, onde fica o Zoológico, o Simba Safári e o Jardim Botânico (zona sul)".

Sobre a abordagem do maníaco, no meio do texto é informado que a família de uma das vítimas descreveu a sua forma de ação - "teria seduzido a vendedora a tirar fotos para um catálogo da Avon" - e que a polícia (ou os tiras, segundo o jornal) estaria atrás de outra mulher que foi atacada da mesma forma. Essa versão é corroborada por outras mulheres atacadas de forma semelhante e que contribuíram para fazer o retrato falado do maníaco, também chamado pelo NP de "monstro da zona sul" (12/07/98, p. 04) e "tarado do Parque do Zoológico" (14/07/98, p. 04).

Quando a polícia revelou o nome do principal suspeito de ser o responsável pelas mortes no Parque do Estado, o Notícias Populares logo fez a ligação entre o motoboy e o maníaco, afirmando no título principal da capa, em letras garrafais: "MANÍACO DO PARQUE É MOTOBOY DO ABCD - 31 anos, ficha limpa na polícia e incontrolável fúria assassina". Após informar que duas vítimas reconheceram a foto de Francisco, o jornal afirma que "a polícia pode ter chegado ao assassino através de um cartão de visitas deixado por ele com uma sobrevivente. Ela relatou aos tiras que o monstro era uma pessoa simpática, tranqüila e até certo ponto meiga" (ibid). Percebemos aqui que há uma diferença da abordagem dos outros jornais para a do NP: enquanto aqueles relacionam os conceitos

---

positivos ao Francisco de Assis Pereira e os negativos ao maníaco, este jornal não faz essa distinção, mesmo porque assumiu que ambos são a mesma pessoa.

No noticiário posterior (19/07/98), entretanto, o NP passou a adotar uma postura mais cautelosa - pelo menos no texto - e, ao informar sobre a emissão dos cheques de Isadora Fraenkel, trata Pereira como "o principal suspeito de ser o maníaco do Parque do Estado", "provável monstro" e "suposto maníaco". Apenas no título o processo acusatório continua - "Maníaco deu cheque da sua ex-namorada" ( p. 07).

Em 20 de julho, apesar de não terem sido apresentadas provas contra o motoboy, sendo ele ainda suspeito de cometer os crimes, o NP utiliza a profissão de Francisco (motoboy), seu nome ou apelido (Chico) e a qualificação de maníaco (além de variantes, tal qual monstro do Parque), como sinônimos. O subtítulo da notícia, por exemplo, traz que "Maníaco perdeu a cabeça depois que tomou chifre do 'Zorro'" e no corpo do texto são descritas duas desilusões amorosas de Francisco de Assis Pereira: "A primeira foi com uma namorada chamada Janete. Quando engravidou, Janete e Chico brigaram. Então ela revelou que o filho era de um outro homem, chamado "Zorro", confirmando que o maníaco e o Chico são a mesma pessoa. Esse tipo de ligação é recorrente nos textos do NP, como se percebe no relato de outra denúncia: "Essa moça, de 20 anos, afirmou ter sido atacada por Francisco [...]. [...] a vítima [...] só resolveu denunciar o maníaco agora [...]. [...], o motoboy já foi reconhecido por quatro vítimas [...]"(p. 05).

Outra matéria sobre o assunto trata de um criminoso da década de 70 (José Paz Bezerra) e informa que o caso do Maníaco do Parque não é o pior da história. De acordo com o NP, "ele saía com as moças e jogava um xaveco fino, convidando-as para restaurantes [...] quando as abraçava sentia uma raiva muito forte. [...] se lembrava da mãe, que tinha virado prostituta. Por isso, achava que devia estrangular as moças" (ibid). A história assemelha-se a de Francisco, que "sofreu duas grandes desilusões amorosas", bem como o modo de

abordagem das vítimas, reforçado pelas gírias usadas no jornal. Em um público predominantemente masculino e conservador, poderia servir como justificativa para as ações, que só teriam sido realizadas devido a esses traumas sofridos com mulheres.

Novamente o jornal relaciona por semelhança de ação o suspeito e o assassino. Em 21 de julho, enquanto o título da notícia tratava do criminoso - "Maníaco pode ter atacado moça na avenida Paulista" - o subtítulo ocupava-se do suspeito - "Suspeito e vítima foram ver a copa no telão" - e ambos relacionam-se por associação de causa e efeito. Se o maníaco pode ter atacado alguém na avenida e o suspeito e a vítima foram para lá, logo o suspeito é o maníaco. A mesma construção acontece no corpo do texto: "O telão da avenida Paulista pode ter sido palco de mais um xaveco furado do maníaco do Parque do Estado. O trajeto de uma das vítimas e do suspeito teria sido o mesmo" (p. 05).

Acreditamos que, a partir de 28 de julho, a imagem de que o maníaco, muito mais que um simples assassino, é alguém desequilibrado mental e sexualmente por traumas com mulheres, passa a ser reforçada no Notícias Populares. Na matéria principal são destacadas as informações de que o motoboy não conseguia manter relações sexuais completas, devido a uma fimose - "Segundo o gay que viveu com o acusado, ele não transa direito" - e que mantinha relações homossexuais - "[...]. Nas relações sexuais, era ativo e passivo. Isto é: fazia troca-troca" - ambas passadas pelo travesti. Outro fato relevante é a descrição do relacionamento com a ex-namorada que havia ficado grávida, e a crença de Francisco de que o filho seria de outra pessoa, confirmando notícia anterior do jornal sobre as traições que teria sofrido das mulheres com as quais manteve relacionamento.

Em agosto o NP amplia a repercussão do caso, ao noticiar que os crimes ainda estão acontecendo. Na manchete principal da capa (05/08/98), foi colocado que "Maníaco agora trucidada no ABC - Motoboy sai do parque e aumenta rastro de morte", dando a entender que o assassino ainda estava agindo, principalmente nas cidades ao redor de São Paulo, (sem

esquecer a relação entre maníaco e motoboy). Na notícia interna, o jornal traz em título que "Maníaco ataca em São Bernardo", mas o texto faz referência a um cadáver que havia sido encontrado há algum tempo e que foi identificado pela polícia. A matéria traz também que a polícia acredita que o crime pode não ter relação com os do Maníaco do Parque. Com essa estratégia de abordagem, o jornal tenta manter a atenção do público no caso, pois o principal suspeito continuava foragido.

Em 6 de agosto o motoboy é preso, e o enfoque dado pelo NP é sobre sua relação com as mulheres e as conseqüências de seus atos. Com aspas simples e em primeira pessoa, coloca na manchete principal da capa uma afirmação de Pereira - 'Já faturei mais de mil mulheres'" - e destaca a prepotência do suspeito (que para o NP é o criminoso) - "Maníaco do parque se acha o gostosão". Nas páginas internas, a notícia também é enfocada sob o ângulo de que Pereira seria um conquistador - "Maníaco diz que é o rei da mulherada" - e no subtítulo, a afirmação da inocência - "motoboy diz que teve milhares de gatas, mas não matou nenhuma" (p. 04). É a primeira vez que o noticiário sobre o caso ganha duas páginas nesse jornal.

O texto inicia com o mesmo enfoque dos títulos e, repleto de gírias, enfatiza a autoconfiança do motoboy - "Já tive centenas, milhares de mulheres". Mesmo sabendo que está na maior enrascada de sua vida, o suspeito de ser o maníaco do parque se gabou de sua lábria com as gatas [...]", e a sua afirmação de que é inocente. Na reportagem, Francisco foi apontado como "o homem mais procurado do país". Surge oficialmente também a versão de que o motoboy pode ter problemas de saúde - "O delegado acha que o acusado tem problemas mentais e sexuais"(p. 04). Na página seguinte, a notícia de maior destaque traz no título, entre aspas simples, a afirmação do delegado do caso: 'Ele tem dupla personalidade'. O texto informa que Francisco chegou a confessar indiretamente que seria mesmo o maníaco do parque. [...] "Ele me disse que tem um lado bom e um ruim, e que muitas vezes o lado ruim dele se sobrepõe ao lado bom", contou o delegado." (p. 05).

As outras notícias referem-se à participação do pescador gaúcho na prisão de Pereira e ao número de anos a que ele poderia ser condenado por todos os crimes. Também é feita a reconstituição do caso - sob o título "A caçada ao maníaco". Em uma coluna de notas sobre o caso, a última foi intitulada "Lábia", e chamou a atenção por estar relacionada diretamente ao assunto principal da edição - além de ser apontada como o grande trunfo do motoboy. Nesse pequeno texto, "a professora Sandra Ferreira, 21, uma das melhores amigas de Chico, disse [...] que "era difícil não cair na lábia dele" (p. 05), confirmando a versão do prisioneiro de que era um conquistador.

Como as imagens dos criminosos são construídas ao longo da cobertura - e também pela repercussão gerada - a manchete de 07/08/98 do NP contribui para a constatação de que o motoboy é o assassino, mas sugere que isso acontecia apenas quando entrava no Parque do Estado - "Motoboy virou um monstro no mato". Antes de justificar o título dado à notícia, o jornal divulgou que "Sandra teria caído na cantada de Chico, [...]. Ele ofereceu R\$ 700 para que a moça topasse tirar fotos para o catálogo da Avon. Por causa da grana<sup>59</sup>, a operadora aceitou [...]" (p. 04). Mas, pode-se suspeitar que não foi apenas o dinheiro que a motivou a ir ao parque, quando ela se refere ao motoboy: "Antes de entrar na mata, ele era esse docinho que vocês viram dando entrevista. Depois, se transformou num monstro" (ibid), afirmou a operadora de caixa.

As outras notícias dessa página referem-se ao testemunho de uma cabeleireira, que viu Pereira queimando papéis na empresa em que trabalhava, na imperícia da polícia ao estragar o exame de DNA, no surgimento de uma provável nova pista e no exame do pênis do motoboy. Na página 05, a matéria principal desmerece novamente a polícia por ter deixado o suspeito passar despercebido na fronteira - "Polícia deixou maníaco escapar"- "Homem mais procurado do país pode ter sido revistado e liberado na fronteira da Argentina", relata seu

---

<sup>59</sup> Percebemos aqui mais uma menção sobre o oferecimento de dinheiro por parte do motoboy como forma de atrair suas vítimas, conforme também relataram os outros jornais.

comportamento na Argentina ("Dormiu com dois garotos") - incluindo a declaração de quem o abrigou do outro lado da fronteira, afirmando não acreditar que ele seria o maníaco. Ao lado dessa notícia, outra tratava do comportamento do motoboy na prisão e seus diálogos com os guardas. De acordo com o NP, "um dos poucos diálogos que ele teve com dois tiras que o vigiavam foi sobre a sua tática de xavecar a mulherada. Um dos policiais perguntou como ele fazia para ganhar tanta mulher. Chico respondeu: É só você falar o que elas querem ouvir" (p. 05).

Sobre as estratégias textuais do jornal para incriminar o motoboy, o dia 07 de agosto é um bom exemplo. Com exclusividade o jornal conseguiu o depoimento da ex-namorada de Francisco. Na manchete foi colocado um sobretítulo - "Mãe do filho do Chico desabafa pro NP:" - que informa qual será o assunto principal da edição. No título - 'O motoboy me largou grávida' - expõe-se o tema do depoimento e em subtítulo a acusação: "Ele rejeita o próprio filhinho de 3 anos". Percebe-se que a intenção do jornal é caracterizar o motoboy como uma pessoa sem sentimentos, e por esse motivo o uso do diminutivo - filhinho - para referir-se à criança quando estava a ele relacionada, tentando demonstrar toda a fragilidade infantil. Quando foi vinculada à mãe, o jornal preferiu usar a forma normal, sem a necessidade de outros recursos de expressão.

Quando o motoboy confessou o crime, em 09/08/98, o jornal divulgou no topo da página apenas a palavra "Assassino", em letras maiores que as que já vinha utilizando e colocou no subtítulo - "Maníaco abre o bico e leva polícia até a nona ossada", na legenda da foto em destaque, um novo adjetivo para o criminoso: "Besta-fera contou tintim por tintim como estuprou, estrangulou e mastigou 9 mulheres". Na matéria interna (p. 05), a confirmação da confissão é feita no título entre aspas - "Eu sou o maníaco". No texto, é relatado que o criminoso indicou onde se encontrava a ossada de uma das vítimas, e que a defesa iria mudar a tática, alegando problemas mentais. O jornal também informou que o motoboy justificou o

---

assassinato das moças "porque, ao vê-las mortas, enxergava a pureza da mulher". Ele também confessou ter sido molestado sexualmente por uma tia quando pequeno. Novamente a polícia é retratada como incompetente, pois soube da confissão de Francisco pela imprensa. (p. 05)

Em uma das matérias correlatas, sob o título - "Ele é doente", diz advogada" - a defesa do motoboy afirma que ele deveria passar por uma avaliação mental. Em outra, ele reafirmou a existência de um lado ruim - "Eu tenho um lado ruim dentro de mim. É uma coisa feia, perversa, que eu não consigo controlar. Tenho pesadelos, sonho com coisas terríveis. Acordo todo suado" (ibid). Em 11 de agosto é feita a mais enfática caracterização do motoboy como um sujeito perturbado/malvado. Quase toda a página do NP é impressa em negativo (fundo preto com letras brancas) e sob o título "Motoboy transava com cadáveres" havia no centro uma foto de Pereira como se estivesse rangendo os dentes, com eles à mostra e as fotos das vítimas identificadas com duas sub manchetes: "Revelados mais detalhes macabros" e "Já são 10 as vítimas do maníaco do parque". Na página 04 o jornal aborda o aumento no número de mortes - "Sobe para 10 o número de trucidadas no parque" - e divulga a versão de que existe uma menina chamada Pitucha, de 15 anos, que teria sido morta pelo motoboy, mas que o corpo ainda não tinha sido encontrado. Também a notícia levanta a hipótese de Pereira pegar até 300 anos de cadeia pelos crimes.

Na matéria principal da edição - "Maníaco transava com as vítimas depois de mortas" - na página 05, o NP informa que "o motoboy não se contentava em apenas matar suas vítimas [...]. Ele também brincava sexualmente com elas depois de mortas". Um dos parágrafos surpreende pela frieza: "Ele teria mantido relações sexuais antes e depois de acabar com a moça. E ainda devorou as partes íntimas da garota". O texto conta ainda a angústia do motoboy com a sua situação, e que "o desejo de estraçalhar mulheres" vinha desde seus 16 anos. As outras notícias referem-se à investigação da advogada, por vazamento de informação, à identificação de mais uma vítima e uma terceira, que aborda como fugir do

golpe da modelo: "Se a proposta for tentadora demais, é bom desconfiar. Segundo a delegada [...] é a melhor dica para escapar de golpes como o do maniaco do parque. [...] Ela acredita que as moças que caíram no xaveco do assassino foram muito ingênuas. "Faltou malícia", diz." (11/08/98, p. 05)

Com a confissão e o esfriamento do caso, o NP apegase a detalhes mais escandalosos para formar a imagem do maniaco. Sobre uma foto do travesti Tayná, que alegou ser companheiro de Pereira durante 14 meses, o título "Travesti revela os embalos gays do maniaco" e a legenda "Tayná, o travesti que namorou o motoboy Francisco, contou com exclusividade para o NP: "A fama de machão do maniaco foi pro beleléu desde que eu apareci". Na página em que traz a reportagem de capa, o título entre aspas é uma afirmação do travesti "Maniaco ficava de 4 para mim na cama", e segundo o jornal (no subtítulo), ele faz "revelações picantes sobre a vida sexual do casal". Com isso o jornal denigre a imagem do motoboy, enquadrando-o como uma pessoa que mantém relacionamentos sexuais não convencionais com um travesti (13/08/98), o que não é visto com bons olhos pela sociedade.

O jornal ainda tenta manter o caso em alta e publica o retrato falado da suposta vítima desaparecida, conhecida como Pitucha, na capa da edição (15/08/98) com o título "Esta é a Pitucha do maniaco". Subtítulo da matéria principal interna traz que a (p. 05) "Patinadora Pitucha teria sido a 1ª moça a morrer no parque", mas nem isso garante mais a repercussão do caso.

## 6.6 A REVISTA VEJA E O MANÍACO DO PARQUE

A revista Veja começou a cobertura do caso do Maniaco do Parque apenas no dia 29 de julho de 1998 (edição nº 1557) e dedicou duas páginas ao assunto, fazendo um resumo do que a imprensa - principalmente os jornais - tinham publicado até então. À medida que a repercussão do caso foi aumentando, também a frequência e o espaço destinados a ele foram

ampliados. Em 05 de agosto, foram quatro páginas e, na edição seguinte, chegou ao ápice: além de ser a matéria de capa (com a foto do motoboy e a frase "Fui eu" entre aspas e em destaque), internamente a *Veja* dedicou oito páginas ao Maníaco do Parque. A partir de então, a revista foi reduzindo a veiculação das notícias sobre o caso, até ficarem apenas notas esporádicas.

Em sua primeira reportagem, *Veja* declara a existência do maníaco logo no título da matéria - "O maníaco do parque" - e, no subtítulo, o classifica como um assassino louco e cruel - "Elas eram jovens, tinham uma vida inteira pela frente - até que caíram na conversa de um louco, que as assassinou cruelmente" (29/07/98, p. 90). No início da matéria, a revista descreve a descoberta dos corpos e a ligação estabelecida pela polícia com dois casos anteriores e proclama que "surgiu, então, um assassino em série digno de filme americano, logo apelidado de "maníaco do Parque do Estado"". A classificação de Pereira como serial killer foi um dos atrativos para o grande interesse da imprensa e da sociedade sobre o caso e, à medida que as investigações progrediam, desenrolava-se uma história de cinema: "o enredo é de conto policial, o assassino parece tirado de filme, mas a história é muito mais chocante porque aconteceu na vida real, com moças que se avistam todos os dias nas metrópoles" - ou tornou a história mais interessante, justamente por isso.

Então, a revista descreve o que as vítimas faziam antes de desaparecer, confirma a história das fotos, veiculando o telefonema de Raquel à sua prima e ressalta a natureza da vaidade feminina. "É bem provável que a história da sessão de fotos tenha sido usada para atrair todas as vítimas - meninas naturalmente vaidosas por causa da idade e em busca de uma oportunidade para subir na vida". A revista relata também que uma das sobreviventes afirmou que o assassino era motivado por uma desilusão amorosa.

Como os jornais já haviam produzido dezenas de notícias a respeito do caso, à *Veja* coube fazer as interpretações das notícias veiculadas diariamente na imprensa. Por esse motivo é que ela define o início da resolução do caso: o telefone de um homem parecido com

o retrato falado, apresentado por uma testemunha. A revista repete a história do bilhete e faz um breve histórico de Pereira, mas insinua sua culpabilidade ao afirmar que "coincidência ou não, sua última namorada, uma estudante de 18 anos chamada Isadora Fraenkel, desapareceu em fevereiro sem deixar vestígios". Essa suspeita é transformada em "cada vez mais certeza" quando reproduz a opinião da polícia e relata o encontro da identidade de Selma "no quarto antes ocupado por Francisco".

Uma semana depois, Veja dedica-se a traçar o perfil do principal suspeito de ser o Maníaco do Parque e passa a incriminá-lo logo no subtítulo, apesar de ainda tratá-lo por suspeito. O título da matéria é "A face inocente do terror", tentando passar a idéia de que irá abordar um outro lado do maníaco, seu lado mais humano, sua educação e estrutura familiar, e o subtítulo: "Da infância aos crimes, a vida do suspeito de ser o maníaco do parque", e é aqui que começa a acusação ao motoboy. Ora, se ele é suspeito ainda, pode ser que ele não tenha cometido os assassinatos, mas ao preconizar que estará relatando a vida de Francisco "da infância aos crimes", a revista já atribui a ele as mortes do Parque do Estado<sup>60</sup>.

A reportagem começa descrevendo a infância de Francisco de Assis Pereira - tratando-o carinhosamente pelo apelido da época - "Tim" - e retratando-o como uma criança normal. Em determinado momento, relaciona a criança ao suspeito de ser o autor dos crimes no Parque do Estado - "a encarnação do mal" - e de ser apontado como um dos principais criminosos do Brasil.

"[...] Tim era um menino quieto, mas de riso fácil. Tinha loucura por bicicletas e por pão [...]. Adorava assistir televisão e ficava agitado quando via cenas de patinação. Aos 8 anos ganhou seu primeiro par de patins. Eram de plástico, vermelhos. [...] Tim juntava moedas para comprar modelos melhores. Aos 14 anos, conseguiu uns sonhados patins de botas. "Um garoto meigo...", define uma vizinha da época. [...] Tim é Francisco de Assis Pereira, [...] suspeito de estar entre os piores psicopatas da crônica policial brasileira". (05/08/98, p. 118)

---

<sup>60</sup> Como o texto faz referência a fotos, achamos importante inseri-las no trabalho para que os leitores possam identificar plenamente a intenção da revista com tal argumentação. Elas foram colocadas nos anexos, logo após a relação de títulos dos jornais.

Quando relata o encontro de mais dois corpos, somados aos outros seis que já haviam sido achados, a revista informa que "em todos os casos, atribui-se a culpa a Francisco", preferindo não identificar quem atribui essa culpabilidade. Também são apresentadas mais sete vítimas e em seu texto, a *Veja* busca caracterizar o suspeito<sup>61</sup> como um psicopata, aliás, como um dos principais do país - "Em todas as descrições, Francisco teria agido de maneira parecida, com o método que caracteriza os assassinos em série" [...] "Pelas contas da polícia, Francisco teria atacado quinze mulheres. É o suficiente para inclui-lo na galeria dos psicopatas mais temidos" (ibid.). Após descrever outros assassinos seriais, são apontadas duas características desse perfil de criminoso, que também são citadas como presentes em Francisco de Assis Pereira.

A revista volta-se, então, para a construção da imagem da família e do Francisco um pouco mais velho, alguém que cozinhava, adorado pelas crianças e bom patinador. Também era trabalhador insuspeito e um conquistador bem sucedido. Na reportagem é apontado o momento em que essa imagem passa a ser afetada por um lado sombrio, ainda não revelado: a publicação do retrato falado. *Veja* descreve com detalhes o relacionamento violento que mantinha com o travesti Tayná Rodrigues - "Francisco dava socos no estômago e tapas no rosto do travesti [...]" - e repete os jornais na descrição da promessa do motoboy de que um dia ele seria famoso, mesmo que fosse nas páginas policiais. No depoimento de uma ex-namorada, ele é apontado como uma pessoa contraditória, contribuindo para a formação da imagem de alguém desequilibrado. A reportagem se encerra com a confirmação de que, para o caso ser esclarecido, o suspeito precisa ser encontrado, cobrando das autoridades uma solução para o caso.

---

<sup>61</sup> A revista *Veja* trata o criminoso por Francisco, evitando a denominação de motoboy, adotada com mais frequência pelos jornais.

Um problema para a Veja foi que, logo após sair a reportagem acima, Francisco de Assis Pereira foi capturado pela polícia e já aparecia em todos os meios de comunicação. Com uma semana de atraso, a notícia de sua prisão ficaria velha demais, principalmente dadas as circunstâncias da cobertura jornalística. Mas, a revista conseguiu uma confissão exclusiva do motoboy e estampou seu rosto na capa com o título "Fui eu"<sup>62</sup> e começou a reportagem interna, de oito páginas, com a descrição de um diálogo entre Francisco de Assis Pereira e uma pessoa não identificada. É interessante observar que a primeira pergunta é sobre o travesti, que afirmou ter vivido 14 meses com Francisco e não sobre as vítimas. Também é curiosa a pergunta sobre o fato de ele ter mantido relação sexual anal com as mulheres que matou. Talvez seja um indício de que a revista tinha por objetivo caracterizar o comportamento não convencional do suspeito, tentando assemelhá-lo à imagem de alguém desajustado ou ao estereótipo de um psicopata.

- "- Francisco, você conhece Thayná?
- Thayná? Thayná... Não conheço.
- E Elisângela, você conheceu alguma?
- Não.
- Selma?
- Não. Também não.
- E você fez sexo anal com alguma de suas vítimas?
- Fiz, com algumas.
- Pausa. Surpresa. O diálogo continua, em ritmo menos frenético:
- Você matou algumas daquelas mulheres, Francisco?
- Matei.
- Quais?
- Todas.
- Quantas mulheres você matou?
- Nove.
- Você matou Isadora?
- Matei. Fui eu. [...]" (12/08/98, p. 106)

---

<sup>62</sup> Na edição comemorativa de seus 30 anos, em 1999, a Veja publicou o ranking das edições mais vendidas nas bancas desde 1988. A que trouxe Francisco de Assis Pereira na capa ficou em quarto lugar, com 229.300 exemplares.

Juntamente com a confissão dos crimes, entretanto, há, da mesma forma, a revelação - ou a confirmação, se considerarmos que isso já havia sido publicado pelos jornais - de que ele era dominado por um lado mau. Ao dar voz ao criminoso, a revista permite que ele assuma sua culpa e a sua não culpa, pois afirma-se como um sujeito transtornado, sem condições de reagir tal qual a maioria dos cidadãos a seus impulsos, apesar de tentar e ter vontade disso.

"- Nunca contei isso para ninguém, nem para minha mãe. Eu tenho um lado ruim dentro de mim. É uma coisa feia, perversa, que eu não consigo controlar. Tenho pesadelos, sonho com coisas terríveis. Acordo todo suado. Tinha noite que não saía de casa porque sabia que na rua ia querer fazer de novo, não ia me segurar. Deito e rezo, pra tentar me controlar". (ibid)

Após expor a confissão de forma dramática - como reconheceu em seguida, no próprio texto - a *Veja* afirma que ela foi dada em caráter informal e que, em seu depoimento oficial, o motoboy havia negado os crimes. Para essa atitude a revista encontrou como explicação a esperteza do criminoso, pois poderia atenuar sua pena caso não reconhecesse a autoria dos assassinatos.

A revista volta a falar do lado negro do motoboy, composto por "uma complicada teia de namoradas, traumas e rancores", e que envolvia além da moléstia sexual de uma tia, um caso homossexual com um ex-patrão e uma relação sexual traumática com uma parceira gótica ("curtia cemitérios"). E aproveita a deixa para destacar que a advogada de Francisco afirma ter ele algum transtorno de personalidade, motivando-o a buscar aparecer cada vez mais na mídia. *Veja* afirmou que ele teria se transformado "numa espécie de superstar do mal. Na semana passada, ele era assunto em todo o país" (ibid) e passa a elencar os indícios favoráveis e contrários à condenação de Pereira, uma vez que as provas materiais não seriam suficientes para condená-lo.

Os indícios que indicam serem o motoboy e o maníaco a mesma pessoa são reforçados pela forma como foram apresentados, colocando após cada descrição o nome do

suspeito. Eles apresentam todos a mesma estrutura e foram postos em determinada ordem para levar o leitor à mesma conclusão que a revista (veja os exemplos abaixo e a descrição completa em anexo):

"Cinco mulheres apresentaram-se à polícia, identificando o homem que as havia violentado no Parque do Estado. Todas indicaram um rosto: o de Francisco de Assis Pereira.

No mesmo parque, foram encontrados oito cadáveres de mulheres assassinadas. Era o mesmo parque em que foi achado o cadáver de Selma. O indiciado pelo assassinato de Selma é Francisco de Assis Pereira.

Em 1995, uma moça de 19 anos prestou queixa na delegacia da cidade de São José do Rio Preto, interior de São Paulo, contra um homem que a agarrou [...]. O acusado: Francisco de Assis Pereira.[...]" (ibid)

Logo em seguida o descreve como um boa-praça, com ar de garotão, que usa roupas joviais e que passaria despercebido na rua. "É conversador, gosta de falar e responde atenciosamente às perguntas que lhe são feitas". A revista alerta para o fato de que, desde que sua vida começou a ser devassada - principalmente pelos jornais - são comuns as descrições dele como "bom moço" ou como um "cara legal", tanto por familiares, quanto amigos ou ex-namoradas, demonstrando que vinha sendo feita a construção paralela das imagens de Francisco de Assis Pereira e do maníaco, conforme dissemos acima. Entretanto, a revista utiliza isso para caracterizá-lo novamente como um psicopata, afirmando que "até mesmo a simpatia excessiva pode ser usada contra um assassino em série" e descrevendo outras características comuns a essa espécie de criminosos e relacionando-as todas com atitudes adotadas por Francisco.

Nessa mesma data (12/08/98), **Veja** realizou uma entrevista com a advogada do maníaco, Maria Elisa Munhoz, caracterizando-a como uma especialista em causas antipáticas e citando, conforme fizeram os jornais, os casos do Bar Bodega e da Escola Base. Ela descaracteriza o depoimento que a revista afirma ter sido dado pelo criminoso, ressalta os abusos da imprensa, dos quais participou defendendo as vítimas, coloca dúvidas no reconhecimento feito pelas vítimas e afirma que seu cliente necessita de ajuda psiquiátrica.

A reportagem tem ainda relatos detalhados sobre as vítimas, o que faziam na última vez que foram vistas e os planos que tinham para o futuro e encerra com uma relação dos principais assassinos em série do Brasil e do mundo. Devemos frisar que um dos possíveis efeitos de sentido pretendidos pela revista, o de prender a atenção do leitor com uma história fantástica em que criança comum pode se transformar em um assassino cruel, foi alcançado, se observarmos a seção de cartas<sup>63</sup> da edição seguinte. Os leitores referem-se aos "valores da família", ao fato de que "o maior criminoso foi um dia uma criança dócil e inocente" e que "não é possível que moças tão jovens e bonitas se deixem levar pela conversa de um estranho [...]. Isso reflete também essa crise assustadora do emprego", além de outras que tratavam exclusivamente da capa dessa edição.

Em 19 de agosto, o motoboy é apontado como "O predador", conforme o título da reportagem. No subtítulo, mais um indício dos problemas psicológicos do criminoso: "Os segredos de Francisco de Assis Pereira, o "maníaco do parque", uma alma atormentada e terrível" (19/08/98, p. 98). E novamente o texto tende à caracterização de Francisco como um psicopata, utilizando para isso a estratégia de apresentar cada ação ou atitude que ele teve durante os crimes, com a justificativa de algum especialista - ou incorporada pela própria revista -, demonstrando ser algo comum aos psicopatas.

A estrutura do texto é a mesma em todas as reportagens<sup>64</sup> e a *Veja* começa apelando para os sentimentos do leitor, ao descrever a angústia e a perplexidade dos pais do motoboy,

---

<sup>63</sup> É necessário frisar que esses dados são manipulados e que talvez a intenção da revista seja também demonstrar que o público entendeu o que ela pretendia com a reportagem.

<sup>64</sup> Encontramos uma característica comum nas notícias da *Veja*, que é a abordagem inicial do texto não diretamente relacionado ao foco da notícia, tal como se fosse uma introdução ao assunto ou o situar do leitor em determinada esfera interpretativa. Na primeira reportagem sobre o caso, a revista começou o texto descrevendo o Parque do Estado e o encontro dos corpos, a semelhança com a literatura e/ou o cinema, para depois introduzir o suspeito de ser o criminoso e a história das vítimas. Na segunda reportagem, descreveu toda a infância do motoboy e o tratou apenas pelo apelido - "Tim"-, para depois fazer a relação entre a criança e o maníaco e deste com os crimes. Na terceira, adota a descrição de um diálogo, para demonstrar a confissão de Francisco de Assis Pereira, e só então entra na notícia.

no encontro que tiveram na delegacia. Permeada por metáforas, a reportagem parece ter sido produzida em tom de fotonovela mexicana:

"[...] Maria Helena Pereira, 51 anos, o rosto devastado pelo sofrimento, sentou-se no chão de uma cela [...], olhou para o filho, acariciou a mão dele e apenas balbuciou a pergunta: "Tim, por quê? [...]. O pai indagava repetidamente: "Onde foi que nós erramos? Onde foi que nós erramos? Onde foi que nós erramos?". Tim, encolhido no fundo da cela [...], os olhos inundados de lágrimas, não respondeu" (19/08/98, p. 98).

A revista passa a imagem de que o Maníaco do Parque tem uma alma atormentada, conforme já havia afirmado em subtítulo, pois entrega um "manuscrito interminável, lavrado em letra hesitante num bloco de cartas, espécie de autobiografia". Relata o episódio de uma reprimenda da avó por ele ter matado um passarinho - "Assassino, você é um monstro"- e as visitas aos matadouros, quando "descreve o morticínio das vacas com detalhes barrocos. Fala do sangue, dos uivos e do sofrimento dos animais" (ibid). Tudo leva a crer - somado à reportagem da edição anterior - que, desde menino, Francisco de Assis Pereira apresenta um comportamento assassino.

A própria Veja se apressa em apresentar a relação - "histórias sobre psicopatas frios, capazes de planejar as piores torturas contra suas vítimas e, mesmo assim, dotados de um sentimento de profunda compaixão e simpatia são um clássico, quando se fala de assassinos em série" (ibid). Para comprovar sua tese, a revista apóia-se no depoimento da mãe, quando ela diz, antes da relação, que Francisco "era um menino sensível, sensível demais" e depois, ao afirmar que " ele era um menino tão bom".

Seguindo a intenção de mostrar o psicopata aos leitores, o texto passa a descrever os momentos dos ataques, colhidos no depoimento oficial de Pereira, em que ele se apresentava para consolar as futuras vítimas pois, "como um caçador, Francisco parecia dotado de um radar para a infelicidade alheia". A certa altura, ao tentar pintar com cores mais vivas a figura do maníaco, a revista extrapola e afirma que "para Selma, Francisco apareceu deslizando

sobre patins [...]. Como um super-herói, vestia camiseta e calção de lycra colados ao corpo esguio", sugerindo que a cada vítima ele adotava uma abordagem ou que ele aparecia como um super-herói de quadrinhos para salvá-las da infelicidade. Para os leitores fica a impressão de que as vítimas eram ou muito inocentes ou completamente ignorantes.

Após essa narrativa, a revista volta-se para o "lado ruim" de Pereira e descreve o momento do assassinato de uma das vítimas (Selma Queiroz) e um impulso canibal do maníaco, que queria arrancar nacos de carne da mulher assassinada. Também relata a repressão ao gozo, demonstrando o egoísmo do criminoso e ainda sua consciência de que cometeria os crimes, mas que torcia para as vítimas não o acompanharem, para poder evitá-los. Caso elas fossem com ele, seu lado obscuro o dominaria e elas seriam mortas.

A revista passa a relacionar as características de um psicopata com as da vida de Francisco de Assis Pereira, achando correspondência para todas elas. Veja assume descrever a história em tom macabro, como as de histórias de terror da literatura, e justifica-se afirmando que "longe de se tratar de apenas informações que aumentam o tom macabro da história, os detalhes da personalidade de Francisco, o dia-a-dia, atitudes, crenças e valores vão ser decisivos na Justiça" (ibid) e explicando o papel do exame de sanidade.

Depois dessa edição, o caso vai perdendo o interesse e só volta às páginas da Veja depois de três edições para reafirmar sua tese de que Francisco de Assis Pereira é um psicopata. Apóia-se no relato da advogada, para quem, segundo a revista, o motoboy pediu para ficar na prisão. A justificativa apresentada por ela, então, vem ao encontro ao relato da psicopatia e à versão de que Pereira seria dominado por forças ocultas: "Caso seja solto, ele já disse que volta a matar. Precisamos preservar o próprio Francisco contra a maldade existente dentro dele" (09/09/1998, p. 87), ou seja, o lado ruim aparece como justificativa das mortes novamente. Ou, conforme preferiu apresentar a revista, "o criminoso tem consciência da gravidade de seus crimes, mas não consegue deixar de cometê-los. É uma espécie de vício" (ibid).

De 23 de setembro em diante, a maioria das notícias que tratam do Maníaco do Parque na *Veja* não abordam diretamente o crime, mas a repercussão de uma declaração de Francisco de Assis Pereira, em que ele afirma que a entrevista foi paga. A revista então, com um texto seco, sem elementos de dramaticidade, aponta o criminoso como um mentiroso contumaz e a quem não deve ser dado crédito - "a palavra de Pereira não vem muito ao caso. Ele é um mentiroso contumaz. [...]" - apesar da própria revista ter dado crédito a ele quando foi feita a confissão dos crimes. Em 21 de outubro a revista divulga uma nota dizendo que Pereira foi considerado semi-imputável e irá a júri popular. Em outra notícia, questiona a postura do *Jornal Nacional* da Rede Globo, que deu crédito ao motoboy, quando da acusação à *Veja*, mas não o fez quando o criminoso reconheceu que mentiu. Na edição comemorativa dos 30 anos da revista, veiculada juntamente com a edição normal, é reproduzido o diálogo da reportagem, que trata da confissão do motoboy, como um dos fatos mais importantes da década de 1989 a 1998.

Em dezembro, nas edições dos dias 02 e 16, o assunto dominante foi a entrevista do motoboy ao programa do *Fantástico*. Na primeira edição, a revista afirma que ela havia se transformado em um show e que era o protótipo de um novo programa. Basicamente repetiu os jornais. Na segunda informa que a Rede Globo pagou pela entrevista e também repercute o que os jornais já haviam divulgado. A última notícia sobre o maníaco, em 1998, foi na retrospectiva anual, publicada em 23 de dezembro, na qual a revista afirma que o motoboy ficou "obcecado por ele mesmo" e que afirma ter que "tomar cuidado com o que fala, porque agora é famoso".

### 6.6.1 As Vítimas

De uma forma diferente do que acontece com os jornais, as vítimas são retratadas pela revista nos mesmos textos em que são descritos os crimes, e que se constrói a imagem do

criminoso. Enquanto aqueles veículos tinham espaço e tempo para matérias correlatas sobre as vítimas e suas famílias, a *Veja* tinha problemas com ambos, por circular semanalmente. Vários outros aspectos abordados pelos veículos diários também não puderam compor a cobertura semanal, talvez por terem perdido a validade (gíria para notícias que ficaram velhas) ou por não serem relevantes em seu ângulo de cobertura.

Como a revista priorizou a formação da imagem de um psicopata e mostrou a ambigüidade da personalidade dessas figuras, as mulheres mortas foram caracterizadas como vítimas de uma fatalidade. "Poderiam ter sido outras, mas foram elas. Talvez estivessem no lugar errado e na hora errada", seria um argumento justificável de suas mortes, resultado da ingenuidade e da inexperiência de quem cruzou o caminho de alguém que havia saído para matar, independente de quem fosse a vítima.

Logo na primeira notícia percebe-se o ângulo de passividade das vítimas - oposto ao que foi colocado nos jornais, em que elas poderiam ser consideradas co-responsáveis pelas próprias mortes por serem vaidosas demais - no subtítulo da matéria: "Elas eram jovens, tinham uma vida inteira pela frente - até que caíram na conversa de um louco, que as assassinou cruelmente" (29/07/98, p. 90). Se para os jornais as vítimas queriam ser modelo, para a *Veja* isso não ficou explícito, apesar da revista ter dado vazão também a essa história. Mas, sobre a primeira vítima - Selma Queiroz - ela escreveu: "Era balconista de uma rede de farmácias. Seu sonho era juntar dinheiro para freqüentar uma faculdade de ciências contábeis ou de computação [...]" (ibid). Sobre a outra vítima identificada, imperou a versão da sessão de fotos e pareceu dar a impressão de que a revista repercutiria as insinuações dos jornais - "É bem provável que a história da sessão de fotos tenha sido usada para atrair todas as vítimas - meninas naturalmente vaidosas por causa da idade e em busca de uma oportunidade para subir na vida [...]" (ibid).

Na segunda reportagem, em 05/08/98, a técnica das fotos foi enfocada muito mais como a da estratégia de um psicopata do que como a do desejo intrínseco às mulheres de

serem reconhecidas como bonitas ou de tornarem-se modelos. Tanto que a descrição física das moças serve também para reforçar essa hipótese, uma vez que os psicopatas têm predileção por um tipo determinado de vítima.

"Em todas as descrições, Francisco teria agido de maneira parecida, com o método que caracteriza os assassinos em série. Encontrava as moças em supermercados, pontos de ônibus ou filas de cartórios e apresentava-se como caça-talents, aquele sujeito que descobre beldades para agências de modelos. A pretexto de tirar fotografias, levava-as para o parque.[...] Todas eram morenas e jovens" ( p. 118)

Em 12 de agosto, edição em que o maníaco foi capa da Veja, apesar de todos os holofotes estarem voltados para o motoboy - e sua caracterização como psicopata - a revista fala de uma sobrevivente - M.C., de 18 anos, que teria sido atraída também para posar para fotos. A questão da ingenuidade aparece quando é colocada a voz dela ao dizer que "ele sabe fazer ar de desamparado" (12/08/98, p. 110).

Mais adiante, há uma matéria especial, tratando exclusivamente das vítimas do motoboy, que haviam sido identificadas até então: "Elisângela Francisco da Silva tinha 21 anos. Paranaense, filha de uma família pobre de Londrina, vivia em São Paulo com a tia [...] desde 1996" - ao informar suas origens, e por terem elas profundas ligações com a formação do indivíduo, a revista praticamente afirma que a vítima não tinha malícia - por ter vindo do interior - era pobre - "por causa das dificuldades financeiras, abandonou a escola na 7ª série" - e tímida, além de religiosa e prestativa - ajudava a cuidar da filha de uma das suas primas. Com esses pré-requisitos, pode ser considerada uma presa fácil, que não ofereceria resistência a alguém que era caracterizado como um predador muito inteligente.

Outra vítima, Raquel Mota Rodrigues, de 23 anos, tinha como grande ambição "ganhar dinheiro para ajudar a família que vive em Gravataí, Rio Grande do Sul" - também interior. Os familiares atestam sua ingenuidade: "era uma moça muito ingênua" e "acreditava muito facilmente nas pessoas"; foram conceitos usados por uma prima para descrevê-la. A simplicidade

da vítima, além de estar presente textualmente na revista, é refletida pela sua felicidade em trabalhar como vendedora de móveis maior, "onde as comissões seriam mais polpudas".

Sobre Selma Queiroz, a revista repete o que informou na edição (vide p. 131) anterior, realçando seus planos de concluir os estudos e fazer uma faculdade. A única mulher apontada como vaidosa foi Patrícia Gonçalves Marinho, que "nunca revelara à família o sonho de ser modelo. Adorava, no entanto, posar para fotografias ao lado de parentes e amigos" (12/08/98, p. 112). Mas a ênfase é dada ao fato de ela ser uma moça alegre, comunicativa, que fazia amizade com muita facilidade e "tinha uma confiança ingênua nas boas intenções de todo mundo, mesmo desconhecidos". O pai da vítima confirma o viés adotado pela reportagem: "A simplicidade e ingenuidade de minha filha devem ter facilitado a abordagem do assassino", afirmou.

A diferença entre a ingenuidade das vítimas e a esperteza do criminoso fica patente na edição de 19/08/98, quando ele é projetado como um caçador que se utilizava de várias facetas para atrair suas presas. Dessa forma, a revista realça ainda mais a diferença que existia entre ele e as mulheres que seriam atacadas, sem desconfiar das intenções do motoboy, revelando que elas acreditavam nas boas intenções do criminoso<sup>65</sup>.

" Como um caçador, Francisco parecia dotado de um radar para a infelicidade alheia. Uma de suas vítimas, Selma Ferreira Queiroz, de 18 anos, desesperava-se porque acabara de perder o emprego numa farmácia. Francisco consolou-a. Outra, Rosa Alves Neta, de 21 anos, que ele encontrou no Parque do Ibirapuera chorando por um namoro desfeito, também viu em Francisco o solidário confessor. [...] A certa altura, o depoimento diz: "O interrogando achava até interessante como conseguia ludibriar suas vítimas, pois usava praticamente um jogo de seduções, colocava para elas um mundo de fantasias, sendo que, para tanto, ouvia atentamente o que a pretensa vítima falava de sua vida, e rapidamente conseguia concluir qual a conversa mais agradável que a dominaria". (19/08/98, p. 99)

Os leitores, conforme frisamos acima, também acreditavam na ingenuidade - e um deles chegou a mencionar a necessidade, devido a dificuldades financeiras - das vítimas. Mas,

---

<sup>65</sup> Na edição de 19 de agosto de 1998, na página 99, a revista afirma sobre Raquel Mota Rodrigues: "*A moça topou ir até o Parque do Estado e até esperou que ele fosse em casa pegar a moto*", traço que caracteriza a ingenuidade de alguém que não tem os hábitos de prevenção das grandes cidades.

como a revista tinha por objetivo retratar um psicopata, era natural que se apresentassem as mulheres mortas como vítimas inocentes, uma vez que uma das características dos psicopatas (estereotipados dessa forma também nos filmes e livros) é ser muito mais esperto e inteligente que suas vítimas.

A Veja não mencionou quase nada sobre a participação da polícia no caso e apenas duas vezes revelou deslizes dos policiais. Na seção de notas Radar - box Sobe e Desce - ao lado de uma flecha apontando para cima - aponta o reconhecimento de Francisco de Assis Pereira pelo pescador João Carlos Dorneles, "que descobriu o acusado de ser o maníaco do parque. Embora tivesse seu rosto nos jornais e na TV, o suspeito de oito mortes havia passado sem problemas por várias barreiras policiais" (12/08/98 ), atribuindo a um terceiro a prisão do motoboy e desmerecendo a ação das autoridades policiais. Em outra matéria, já com o caso sendo tratado sem muita importância, a revista trata de um problema em laudo do IML, ironizando a postura dos peritos:

"Na semana passada, o ambiente pré-julgamento chegou a esquentar por causa de uma trapalhada do Instituto Médico Legal. Depois de analisar o corpo da gaúcha Raquel Mota Rodrigues — uma das vítimas do maníaco —, os peritos saíram-se com uma "provável morte natural". Como se fosse muito natural uma mulher morrer de trombose ou câncer numa clareira do Parque do Estado e depois ser encontrada de bruços, sem roupas. Na verdade, os peritos queriam dizer que era impossível determinar a causa da morte de Raquel, porque seu corpo estava em decomposição". (09/09/98, p.87)

---

## 7 CONCLUSÃO

O interesse pelo estudo do caso do maníaco do parque apareceu após a leitura de uma reportagem da revista *Época*, de 07 de junho de 1999, que afirmava ser o motoboy, no presídio em que estava, recordista em recebimento de cartas de mulheres. Elas propunham relacionamento a um homem que reconheceu ter matado nove mulheres e violentado outras tantas. Isso aconteceu quando havíamos cursado quase todos os créditos do mestrado e os estudos sobre a análise do discurso político na imprensa, que foi o projeto apresentado originalmente na seleção para o mestrado, estavam bem adiantados.

A primeira coisa que nos motivou a mudar de objeto de estudo foi o interesse em compreender como aquelas mulheres que escreviam ao Maníaco do Parque construíram a imagem dele. Não o conheciam pessoalmente. Então, essa relação só poderia ter sido mediada pela imprensa. Mas, como a imprensa pode transformar um criminoso frio, que se aproveitava da condição miserável de emprego e renda das pessoas e seduzia suas vítimas com propostas de recebimento de dinheiro, em alguém admirado por uma parcela da população? Foi a pergunta que fizemos quando resolvemos estudar o caso e esperamos tê-la respondido nesta dissertação.

Houve uma superexposição do crime, das vítimas, do acusado (e depois criminoso confesso) e das pessoas envolvidas. Foram feitas, em todos os meios de comunicação, matérias com todas as personagens relacionadas ao caso, criando um clima generalizado de interesse por notícias a respeito do caso. As reconstituições nas televisões e as cronologias nos jornais atualizavam diariamente a memória do ocorrido e aguçavam o suspense em torno do desfecho do caso. Tudo isso contribuiu para a mitificação da imagem de Francisco de Assis Pereira, o "Maníaco do Parque", da mesma forma que a fórmula funcionou para mitificar outro bandido na década de 60, João Acácio Pereira da Costa, o "Bandido da Luz Vermelha".

De acordo com reportagem veiculada na revista *Marcante / Documento* (Edição Crimes que abalaram o Brasil, abril/2001),

"certamente contribuiu para isso (sua mitificação) a época em que ele se transformou no inimigo número um da sociedade paulista, circulando pelos bilhares do Centro com calças vermelhas e botas extravagantes [...] era uma presença no imaginário paulistano, uma espécie de bicho-papão urbano que mantinha em constante sobressalto a vida da burguesia quatrocentona. Os programas populares de rádio alimentavam o mito dramatizando as histórias, fantasiosas ou reais [...]. Acabou, a despeito de seus crimes, sendo retratado pela imprensa policial como um irresponsável sedutor, astuto e hedonista. Segundo os jornais da época relatam, João Acácio tinha 33 namoradas, grande parte na cidade costeira de Santos [...]" (p. 36)

Apesar da exposição excessiva, não há motivos suficientes para acreditarmos que ela, por si só, serviria para moldar a imagem do criminoso, mas cremos que a estratégia discursiva adotada pelos veículos de comunicação foi fundamental para isso. Ao identificá-las, buscamos responder também à pergunta que nos fizemos no início dos trabalhos.

Por isso, o foco do trabalho foi dado às questões de estilo e autoria. Entretanto, não nos sentimos à vontade para abordar os fatos de estilo e os possíveis efeitos de sentido gerados a partir de suas escolhas, sem antes discutirmos aspectos relacionados à autoria do texto jornalístico. Este trabalho confirmou algumas suspeitas que havíamos levantado no exercício e estudo do jornalismo, principalmente no que se refere à designação da autoria de uma notícia, atribuída explicitamente pelo jornal ao repórter que a assina. Com o estudo do caso do maníaco do parque observamos que o jornalista tem autonomia restrita sobre seu texto, e que esse material é o resultado de uma produção coletiva orientada pela linha editorial do veículo de comunicação.

Apesar de escrever a notícia, há vários fatores a serem considerados no sistema de produção jornalística que devem ser considerados. Em primeiro lugar, há o querer dizer do próprio jornal - chamado regularmente de linha editorial - e essa característica é fundamental para que as notícias sejam impressas da forma que as lemos todas as manhãs nos veículos de nossa preferência.

Para isso são mantidos, nos escalões mais altos, o que se chama na classe jornalística de gatekeepers<sup>66</sup>, profissionais responsáveis por manter a a padronização editorial.

O texto é identificado ao jornalista. Reconhecemos que, apesar de todas as influências e obediências devidas, ele é o sujeito do discurso. O repórter tem participação efetiva na produção da notícia, pois dele depende a coleta das informações e a observação do fato que irão resultar no texto noticioso. Se esse profissional não exerce uma influência maior no resultado apresentado nas páginas dos jornais e revistas é devido aos critérios de cada jornal.

Além dos aspectos de autoria, as questões de estilo demonstraram que a mitificação dos criminosos acontece, pois é necessário transformar a notícia em algo sensacional. A reportagem deve ter como objetivo maior atrair o leitor mais do que informá-lo; deve ser interessante nesses tempos de jornalismo capitalista.

Para atender essa sua necessidade, o jornalista define a produção textual e busca determinar a imagem pela qual determinadas pessoas serão reconhecidas. Foi o que aconteceu na cobertura do caso do Maníaco do Parque com relação ao criminoso, apontado como conquistador e que adotava a técnica de passar-se por fotógrafo para seduzir as moças, e, principalmente, com relação às vítimas, que foram tidas como sendo mulheres vaidosas e volúveis.

Ao não destacar que, juntamente com a proposta de posar para fotografias, estava embutida a oferta de recursos financeiros, isto é, as moças receberiam dinheiro para fazer as fotos e que todas elas ou eram subempregadas ou estavam sem emprego, os jornalistas ignoraram que o problema, muito mais do que individual ou de grupo, por estar relacionado à vaidade, poderia ser um problema social e estar relacionado ao desemprego, às baixas remunerações e à distribuição de renda.

---

<sup>66</sup> "Gatekeeper: Diz do intermediário no processo de comunicação interpessoal. Transmitida de pessoa a pessoa, a mensagem sofre alteração em seu conteúdo, desde sua origem até o destino final, por ação e características dos

Evidencia-se assim a influência que o autor, na mídia de massa, tem sobre o efeito de sentido que se pretende gerar, e a repercussão que isso terá na vida das pessoas. Evidencia-se a necessidade de serem realizados novos estudos sobre os aspectos lingüísticos nos meios de comunicação, permitindo aos profissionais da área repensar seus papéis e suas responsabilidades na produção das notícias.

## Referência Bibliográfica

- ANGRIMANI, D. (1995). **Espreme que sai sangue**; São Paulo, Summus.
- BAKHTIN, M. (1997). **Estética da criação verbal**; São Paulo, Martins Fontes
- BELTRÃO, L. (1960). **Iniciação à filosofia do jornalismo**; Rio de Janeiro, Agir.
- BRETON, P. (1998). **A argumentação na comunicação**; Lisboa, Dom Quixote.
- DE QUINCEY, T. (1985). **Do assassinato como uma das belas artes**; Porto Alegre, L&PM.
- DINES, A. (1986). **O papel do jornal - uma releitura**; São Paulo, Summus.
- ECO, H. (1984). **Viagem na irrealidade cotidiana**; Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- ELIADE, M. (1998). **Mito e realidade**; São Paulo, Perspectiva.
- ERBOLATO, M. L. (1991). **Técnicas de codificação em jornalismo – Redação, captação e edição no jornal diário**; São Paulo, Ática.
- FARACO, C. A. e NEGRI, L. (1998). **O falante: que bicho é esse, afinal?**; Curitiba, Revista Letras n. 49 - UFPR
- FÁVERO, L. L. & KOCH, I. G. V. (1994). **Linguística textual: Introdução**; São Paulo, Cortez Editora.
- GOMIS, L. (1991). **Teoría del periodismo – Como se forma el presente**; Barcelona, Paidós.
- GRANGER, G.-G. (1974). **Filosofia do estilo**; São Paulo, Edusp.
- KOCH, I. V. (1998). **O texto e a construção dos sentidos**; São Paulo, Contexto.
- \_\_\_\_\_ (1995). **A referenciação textual como estratégia cognitivo-interacional**; Campinas, Unicamp; mimeo.
- KOTHE, F. R. (1991). **Literatura e Sistemas Intersemióticos**; São Paulo, Cortez.
- KUNCZIK, M. (1997). **Conceitos de Jornalismo (Norte e Sul)**; São Paulo, EdUSP
- LAITIN, D. D. e GOMEZ, G. R. (1992/mar). **Language, Ideology and the Press in Catalonia**; Revista American Anthropologist n° 94.
- LONARDONI, M. (1999). **“Aconteceu, virou manchete” – Um estudo dos vetores de manchetes jornalísticas**, in VASCONCELOS, Sílvia I.C.C. (org.). **Os discursos jornalísticos**; Maringá (PR) e Itajaí (SC), Eduem e Editora da Univali.
- LOUZEIRO, J. (1982). **Lúcio Flávio - O Passageiro da Agonia**; São Paulo, Victor Civita.
- MARCONDES FILHO, C. (1987). **Quem Manipula Quem?**; Petrópolis, Vozes.

MCLUHAN, M. (1974). **Os meios de comunicação como extensões do homem**; São Paulo, Cultrix.

PEREIRA, C. A. M., RONDELLI, E., SCHOLLHAMMER, K. E., HERSCHMANN, M. - orgs (2000). **Linguagens da Violência** - Rocco, Rio de Janeiro.

POSSENTI, S. (1995). **Apresentação da Análise do Discurso**; Campinas, Unicamp.

\_\_\_\_\_ (1988). **Discurso, Estilo e Subjetividade**; São Paulo, Martins Fontes.

\_\_\_\_\_ (1992). **Concepções de sujeito na linguagem**, in Boletim n. 13 – Associação Brasileira de Linguística;

RABAÇA, C. A. e BARBOSA, G. (1998). **Dicionário de Comunicação**; São Paulo, Editora Ática

SARDÀ, A. M. (1997). **La mirada informativa**; Barcelona, Bosch.

SENRA, S. (1997). **O último jornalista**; São Paulo, Estação Liberdade

SOARES, L. E. (2000). **Uma interpretação do Brasil para contextualizar a violência**, in Linguagens da Violência (org. PEREIRA, Carlos A. M. et all); Rio de Janeiro, Rocco

STEVENSON, R. L. (2000). **O médico e o monstro**; São Paulo, Martin Claret

VENTURA, Z. (1994). **Cidade partida**; São Paulo, Schwarcz

### Sites

[www.crimelibrary.com](http://www.crimelibrary.com) - Contém os mais famosos crimes e criminosos do mundo

[www.estadao.com.br](http://www.estadao.com.br) - Contém todas as notícias publicadas no Estado de São Paulo sobre o maníaco do parque e o Manual Geral de Redação

[www.uol.com.br/fsp](http://www.uol.com.br/fsp) - Contém todas as notícias publicadas na Folha de São Paulo sobre o maníaco do parque e o Manual de Redação da Folha

[www.uol.com.br/veja](http://www.uol.com.br/veja) - Contém todas as notícias publicadas na revista Veja sobre o maníaco do parque

### Filmes

BABENCO, Hector (1997). **Lúcio Flávio, o passageiro da agonia**; São Paulo, HB Filmes.

SGANZERLA, Rogério (1968). **O bandido da luz vermelha**; São Paulo, Urânio

## ANEXOS

A primeira notícia sobre os crimes ocorridos no Parque do Estado de São Paulo e que culminaram por se transformar no "caso do maníaco do parque" foi publicada pelos jornais em 08 de julho de 1998. Era época da Copa do Mundo, o Brasil encaminhava-se para a final como favorito ao título, e as notícias sobre encontro de corpos, chacinas e outros crimes tornaram-se comuns nos grandes centros. Entretanto, alguns fatos chamaram a atenção da imprensa: o número de corpos que foram encontrados, o fato de serem todos de mulheres com características físicas semelhantes, de estarem nuas e a suspeita da polícia de que poderiam, os quatro assassinatos - dois em cada dia, apesar dos títulos divulgarem como se tivessem sido achados todos ao mesmo tempo -, ter sido cometidos por um maníaco sexual.

Colocamos primeiramente todos os títulos das notícias dos jornais Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo para facilitar a percepção total do caso e depois, inserimos algumas notícias na íntegra, dando tratamento semelhante às formas adotadas nos jornais, ou seja, maior destaque ao título e um pouco menos aos sobretítulos e subtítulos.

É importante frisar que relacionamos este material para o leitor retomar o caso do maníaco do parque e por isso as matérias dos veículos se complementam. Em alguns momentos colocamos notícias semelhantes a respeito do caso para que o leitor possa fazer a análise comparativa do estilo adotado pelos jornais, das escolhas sintáticas e semânticas que interferem no enunciado e perceba a diferença do ângulo na cobertura.

<b>MANCHETES DA FOLHA DE SÃO PAULO</b>			
<b>Data</b>	<b>Página</b>	<b>Notícias com referência direta</b>	<b>Notícias correlatas</b>
08/07/98	Cotid. 3-4	<i>Investigadores do caso suspeitam de que quatro mulheres foram vítimas de crime sexual</i>  <b>Polícia acha 4 corpos em parque de SP</b>	
09/07/98	Cotid. 3-8	<i>Outras 2 vítimas foram achadas sem roupas e PM fará varredura no parque; ação de maniaco é a principal suspeita</i>  <b>Mulheres achadas mortas no parque já são 6</b>	
10/07/98	Cotid. 3-6	<b>Polícia obtém pista de mortes no parque</b>	
11/07/98	Cotid. 3-8	<b>Polícia busca sobrevivente de maniaco</b>	
12/07/98	Brasil. 1-13	<b>Polícia faz retrato de maniaco</b>	
14/07/98	Cotid. 3-8	<i>Casos foram registrados em Diadema; polícia ouvirá vítimas para confirmar a ligação entre os casos</i>  <b>Maniaco é suspeito de estuprar mais 3 em SP</b>	
14/07/98	Cotid. 3-8		<b>O maniaco do parque</b> Onde ele age / As vítimas / Quando foram achados os corpos / Como agiria o maniaco / Como é o maniaco
15/07/98	Cotid. 3-4	<i>Material foi colhido em vítima assassinada; laudo conclui que mulher foi violentada antes de morrer</i>  <b>Polícia vai traçar código genético de maniaco</b>	
16/07/98	Cotid. 3-4	<i>Duas vítimas disseram que o homem que as atacou é parecido com o da foto</i>  <b>Foto pode mostrar maniaco</b>	
17/07/98	Cotid. 3-5	<b>Polícia tem pista de vítimas de maniaco</b>	
18/07/98	Cotid. 3-1	<b>Suspeito de ser o maniaco do Parque do Estado está no Paraguai</b>	
18/07/98	Cotid. 3-9	<i>Motoboy reconhecido por 3 vítimas viu retrato falado num jornal e fugiu</i>  <b>Suspeito de ser o maniaco do parque está no Paraguai</b>	
18/07/98	Cotid. 3-9	<b>Delegado diz que quer extradição</b>	
18/07/98	Cotid. 3-9		<b>Pereira morou ao lado da mata</b>
20/07/98	Cotid. 3-6		<i>Pais do principal suspeito pela morte de seis mulheres, dizem que comportamento do filho era normal</i>  <b>Família não crê que motoboy seja o maniaco</b>
21/07/98	Cotid. 3-2		<b>Crimes revelam ação de psicopata</b>
21/07/98	Cotid. 3-4	<i>Informação é do advogado do motoboy; polícia desconfia de que o acusado deixou o Paraguai e retornou ao Brasil</i>  <b>Suspeito de ser maniaco pode se entregar</b>	
22/07/98	Cotid. 3-3	<b>SP quer ajuda da Interpol para prender suspeito de ser maniaco</b> <i>Órgão recebeu foto para distribuí-la em países vizinhos ao Brasil</i>	
23/07/98	Cotid. 3-3	<b>Voz é a nova prova no caso do maniaco</b>	
24/07/98	Cotid. 3-5	<b>Polícia busca motoboy suspeito em SP</b>	

25/07/98	Cotid. 3-7	<b>Outra vítima reconhece Pereira</b>	
25/07/98	Cotid. 3-7	<i>Cédula de identidade de mulher assassinada é achada na empresa em que motoboy trabalhava</i>	
		<b>Polícia liga suspeito a crimes de maniaco</b>	
28/07/98	Cotid. 3-3		<i>Ela quer que o suspeito de ser maniaco se entregue à polícia; delegado ouve ex-namorada e travesti</i>
			<b>Mãe diz que motoboy precisa de tratamento</b>
28/07/98	Cotid. 3-3		<b>'Ele era um Don Juan do Brás'</b>
29/07/98	Cotid. 3-1	<i>Investigadores acreditam que mata pode estar escondendo corpos de outras vítimas; acusado está foragido</i>	
		<b>Polícia acha mais 2 corpos no parque</b>	
29/07/98	Cotid. 3-3	<i>Secretaria de Meio Ambiente manda afixar anúncios de 'procura-se' junto a telefones dos parques da cidade</i>	
		<b>Rio espalha cartazes com foto de motoboy</b>	
29/07/98	Cotid. 3-4		<b>O acusado</b> Como age o maniaco Indícios contra o motoboy
30/07/98	Cotid. 3-4	<b>Nova vítima acusa motoboy</b>	
30/07/98	Cotid. 3-4	<b>Acusado pode ter filho no interior</b>	
30/07/98	Cotid. 3-9	<i>IML dará a palavra final sobre a identidade das mulheres</i>	
		<b>Famílias reconhecem objetos de vítimas de maniaco em SP</b>	
31/07/98	Cotid. 3-4	<b>Perícia acha sêmen em vítima de maniaco</b>	
31/07/98	Cotid. 3-4		<b>Crime no parque do Estado</b> O acusado O que diz o acusado Como age o maniaco Indícios contra o motoboy O que é o parque do Estado
01/08/98	Cotid. 3-4	<i>Elizângela, estudante de 21 anos, estava desaparecida desde maio; nova busca não acha mais corpos</i>	
		<b>Polícia identifica terceira vítima do maniaco</b>	
01/08/98	Cotid. 3-4	<i>Nenhum novo corpo foi encontrado; advogado renuncia à defesa do motoboy acusado pelas mortes</i>	
		<b>Polícia faz nova busca na mata do parque</b>	
01/08/98	Cotid. 3-4		<b>Advogado renuncia ao caso</b>
02/08/98	Pr. Pág. 1-1		<b>Convite para ser modelo envolve risco</b>
02/08/98	Cotid. 3-4		<b>Sonho de modelo expõe garotas a violência</b>
02/08/98	Cotid. 3-4		<b>Desaparecida tinha feito book de fotos</b>
02/08/98	Rv. Fl. 1		<b>ATRAÍDAS PELO DESEJO</b> <i>Sonho de ser modelo leva jovens a aceitar propostas de desconhecidos, como o caso das vítimas do maniaco do parque do Estado</i>
02/08/98	Rv. Fl. 10 a 15		<b>Busões perigosas</b> <i>Caso do maniaco do parque mostra que vontade de ser modelo deixa garotas vulneráveis a assédio, roubo e até violência física</i>
04/08/98	Cotid. 3-4	<i>Assassino matou maioria das vítimas às sextas-feiras; simulação de faces do motoboy é divulgada</i>	
		<b>Polícia identifica a 4ª vítima de maniaco</b>	

05/08/98	Pr Pág. 1-1	<b>Preso no RS o suposto maniaco do parque</b>	
05/08/98	Cotid. 3-1	<i>Denúncia leva à prisão no RS do motoboy Francisco Pereira, que ficou 23 dias sumido após divulgação de retrato falado</i>	
		<b>Preso acusado de ser o maniaco do parque</b>	
05/08/98	Cotid. 3-2		<i>Ao receber a notícia da captura, vizinhos da balconista assassinada saíram à rua comemorando</i>
			<b>Mães de vítimas agradecem a Deus por prisão</b>
05/08/98	Cotid. 3-3		<b>Mãe de vítima espera justiça divina</b>
05/08/98	Cotid. 3-3		<b>A rota de fuga do motoboy</b> O acusado Como agia o maniaco As vítimas Indícios contra o motoboy O que é o parque do Estado
05/08/98	Cotid. 3-3		<i>Gaúcho manda vasculhar roupas de motoboy, que estava em sua casa, para descobrir identidade</i>
			<b>Pescador pega RG de acusado durante banho</b>
06/08/98	Cotid. 3-1	<i>Acusado de ser o maniaco do parque, que estava foragido havia 23 dias, é preso no RS e dá declarações contraditórias</i>	
		<b>'Nunca matei ninguém', diz motoboy</b>	
06/08/98	Cotid. 3-1		<b>As vítimas</b>
06/08/98	Cotid. 3-1		<b>Cronologia</b> Anteontem Ontem
06/08/98	Cotid. 3-2		<i>Para gaúcho, acusado "parecia uma pessoa boa"</i>
			<b>Pescador pensou em não denunciar o motoboy</b>
06/08/98	Cotid. 3-2		<b>Duzentas pessoas vão à porta de delegacia</b>
06/08/98	Cotid. 3-3	<i>Motoboy afirma que devolveu ex-namorada "inteira ao pai</i>	
		<b>"Já tive centenas, milhares de mulheres", diz acusado</b>	
06/08/98	Cotid. 3-4		<i>Em visita ao filho preso, mãe do motoboy tem crise de choro; pai espera justiça, 'seja ela boa ou cruel'</i>
			<b>'Só creio na culpa de meu filho se ouvir dele'</b>
06/08/98	Cotid. 3-4	<b>Vítima do maniaco é enterrada em SP</b> <i>Familiares dizem que Patricia gostava de posar para fotos e fazia amizades com facilidade</i>	
06/08/98	Cotid. 3-4		<i>'Só fico tranquila quando ele confessar tudo', diz mãe; pai de outra vítima diz que Francisco é 'besta humana'</i>
			<b>Entrevista deixa mãe de vítima revoltada</b>
06/08/98	Cotid. 3-5	<i>Um policial acompanhou Pereira no avião, desde Itaqui, para que ele não tentasse o suicídio</i>	

06/08/98	Cotid. 3-6	<b>Transferência para SP mobiliza 100 policiais</b>	<i>Assumiram o caso profissionais que cuidaram de casos como o da Escola Base e o do bar Bodega</i> <b>Advogados disputam defesa de acusado</b>
07/08/98	Cotid. 3-1	<i>Perícia não consegue saber de quem é o esperma achado no corpo de vítima no parque do Estado; resultado era principal pista para determinar autor de crimes</i> <b>Fracassa identificação por teste de DNA</b>	
07/08/98	Cotid. 3-1	<b>Motoboy voltou sem abordagem da PF</b>	
07/08/98	Cotid. 3-1	<i>Vítimas foram espontaneamente ao DHPP e afirmaram que Pereira é o homem que as atacou</i> <b>Suposta vítima relata agressão no parque</b>	
07/08/98	Cotid. 3-2		<i>"Ratinho Livre" com encontro entre motoboy e os pais bate recorde de audiência da rede Record</i> <b>"Só acredito se ouvir da boca dele", diz mãe</b>
07/08/98	Cotid. 3-4	<b>Para defesa, indícios não são conclusivos</b> <b>Advogada alegará problema mental se surgir prova</b>	
07/08/98	Cotid. 3-5		<b>Cronologia</b> <b>Os crimes no parque do Estado</b> Os indícios que a polícia tem O que dizem o suspeito, a defesa e outros advogados Como a polícia chegou ao motoboy O acusado Entenda o caso As vítimas Rota de fuga (segundo o motoboy) Próximos passos
07/08/98	Cotid. 3-5	<i>Para advogada Maria Elisa Munhol, exame urológico deverá provar inocência de Francisco de Assis Pereira</i> <b>Defesa pede exame no pênis de motoboy</b>	
08/08/98	Cotid. 3-1		<i>Defensora diz que isso não significa que seja culpado, embora tenha cogitado essa defesa se houvesse confissão</i> <b>'Motoboy é doente', diz sua advogada</b>
08/08/98	Cotid. 3-1	<b>Exumação foi pedida há 15 dias</b>	
08/08/98	Cotid. 3-1		<b>IML pede recursos e secretário, seriedade</b>
08/08/98	Cotid. 3-3	<b>PM acha indício de possível vítima</b>	
08/08/98	Cotid. 3-3	<i>Inquérito sobre morte de balconista é enviado à Justiça; acusado negou crimes ao ser interrogado</i> <b>Polícia pede prisão preventiva de acusado</b>	
08/08/98	Cotid. 3-3	<b>Polícia vai ao litoral investigar</b>	
08/08/98	Cotid. 3-3		<b>Indícios contra o motoboy</b> - O que a polícia tem contra o acusado - O que dizem o suspeito, a defesa e outros advogados
08/08/98	Cotid. 3-3	<i>Segundo dono de empresa, acusado foi visto por vizinha queimando papéis e dando descarga várias vezes</i> <b>Só Pereira pode ter jogado RG, diz patrão</b>	
08/08/98	Cotid. 3-3		<b>Nunca houve namoro, diz pai de Isadora</b>

08/08/98	Cotid. 3-5	<i>Erro que inviabilizou teste de DNA opõe diretor do IML e secretário-adjunto da Segurança Pública</i>	<b>Para comerciante, Pereira inventou álibi</b>
08/08/98	Ilust. 4-13	<b>Fracasso de teste gera crise na segurança</b>	
08/08/98	Ilust. 4-13		<b>Motoboy, drogas, Travolta, estagiárias, Maluf</b>
09/08/98	Brasil 1-11	<b>'Meu cliente é culpado', diz advogada</b>	
09/08/98	Brasil 1-13	<i>Em depoimento oficial à polícia, Francisco de Assis Pereira disse ser movido por "um lado negro"</i>	
09/08/98	Cotid. 3-1	<b>Motoboy é indiciado por morte de 9 mulheres</b>	<i>Pesquisas revelam que agressor é considerado normal e não tem nível socioeconômico definido</i>
09/08/98	Cotid. 3-1		<b>Estuprador em série não tem classe social</b>
09/08/98	Cotid. 3-3	<b>Mulher disse ter Aids para evitar estupro</b>	
09/08/98	Cotid. 3-4		<b>Perita diz que adora profissão e trabalha onde sempre sonhou</b> <i>Fato de ser mulher ajuda a conquistar a confiança dos suspeitos</i>
09/08/98	Cotid. 3-4		<b>"Todos eles são iguais, só muda a cara"</b>
09/08/98	Cotid. 3-4		<i>Psiquiatras afirmam que estuprador não se sente doente e vive entre o normal e o patológico</i>
09/08/98	Ombud 1-6		<b>Identificar maniaco pode ser impossível</b>
09/08/98	Ombud 1-6		<b>Caçadores de maniacos</b>
10/08/98	Cotid. 4-1	<i>Polícia vai mostrar a Francisco Pereira um álbum com fotos de mulheres desaparecidas</i>	
10/08/98	Cotid. 4-1	<b>Motoboy não sabe quem são 4 vítimas</b>	
10/08/98	Cotid. 4-1	<b>Polícia tenta achar identidade de Pitucha</b>	
10/08/98	Cotid. 4-2		<i>Guardas relatam casos de assassinatos, estupros e fantasmas</i>
10/08/98	Cotid. 4-2		<b>Violência real se mistura a lendas e histórias de bruxas</b>
10/08/98	Cotid. 4-3	<b>Polícia investiga quem é a garota de 15 anos</b>	
10/08/98	Cotid. 4-3		<b>Familiares podem ajudar</b>
10/08/98	Cotid. 4-3	<i>Advogada deve pedir exame de sanidade mental de Pereira, que teve a prisão preventiva decretada anteontem</i>	
10/08/98	Cotid. 4-3	<b>Promotor denuncia motoboy hoje em SP</b>	
11/08/98	Cotid. 3-1	<i>Acusado identifica mais uma mulher por fotos, mas diz que não foi localizada amiga que seria 1ª vítima</i>	
11/08/98	Cotid. 3-1	<b>Motoboy diz que ainda falta 10º corpo</b>	
11/08/98	Cotid. 3-2		<i>Centro de Observação Criminológica tem celas individuais e denúncias de violência policial</i>
11/08/98	Cotid. 3-2		<b>Transferência colocará motoboy em risco</b>
11/08/98	Cotid. 3-2	<i>Francisco de Assis Pereira deve ir ao parque com a polícia, que irá atrás do 10º corpo</i>	
11/08/98	Cotid. 3-2	<b>Polícia teme linchamento de motoboy na mata</b>	
11/08/98	Cotid. 3-3	<b>Falta de provas fez Pereira ser liberado</b>	
11/08/98	Cotid. 3-3		<i>Advogada terá 15 dias para apresentar defesa; pena por quebra de sigilo é suspensão</i>

			<i>de atividade ou censura</i>
			<b>OAB investiga vazamento de confissão</b>
11/08/98	Cotid. 3-3	<i>Motoboy será processado, por enquanto, por quatro crimes; condenação de réu pode superar 310 anos</i>	
		<b>Novo promotor vai unificar inquéritos</b>	
11/08/98	Cotid. 3-4		<i>Afirmção, segundo a polícia, foi feita durante confissão de dez crimes; preso aponta identidade de vítima</i>
			<b>Motoboy diz que voltará a matar se for solto</b>
11/08/98	Cotid. 3-4		<b>Mãe espera que preso tenha se enganado</b>
11/08/98	Cotid. 3-5		<i>Para psiquiatra, motoboy tem transtorno de personalidade; se diagnóstico for comprovado, ele deve ir a júri</i>
			<b>Pereira deve ser considerado semi-imputável</b>
11/08/98	P.L. 1-3		<b>Pena Capital</b> "O caso do maniaco do parque estremeceu toda a população brasileira, por mais que não seja um fato inédito." (SP) " Com a confissão fria e cínica do acusado de ser o maniaco do parque, será possível existirem and..." (Igp)
12/08/98	Cotid. 3-1		<i>Motoboy aumenta apreensão de familiares de garotas sumidas ao dizer que 'perdeu a conta' das mulheres que matou</i>
			<b>Maniaco eleva 67% busca de desaparecido</b>
12/08/98	Cotid. 3-1		<b>Cronologia</b> 4 de julho: Os corpos de duas mulheres são encontrados na mata do parque do Estado 6 de julho: Mais dois corpos de mulheres são encontrados no parque. A polícia suspeita que elas sejam vítimas de um maniaco sexual. Raquel Mota Rodrigues foi encontrada morta em 16 de janeiro...
12/08/98	Cotid. 3-1		<b>Perfil</b> - Raquel Mota Rodrigues . Idade: 23 . Profissão: ....
12/08/98	Cotid. 3-1		<b>Pai de suposta vítima não reconhece roupas no DHPP</b>
12/08/98	Cotid. 3-1	<i>As fotos foram mostradas para que ele apontasse quem seriam duas das mulheres não identificadas</i>	
		<b>Motoboy não reconhece fotos de jovens</b>	
12/08/98	Cotid. 3-3		<i>Mulheres respondem por 38% das ocorrências registradas</i>
			<b>Maioria não desaparece, mas foge e depois, volta</b>
12/08/98	Cotid. 3-3		<b>DHPP é atração no almoço de office boys</b>
12/08/98	Cotid. 3-3		<b>Pitucha era simpática e bonita, diz patinador</b>
12/08/98	Cotid. 3-3		<b>Filha reaparece depois de 1 mês</b>
12/08/98	Cotid. 3-3		<b>Garota tem o perfil de vítimas</b>
12/08/98	Cotid. 3-4		<i>Francisco de Assis teria de ficar o dia inteiro dentro da cela para não sofrer retaliações de presos</i>
			<b>Maniaco ficará de 'quarentena' no COC</b>

12/08/98	Cotid. 3-4	Promotor quer júri popular	
12/08/98	Cotid. 3-4		Diadema faz ato "pró-muro"
12/08/98	Cotid. 3-5	Primeiro júri de motoboy pode ocorrer até dezembro	
13/08/98	Cotid. 3-1	Em interrogatório obtido pela <i>Folha</i> , ele diz que nenhuma garota que levou ao parque sobreviveu  Motoboy é reconhecido por 4 mulheres	
13/08/98	Cotid. 3-2	Motoboy confessa ter matado rápido vendedora e é indiciado	
13/08/98	Cotid. 3-3	Interrogatório mostra que réu afirmou ter fugido para não matar  Acusado diz que queria ser descoberto já em fevereiro	
13/08/98	Cotid. 3-3		Trechos Sobre Selma Queiroz - "Chegando a casa do interrogando (Pereira), a conversa agradável (com Selma) progrediu, e quase trocaram beijos, porém
13/08/98	Cotid. 3-3		Policia apura quem esteve no depoimento
13/08/98	Cotid. 3-3		Juiz e promotor podem unificar inquéritos para julgar motoboy em 98  'Acordo' pode garantir júri
13/08/98	Cotid. 3-4	Data de varredura no parque é mantida em sigilo	
13/08/98	Cotid. 3-4	Rosa deve ser a 5ª vítima identificada	
13/08/98	Cotid. 3-4	Corpo da vítima foi queimado e legistas dizem que terão dificuldade para fazer reconhecimento  Identificação de Isadora será a mais difícil	
13/08/98	Cotid. 3-5	Promotor afirma que vai denunciar réu em outros assassinatos  Motoboy pode ter até 3 júris	
14/08/98	Cotid. 3-3	IML identifica quinta vítima do maniaco	
14/08/98	Cotid. 3-3	Policia diz que motivo da remoção é segurança; Pereira não terá contato com outros presos  Motoboy será transferido para Taubaté	
15/08/98	Cotid. 3-6	Policia diz que vai 'esquecer' varredura	
15/08/98	Cotid. 3-6		Operadora de caixa afirma perdoar o seu agressor
15/08/98	P.L. 1-3		Condenação falsa "Segundo as manchetes, a condenação do maniaco do parque pode ultrapassar 310 anos. Mas de que adianta alguém ser condenado pela Justiça a tanto tempo de prisão se essa mesma Justiça não permite que uma pessoa permaneça encarcerada por mais de 30 anos?"
16/08/98	TV FOLHA		"A Globo exibiu um especial sobre os 12 anos de Xuxa na emissora, um programa para as crianças, e interrompeu a atração para mostrar os plantões jornalísticos sobre o maniaco do parque do Estado. Mostra, em detalhes, que o homem matou, estuprou e indicou o lugar onde escondeu o corpo de mais uma vítima.
16/08/98	Cotid. 3-3		Profissionais caçam maniacos nos EUA  Legenda Foto: Trabalhando agora como

			consultor, o agente aposentado do FBI Gregg McCrary (acima) ainda liga para seus ex-colegas para comentar sobre 'o caso do momento'; a psicóloga canadense Candice Skrapec (ao lado) ajuda a investigar 'serial killers'
17/08/98	Cotid. 4-3	<i>Pereira não deve receber visitas em período de "estágio" em Taubaté e já realiza alguns exames</i>  <b>Motoboy deve ficar 30 dias sem visitas</b>	
18/08/98	Cotid. 3-6	<i>Segundo o diretor da Casa de Custódia, preso já começou a ser examinado</i>  <b>Diretor de prisão libera visita a motoboy</b>	
19/08/98	Cotid. 3-4	<i>Réu será ouvido no processo relativo à morte de Selma Queiroz; cerca de cem PMs farão segurança</i>  <b>Juiz isola tribunal para interrogar motoboy</b>	
20/08/98	Cotid. 3-6	<i>No primeiro interrogatório à Justiça, Pereira diz que 'lado negro' surgiu quando ainda era garoto</i>  <b>Motoboy levou 1ª mulher ao parque em 94</b>	
20/08/98	Cotid. 3-6	<i>Francisco de Assis Pereira disse ter levado uma ex-namorada para o parque em 94 e que ela escapou da morte</i>  <b>Motoboy se contradiz em interrogatório</b>	
20/08/98	Cotid. 3-6	<b>Acusado será indiciado por violentar nove</b>	
20/08/98	Cotid. 3-7	<i>Juiz afirma que deve separar todos os processos contra o motoboy</i>  <b>Réu deve ter mais de 9 júris</b>	
21/08/98	Cotid. 3-5	<b>Motoboy agia armado com revólver, diz polícia</b>	
25/08/98	Cotid. 3-12	<b>Polícia procura desconhecido que foi visto com vítima do maniaco</b>	
26/08/98	Cotid. 3-8	<i>Laudo confirma que ossada encontrada em local indicado por Pereira é da estudante Isadora Fraenkel</i>  <b>IML identifica sexta vítima do motoboy</b>	
29/08/98	Cotid. 3-9	<i>Réu diz ter levado duas mulheres à mata sem tê-las matado; psiquiatras mantêm sigilo sobre exame</i>  <b>Motoboy revela nova vítima, que sobreviveu</b>	
30/08/98	Caderno Eleições Especial-2		<b>Maniaco do parque motiva candidato</b>
03/09/98	Cotid. 3-12	<b>Laudo se contradiz e sugere morte natural para vítima do maniaco</b>	
05/09/98	Cotid. 3-5	<b>Motoboy revela nome de nova vítima</b>	
05/09/98	Cotid. 3-8	<i>11ª vítima fatal seria uma babá abordada em dezembro de 97</i>  <b>Motoboy assume outra morte e aparece nova sobrevivente</b>	
08/09/98	Cotid. 3-7		<i>Francisco Pereira agia igual aos criminosos sexuais comuns</i>  <b>Maniaco do parque não é 'gênio do crime', diz tese da PUC-Campinas</b>
13/09/98	P.L. 1-3		<b>Sociologia</b> <i>"No artigo de 20/8, 'A confissão do predador', Otavio Frias Filho alude a uma 'falência da</i>

			sociologia'. A primeira vez que li qualquer coisa sobre isso foi em uma revista chamada 'República', numa matéria confusa e mal escrita. De lá para cá, julguei que tivesse sido uma avaliação unilateral e isolada, até que li o artigo de 20/8.
17/09/98	Cotid. 3-4	<b>Motoboy vê foto de babá e não reconhece</b>	
19/09/98	Cotid. 3-1	<b>Junta que examina motoboy deve mudar</b>	
23/09/98	P.L. 1-3		<b>Psiquiatria</b> "O sr. Otavio Frias Filho disse em artigo sobre o 'maniaco do parque', que a psiquiatria é muito primitiva (Opinião, pág. 1-2, 20/8). Embora eu seja um psiquiatra frustrado e ...
16/10/98	Cotid. 3-8	<i>Pereira diz ter admitido a morte de Patrícia Marinho em inquérito policial por ter sofrido "pressões"</i> <b>Motoboy é interrogado e nega uma morte</b>	
17/10/98	Cotid. 3-3	<b>Promotora pede que peritos convoquem pais do motoboy</b>	
19/10/98	Cademo Eleições Especial-1		<b>Pepebista cita maniaco</b>
20/10/98	Cotid. 3-5	<i>Promotor detecta, nas investigações, problemas que impedem abertura de processo contra motoboy</i> <b>Mais um inquérito deve voltar à polícia</b>	
21/10/98	Cotid. 3-7	<b>Motoboy acusado de ser maniaco vira réu em processo de extorsão</b>	
24/10/98	Cotid. 3-8	<b>Juiz mantém laudo sobre saúde mental de motoboy</b>	
06/11/98	Cotid. 3-7	<b>Juiz confirma laudo que garante júri popular ao maniaco do parque</b>	
18/11/98	Cotid. 3-4	<b>Promotor denuncia motoboy de novo</b>	
24/11/98	Cotid. 3-5	<i>Acusado agora diz ter cometido mais crimes, mas não há como condená-lo em 5 dos 11 casos admitidos antes</i> <b>Só há provas contra motoboy em 6 casos</b>	
24/11/98	Cotid. 3-3		<i>Entenda as acusações contra o maniaco do parque</i> <b>O que a polícia tem contra Francisco de Assis Pereira</b> <b>Caso e Histórico</b> - Selma Ferreira de Queiroz - balconista, 18 Desapareceu em 3.jul após ...
24/11/98	Ilust. 4-4		<b>Entrevista vira show esotérico na Globo</b>
25/11/98	Cotid. 3-3	<b>Motoboy se nega a falar em audiência</b>	
26/11/98	Ilust. 5-4		<b>Comercial da Globo vê restrições em projeto</b>
28/11/98	P. L 1-3		<b>Maniaco do parque</b> "É com enorme perplexidade que eu, Angélica Fraenkel, mãe de Isadora Fraenkel, descubro que a Rede Globo, o mais poderoso meio de comunicação do país e que portanto deveria impor limites éticos às matérias que exhibe para milhões de brasileiros, apresenta uma reportagem como a que foi ao ar no 'Fantástico' do dia 22/11/98, expondo detalhes

			dos últimos momentos da vida de minha filha, com requintes de crueldade e com extremos de vulgaridade, sem ter ao menos a gentileza de informar as famílias das vítimas sobre seu conteúdo grotesco. (São Seb.)
04/12/98	Cotid. 3-5	<i>Assassino confesso de pelo menos nove mulheres, ele se considera apto a voltar ao convívio social</i>  <b>Motoboy quer que júri feminino o liberte</b>	
04/12/98	Ilust. 4-1		<i>Marluce Dias da Silva critica direção de jornalismo por edição da entrevista veiculada no "Fantástico"</i>  <b>"Maníaco do parque" divide a Globo</b>
07/12/98	Ilust. 6-10		<b>Redes fazem leilão pelo 'maníaco do parque'</b>

<b>MANCHETES DO ESTADO DE SÃO PAULO</b>			
<b>Data</b>	<b>Editoria</b>	<b>Noticias com referência direta</b>	<b>Noticias correlatas</b>
08/07/1998	Cidades	<p><b>Morte de 4 mulheres é mistério para policia</b></p> <p>Os corpos de duas foram encontrados no fim de semana e os das outras duas na noite de anteontem, em local de difícil acesso no Parque do Estado, zona sul da capital; policiais acreditam na existência de um só assassino</p>	
09/07/1998	Cidades		<p><b>Vizinhas têm medo e pedem proteção</b></p> <p><i>Segundo moradores, área tem mata fechada e não há ao menos um muro para garantir a segurança</i></p>
09/07/1998	Cidades	<p><b>Balconista é uma das vítimas do caso do parque</b></p> <p><i>Selma Ferreira Queiroz, de 18 anos, morta por estrangulamento, saiu de casa em Cotia para fazer exame médico e desapareceu; assassino ligou para o pai da moça pedindo senha de cartão e R\$ 1 mil de resgate</i></p>	
10/07/1998	Cidades	<p><b>Familia enterra balconista encontrada morta em parque</b></p> <p><i>Pai diz que sua filha era "muito esperta" e deve ter sido forçada a acompanhar o assassino</i></p>	
11/07/1998	Cidades	<p><b>Mulher que fugiu de maniaco é principal pista</b></p> <p><i>Suspeito de estrangular vítimas seminuas no Parque do Estado agia como caçador de modelos</i></p>	
12/07/1998	Cidades	<p><b>Matador do parque tem retrato falado</b></p> <p><i>Uma vendedora, que escapou do criminoso, ajudou delegado a esboçar traços do assassino</i></p>	
13/07/1998	Cidades	<p><b>Mais mulheres dão pistas de assassino</b></p> <p><i>15 testemunhas, que teriam tido contato com matador do parque, ligaram para policiais no fim de semana</i></p>	
14/07/1998	Cidades	<p><b>Mais 3 vítimas de maniaco prestam queixa</b></p> <p><i>Mulheres foram estupradas no Parque do Estado e serão ouvidas pela policia</i></p>	
14/07/1998	Cidades		<p><b>Para vizinhos, insegurança continua</b></p> <p><i>Apesar da comoção com o caso, moradores reclamam que ainda falta policiamento no parque</i></p>
15/07/1998	Cidades	<p><b>Legistas recolhem DNA de maniaco do parque</b></p> <p><i>Coleta foi feita em corpo de balconista morta dia 4; sobreviventes disseram ter sido mordidas e espancadas</i></p>	
16/07/1998	Cidades		<p><b>Mata encanta e assusta quem passa por trilha</b></p> <p><i>Cenário escolhido pelo maniaco tem plantas especiais e muitos indícios de devastação</i></p>
16/07/1998	Cidades	<p><b>Policia já tem foto de suspeito de atacar mulheres</b></p> <p><i>Três vítimas viram fotografia e reconheceram semelhanças; homem mora no ABC, mas teria viajado</i></p>	

17/07/1998	Cidades	<b>Pais tentam reconhecer garotas desaparecidas</b> <i>Ivani do Nascimento, de 22 anos, sumida há 27 dias, pode ser uma das vítimas do assassinato que ataca mulheres no Parque do Estado; investigações reforçam suspeitas de que ele agia na região de Pinheiros</i>	
18/07/1998	Cidades	<b>Polícia divulga nome do suspeito de agir no parque</b> <i>Francisco de Assis Pereira, de 31 anos, foi reconhecido por vítima, que teve crise de choro</i>	
18/07/1998	Cidades		<b>CRONOLOGIA</b> 4 de julho - A Polícia Militar recebe telefonema indicando a localização .....
19/07/1998	Cidades		<b>Pai busca namorada de maniaco há 5 meses</b> <i>Isadora Fraenkel, de 18 anos, desapareceu do apartamento, no Itaim-Bibi, em fevereiro</i>
20/07/1998	Cidades	<b>Motoboy agrediu amiga que não entrou na mata</b> <i>Polícia ouviu depoimento de mulher que diz ter apanhado do suspeito de ser o maniaco do Parque do Estado</i>	
21/07/1998	Cidades	<b>Suspeito de crimes no parque deve apresentar-se</b> <i>Garantia é de advogado contratado pela família do motoboy Francisco de Assis Pereira, apontado pela polícia como possível maniaco que matou seis mulheres; parentes acreditam que ele é inocente</i>	
22/07/1998	Cidades	<b>Pedida ajuda a Interpol para prender motoboy</b> <i>Divisão de Homicídios investiga a informação de que o acusado teria sido visto, na semana passada, entrando em um hotel da cidade de Pedro Juan Caballero, no Paraguai; Polícia Federal vigiará as fronteiras do País</i>	
22/07/1998	Cidades		<b>"Todo homem que vejo é suspeito", diz funcionária</b> <i>Trabalhadores afirmam que aumento de policiamento não melhorou segurança no local</i>
22/07/1998	Cidades	<b>Polícia encontra mais roupas no Parque do Estado</b> <i>Em vistoria realizada ontem, DHPP achou seis novas peças; procura de corpos foi adiada</i>	
23/07/1998	Cidades	<b>Irmã de vítima reconhece voz de motoboy</b> <i>Ela disse que voz do homem que ligou pedindo resgate é a do suspeito, mostrada em gravação de vídeo</i>	
23/07/1998	Cidades		<b>Moradores querem cercar parque</b> <i>Um abaixo-assinado, pedindo mais segurança na área, será entregue ao governador</i>
24/07/1998	Cidades	<b>Policiais buscam motoboy em São José do Rio Preto</b> <i>Equipe da Divisão de Homicídios foi à cidade do interior depois de receber denúncia anônima</i>	
25/07/1998	Cidades	<b>RG de vítima do maniaco é prova contra motoboy</b> <i>Policiais acharam documento de Selma Ferreira Queiroz, parcialmente queimado, no esgoto de um dos banheiros da empresa onde trabalhava o suspeito de matar seis mulheres no Parque do Estado</i>	

26/07/1998	Cidades	<b>Pela 1ª vez, vítima do maniaco vai ao parque</b>	
27/07/1998	Cidades	<b>Vítima reconstitui ataque do "maniaco"</b> <i>Estado' acompanha roteiro descrito pela telefonista E.L.I. de 22 anos, atacada em 1996</i>	
28/07/1998	Cidades	<b>Laudo aponta tortura em vítima do maniaco</b> <i>Selma Queiroz, cujo RG foi achado sexta-feira, morreu por asfixia; teste de DNA não será possível</i>	
28/07/1998	Cidades	<b>Suspeito foi solto após tentativa de estupro</b>	
28/07/1998	Cidades		<b>Mãe pede que motoboy se apresente à polícia</b> <i>Dona de casa afirma que só acredita na culpa do filho se ele confessar os crimes</i>
29/07/1998	Cidades	<b>Polícia acha mais 2 mulheres mortas no parque</b> <i>As vítimas devem ter sido assassinadas há 30 ou 40 dias e seus corpos foram encontrados a 100 metros da casa onde morou o motoboy suspeito dos crimes; de janeiro até agora, os policiais localizaram 8 cadáveres no mesmo local</i>	
29/07/1998	Cidades	<b>16 moças podem ter sido atacadas por motoboy</b> <i>Oito podem ser as achadas no parque e as demais, vítimas de violência, reconheceram Francisco de Assis Pereira como o homem que as convidou para tirar fotografias; cartazes com fotos do suspeito estão em parques do Rio</i>	
29/07/1998	Cidades		<b>Mulher deve desconfiar de 'golpe da modelo'</b> <i>Oferta de trabalho atraiu vítimas ao parque; namorados oportunistas também representam perigo</i>
30/07/1998	Cidades	<b>Peritos obtêm digitais de morta no parque</b> <i>Eles conseguiram retirar fragmento de um dos corpos encontrados anteontem</i>	
31/07/1998	Cidades	<b>Perito acha sêmen em corpo de vítima do maniaco</b>	
31/07/1998	Cidades	<b>Mãe reconhece bijuterias de vítima do maniaco</b> <i>Dona de casa aponta anéis e brincos como pertencentes à filha desaparecida desde abril</i>	
01/08/1998	Cidades	<b>Polícia identifica mais uma vítima de maniaco</b> <i>Digitais tiradas de corpo são de Elisângela Francisco da Silva, que desapareceu do Shopping Eldorado</i>	
02/08/1998	Cidades	<b>Polícia tenta traçar perfil psicológico de motoboy</b> <i>Personalidade do acusado de ser o maniaco do parque é avaliada por policiais e psiquiatra forense</i>	
03/08/1998	Cidades		<b>Polícia recebe 200 telefonemas sobre motoboy</b> <i>Ontem uma pessoa denunciou que o acusado de ser o maniaco do parque estaria em Curitiba</i>
03/08/1998	Cidades		<b>"Às vezes eu acho que ela vai entrar por aquela porta"</b> <i>Prima de moça assassinada por maniaco não se conforma com violência</i>
04/08/1998	Cidades	<b>Motoboy e suspeito de tráfico de crack</b> <i>Segundo a polícia, Pereira usava moto da empresa para fazer entregas; mais uma vítima foi identificada</i>	
04/08/1998	Cidades		<b>Angústia domina os dias de famílias de</b>

			desaparecidos <i>Visitas a IML e espera por notícias viram rotina na vida de pessoas que procuram parentes</i>
05/08/1998	Cidades	Preso no Sul suspeito de ser o maniaco do parque	
05/08/1998	Cidades	Peritos identificam possível 9ª vítima do maniaco	
05/08/1998	Cidades		<b>CRONOLOGIA</b>  4 de julho - A PM recebe telefonema indicando a localização de dois corpos de mulheres ...
05/08/1998	Cidades	Policia vai pedir prisão preventiva do motoboy <i>Policiais que investigam os assassinatos no Parque do Estado dizem já ter provas para acusá-lo</i>	
06/08/1998	Cidades	Motoboy diz a delegado que tem "lado ruim" <i>Na viagem de Uruguaiana a São Paulo ele fez confidências a policial; em entrevista negou os crimes</i>	
06/08/1998	Cidades	<b>NOTAS</b> O procurador-geral da Justiça, Luiz Antônio Marrey, designou ontem o promotor ...	
06/08/1998	Cidades	"Sou inocente", diz Pereira em entrevista <i>Suspeito de ser o maniaco afirma que se teria entregado se soubesse que era procurado</i>	
06/08/1998	Cidades	Policia pretende levar motoboy ao parque <i>Roteiro incluirá trilhas na mata usadas pelo assassino, onde foram encontrados os oito corpos</i>	
06/08/1998	Cidades	Pescador-detetive' levou policia até acusado <i>João Carlos Vilaverde desconfiou de rapaz, mas ficou quieto até conseguir verificar RG do fugitivo</i>	
06/08/1998	Cidades		Para irmão, rapaz deve ser punido se houver provas
06/08/1998	Cidades	Motoboy afirma que apanhou da policia em Itaqui <i>Advogado pediu exame de corpo de delito, que confirmou lesões no rosto, nas pernas e nas costas</i>	
06/08/1998	Cidades	É proibido traçar o meu perfil psicológico!	
06/08/1998	Cidades	Exame de DNA poderá estar pronto em 10 dias <i>Previsão é de chefe de Centro de Investigação de Crimes Sexuais; coleta ainda não foi feita</i>	
06/08/1998	Cidades		Mãe e irmãos de vítima querem vingança <i>Família de Raquel Motta Rodrigues espera que maniaco "passe o resto da vida na cadeia"</i>
06/08/1998	Cidades		Prisão não encerra drama de famílias' <i>Em carta, pai de Isadora Fraenkel nega que sua filha tenha namorado motoboy e pede apuração</i>
06/08/1998	Cidades		Pereira é normal, dizem amigos <i>Conhecidos definem motoboy como simpático e aventureiro, mas apontam traços agressivos</i>
07/08/1998	Cidades	Motoboy é indiciado por morte de balconista <i>Ele é acusado de homicídio e atentado ao pudor e pode ser condenado a até 38 anos de prisão</i>	
07/08/1998	Cidades		Motoboy é calmo e convincente, diz delegado <i>Ele ficou impressionado com comportamento de Francisco Pereira, que "raciocina para falar"</i>
07/08/1998	Cidades	Vítima reconhece Pereira na tevê e passa mal <i>Operadora de caixa decidiu procurar a policia pela segunda vez para identificar acusado</i>	

07/08/1998	Cidades	"É ele", diz perito que fez retrato <i>Segundo especialista, desenho corresponde ao rosto do criminoso em 80% dos casos</i>	
07/08/1998	Cidades	Defesa quer exames paralelos para contestar investigadores <i>Advogados do acusado prometem derrubar todas as provas apresentadas pela polícia</i>	
07/08/1998	Cidades		"Meu menino é inocente", diz mãe do acusado <i>Maria Helena esteve com o motoboy anteontem à noite e pediu que contasse a ela a verdade</i>
07/08/1998	Cidades	Ex-patrões contestam as declarações de motoboy <i>Proprietários da J.R. Moto Express garantiram que só funcionários e sócios usam o banheiro</i>	
07/08/1998	Cidades		Vizinhos de parque temem novos ataques de criminosos <i>Morador da região acredita que Pereira pode não ser o responsável por todas as mortes</i>
07/08/1998	Cidades		'Estrangulador', condenado em 73, agia como o maniaco <i>Assassino em série, que seduziu e matou 11 mulheres, deve ser solto daqui a cinco anos</i>
08/08/1998	Cidades	Defesa já duvida da sanidade de motoboy	
08/08/1998	Cidades	Policia encontra cartão e roupas no parque <i>Mais objetos femininos são achados em nova busca realizada na mata ontem a tarde</i>	
08/08/1998	Cidades		Para pai, moça desaparecida foi assassinada <i>Claudio Fraenkel acredita que Isadora foi morta em 10 de fevereiro, dia em que foi vista pela última vez com um homem de cabelos castanhos e compridos, e espera que motoboy dê informações sobre localização da garota</i>
08/08/1998	Cidades		Superexposição pode fazer povo 'condenar' motoboy <i>Segundo especialistas, mídia tem poder de influenciar opinião pública e prejudicar suspeito</i>
08/08/1998	Cidades	Comparação de arcada não é prova, diz legista <i>Para diretor do IML, confrontação de mordidas nos corpos das vítimas dificilmente poderá ser usada contra motoboy, pois marcas normalmente não correspondem à forma dos dentes do agressor</i>	
08/08/1998	Cidades	Esperma tirado de corpo não servirá para identificar DNA <i>Médico criticou qualidade da amostra enviada pelo IML, que alega ter estrutura deficiente</i>	
09/08/1998	Cidades	Maniaco confessa assassinato de 9 mulheres <i>Francisco de Assis Pereira afirmou que sua última vítima foi Selma Ferreira Queiroz, de 18 anos; ela foi morta perto do corpo de uma garota, de 15 anos, que morreu estrangulada</i>	
09/08/1998	Cidades		Frases do maniaco <i>"Resolvi confessar para ficar aliviado deste problema" .....</i>
09/08/1998	Cidades		Mãe do motoboy pede perdão <i>Maria Helena e marido estavam incorformados com os crimes bárbaros confessados pelo filho</i>

09/08/1998	Cidades	<b>Defesa do motoboy vai alegar insanidade mental</b>	
09/08/1998	Cidades	<b>Polícia acredita que possa haver mais de 9 vítimas</b> <i>Maniaco deverá responder a inquérito sobre outras oito mulheres desaparecidas desde 97</i>	
09/08/1998	Cidades		<b>Caçada ao maniaco começou há um mês</b> <i>A cada dia, novas descobertas sobre serial killer revelavam, como uma novela, lances surpreendentes</i>
09/08/1998	Cidades		<b>Perfil é de assassino frio e exibicionista</b> <i>Especialistas afirmam que as características do autor dos crimes apontam para psicopata</i>
09/08/1998	Cidades		<b>Estrangulador de Boston usava tática semelhante</b> <i>Nos anos 60, maniaco matou 13 mulheres e estuprou centenas como agenciador de modelos</i>
09/08/1998	Cidades		<b>Pai de Isadora Fraenkel fala em pena de morte</b> <i>"Existem pessoas irrecuperáveis para a sociedade", afirma Claudio Fraenkel</i>
09/08/1998	Cidades		<b>Estupros crescem 11,8% no 1º semestre</b> <i>Índice não representa realidade da capital, pois muitas vítimas temem registrar caso na polícia</i>
10/08/1998	Cidades	<b>Maniaco arrancava pedaços de vítimas mortas</b> <i>"Não sei o que é, mas me dá vontade, prazer, e eu faço", contou motoboy em depoimento oficial</i>	
10/08/1998	Cidades		<b>CRONOLOGIA</b> 4 de julho -A Polícia Militar recebe telefonema...
10/08/1998	Cidades	<b>Erros da polícia atrasaram prisão de maniaco</b> <i>Essa é a convicção de alguns parentes de moças mortas; secretário disse que foi feito o possível</i>	
10/08/1998	Cidades		<b>Para psiquiatra, motoboy tem lesão cerebral</b> <i>Autor do livro "Loucura e Crime" acha que o maniaco sempre apresentará risco para a sociedade</i>
10/08/1998	Cidades	<b>Advogada sabia que Pereira era culpado</b> <i>Maria Elisa reconheceu que seu cliente lhe havia confessado mortes na quarta-feira</i>	
10/08/1998	Cidades	<b>IML saberá em 15 dias se ossada é de Isadora</b> <i>Identificação será mais difícil porque grande parte dos ossos foi queimada pelo assassino</i>	
10/08/1998	Cidades		<b>Polícia ignora estupros, dizem especialistas</b> <i>Mesmo com o apoio de entidades de auxílio às vítimas, investigações não são levadas adiante</i>
10/08/1998	Cidades		<b>Crime é motivo para aborto legal</b>
10/08/1998	Cidades		<b>Medo domina região, ainda abandonada</b> <i>População reclama da falta de segurança e um dos dez guardas-florestais já pensa em mudar-se com a família</i>
10/08/1998	Cidades		<b>No Dia dos Pais, tristes recordações das filhas</b> <i>Antônio Queiroz supera trauma cuidando do neto; Nelson Carsoni continua com a caçula desaparecida</i>
10/08/1998	Fór. Leit.		<b>Maniaco do parque</b> <i>O que vai ser feito com a besta do parque? Pelo anacrônico Código Penal brasileiro, a sociedade vai dar-lhe comida e banho de sol ...</i>

11/08/1998	Cidades	<b>Sobe para 10 número de vítimas do maniaco</b> <i>Por meio de foto, Francisco de Assis Pereira identificou ontem Rosa Alves Neta, de 21 anos, como a garota que conheceu na pista de patinação do Ibirapuera e matou no Parque do Estado, em maio</i>	
11/08/1998	Cidades	<b>Promotor denuncia motoboy por homicídio</b> <i>Ele também terá de responder por atentado ao pudor e vilipêndio e ocultação de cadáver</i>	
11/08/1998	Cidades		<b>Confissão indica diagnóstico de psicopatia</b> <i>Especialistas afirmam que há grande probabilidade de o problema ser orgânico e de difícil tratamento</i>
11/08/1998	Cidades	<b>Justiça prevê três possíveis interpretações para crimes</b> <i>Condenação envolve caráter criminoso do ato e determinação em praticá-lo</i>	
11/08/1998	Cidades		<b>Pereira deu calote em grupo de patinadores noturnos</b> <i>Motoboy nunca integrou o Night Rollers; apanhou 7 pares de patins e pagou com cheque sem fundos</i>
11/08/1998	Cidades	<b>Especialistas apontam negligência na investigação</b> <i>Episódios como o da coleta incorreta do DNA comprovam ineficiência científica da polícia</i>	
11/08/1998	Fór. Leit.		<b>Opine, no Fórum, sobre o caso dos Crimes no parque</b> <i>Acho que a imprensa deveria dar menos destaque às declarações desse motoboy suspeito de ser o "maniaco do parque". Ele vai se transformar em celebridade.....</i>
12/08/1998	Cidades	<b>Delegado diz que agiu corretamente no caso Isadora</b> <i>Responsável pela investigação afirma que motoboy foi ouvido três vezes e indiciado por estelionato</i>	
12/08/1998	Cidades		<b>Tribunal de ética da OAB apura ação de profissionais</b> <i>Investigação atingirá ainda todos os advogados que se apresentaram para defender Pereira</i>
12/08/1998	Cidades	<b>Motoboy diz que pode ter 'perdido a conta'</b> <i>Revelação foi feita após reafirmar que matou 10 mulheres; ele será indiciado hoje por outra morte</i>	
12/08/1998	Cidades		<b>Pais de desaparecidas sofrem com incerteza</b> <i>Famílias dividem-se entre o desejo de encerrar a procura e o medo de confirmar a morte</i>
12/08/1998	Cidades	<b>Maniaco conheceu e matou Isadora no mesmo dia</b> <i>Motoboy deu ontem nova versão para a morte da jovem, desaparecida em fevereiro</i>	
12/08/1998	Cidades		<b>Curiosos vão ao Parque do Estado ver local dos crimes</b>
12/08/1998	Cidades	<b>Novo promotor afirma que Pereira é criminoso comum</b> <i>Para Edilson Bonfim, ele não é doente, tem "talento para o crime" e deve pagar por assassinatos</i>	
12/08/1998	Cidades	<b>Criminalistas criticam ação da polícia no sumiço de estudante</b>	

		<i>Para advogados, relação entre vítima e motoboy deveria ter sido mais investigada</i>	
12/08/1998	Cidades		<b>Preconceito aumentou, reclamam motoboys</b> <i>Motociclistas dizem que a profissão já era malvista e ficou pior após a divulgação dos crimes do maniaco</i>
12/08/1998	Cidades		<b>Maniaco do Parque vira espetáculo</b>
12/08/1998	Cidades		<b>Advogada vai até a OAB para 'dar uma satisfação'</b> <i>Entidade abriu processo disciplinar para apurar se profissionais quebraram sigilo</i>
12/08/1998	Cidades		<b>Caso aumenta audiência das TVs</b> <i>Emissoras disputam pontos com furos, novos quadros, parentes e reconstituições</i>
12/08/1998	Fór. Leit.		<b>Insegurança pública</b> <i>Impressionante a eficiência e a competência da polícia de São Paulo no episódio do maniaco do Parque: o rastreamento, a busca de vítimas mortas e vivas, a identidade queimada, a voz gravada...</i>
13/08/1998	Cidades	<b>Quatro moças violentadas reconhecem motoboy</b> <i>Também acusado de roubo, maniaco do parque contou como "caçou" uma das garotas assassinadas</i>	
13/08/1998	Cidades	<b>Jovem atacada diz que maniaco a dominou e chorou</b> <i>Motoboy ofereceu R\$ 300 a balconista e, ao chegar ao parque, a amarrou e roubou-lhe dinheiro</i>	
13/08/1998	Cidades		<b>Estou perplexa', diz ex-namorada de motoboy</b> <i>Cristiane Oliveira conta que maniaco era atencioso e apaixonado durante relação, que durou 7 meses</i>
13/08/1998	Cidades	<b>IML exuma corpo para análise</b> <i>Há fortes indícios de que ele seja de Michele dos Santos Martins; pai diz não ter perdido esperança</i>	
13/08/1998	Cidades		<b>Rosana está viva e trabalha no Rio</b> <i>Funcionários de padaria confirmaram que moça desaparecida é balconista; pai ficou eufórico</i>
13/08/1998	Cidades	<b>Bauru apura elo entre Pereira e mortes na região</b> <i>Polícia analisa crimes e desaparecimentos em épocas em que motoboy trabalhou na cidade</i>	
13/08/1998	Cidades		<b>Pescador gaúcho que localizou motoboy volta à rotina no rio</b> <i>Uma semana após a prisão, trabalhador que entregou Pereira diz que "não é nenhum herói"</i>
13/08/1998	Cidades		<b>Tribunal de Ética da OAB condenou 46</b> <i>Dado refere-se ao 1º semestre deste ano; dois foram excluídos da seção paulista da ordem</i>
13/08/1998	Cidades	<b>Ação de polícia no caso de Isadora será investigada</b> <i>Ministério Público apura se houve falhas na atuação, como denunciaram parentes de vítimas</i>	
13/08/1998	Fór. Leit.		<b>Maniaco</b> <i>O motoboy Francisco de Assis Pereira teve sorte por não ter sido apanhado em novembro ...</i>
14/08/1998	Cidades	<b>Maniaco conta como confessou as mortes</b> <i>Durante visita dos pais, motoboy pediu perdão por ter mentido quando disse que era inocente</i>	

14/08/1998	Cidades	<b>Motoboy vai para cadeia de segurança máxima</b> <i>Ele será transferido hoje para a Casa de Custódia de Taubaté, onde estão os presos mais perigosos de SP</i>	
14/08/1998	Cidades		<b>Irmãos de motoboy vivem "presos" em casa</b> <i>Em total reclusão, o caçula da família largou emprego e o mais velho pediu férias para evitar exposição</i>
14/08/1998	Cidades	<b>Promotor contestará laudos psiquiátricos de insanidade</b>	
14/08/1998	Cidades	<b>IML confirma identificação de mais uma vítima</b> <i>Laudo indica Rosa Neta como um dos corpos encontrados na mata, como antecipou "Estado"</i>	
14/08/1998	Cidades		<b>Rosana reencontra parentes no Rio</b> <i>Desemprego, desejo de morar sozinha e rigidez da família foram motivos alegados para fuga</i>
14/08/1998	Cidades	<b>Dúvidas persistem mesmo após confissão</b> <i>Entre os mistérios estão 2 corpos sem identificação e denúncias de 15 moças, que maniaco nega</i>	
14/08/1998	Política		<b>Discurso liga desemprego ao caso do motoboy</b> <i>Em comício no Sul, Lula afirma que moças caíram na conversa do maniaco por falta de trabalho</i>
15/08/1998	Cidades	<b>Multidão tenta agredir motoboy na transferência</b> <i>"Tem de morrer" foi uma das frases ditas tanto na saída de São Paulo quanto na chegada ao presídio de Taubaté do assassino confesso de nove mulheres, Francisco de Assis Pereira; sapato e guarda-chuva foram atirados</i>	
15/08/1998	Cidades	<b>Maniaco ficará no 'Piranhão'</b> <i>Lá estão os bandidos mais perigosos; não haverá contato com detentos nem no banho de sol</i>	
15/08/1998	Cidades	<b>Criminoso será indiciado ainda em 7 homicídios</b> <i>Policiais até agora não têm pistas definitivas sobre "Pituxa", outra suposta vítima</i>	
15/08/1998	Cidades	<b>Pereira conta como abordou Patricia em galeria do centro</b> <i>Ele disse que se lembrou da jovem porque ela vestia minissaia, calçava botas e usava boné preto</i>	
15/08/1998	Cidades	<b>Equipes acham mais peças no parque</b> <i>Policiais encontraram mala cheia de objetos pessoais e roupas de mulher em trilha</i>	
16/08/1998	Cidades	<b>Caso do maniaco expõe despreparo da polícia</b> <i>Erros mostraram atrasos da apuração técnico-científica; solução de crimes ainda depende da confissão</i>	
16/08/1998	Cidades	<b>Informação errada põe laudos do IML em xeque</b> <i>Vítima encontrada assassinada por maniaco teve como causa provável "morte natural"</i>	
16/08/1998	Cidades		<b>Má formação de policiais provoca erros primários em investigações</b> <i>Falta de profissionais especializados leva a falhas que invalidam cenas de crimes</i>

16/08/1998	Cidades		<b>Motoboy esta em presídio dos maiores monstros'</b> <i>Casa de Custódia, de Taubaté, reúne criminosos de histórias comparáveis às de filmes de terror</i>
16/08/1998	Cidades	<b>Pereira faz avaliação psiquiátrica</b> <i>Laudo de sanidade mental só deverá ser concluído após série de entrevistas com psiquiatras</i>	
16/08/1998	Cidades		<b>Bandido da Luz Vermelha' e Hosmany ficaram no anexo</b> <i>'Chico Picadinho' ainda está na ala psiquiátrica; prisão foi mantida para proteção da sociedade</i>
16/08/1998	Cidades		<b>Dia de detentos começa às 5h30 e inclui 4 refeições</b> <i>Criminosos alimentam-se nas celas e só deixam seus limites uma hora por dia; tratamento inclui trabalho</i>
17/08/1998	Cidades	<b>Motoboy passa domingo sem visita</b>	
17/08/1998	Cidades		<b>Advogada elogia eficiência policial em investigação</b> <i>Caso da pintora que foi torturada e assassinada no Morumbi foi resolvido em 26 dias</i>
17/08/1998	Cidades		<b>DHPP só esclarece metade dos homicídios</b> <i>Polícia aponta falta de testemunhas como o principal fator para não resolver um assassinato</i>
17/08/1998	Cidades		<b>Nova York segue 'as mais remotas pistas'</b> <i>Considerada a polícia mais bem equipada do mundo, ela tem tido bons resultados</i>
17/08/1998	Fór. Leit.		<b>Hipocrisia</b> <i>Parece que a condenação do maniaco do parque são "favas contadas": assassinado, "suicidado" ou, pelo menos, 30 anos engaiolado.....</i>
17/08/1998	Esp. Abe		<b>O maniaco e a síndrome de Cinderela</b> <b>CARLOSALBERTODI FRANCO</b>
18/08/1998	Cidades	<b>Inquérito da morte de balconista termina na 5ª</b> <i>Delegado Sérgio Alves, do DHPP, já fez um histórico detalhado do assassinato de Raquel Mota Rodrigues pelo maniaco, desde a abordagem do motoboy, no metrô, até o estrangulamento na mata</i>	
18/08/1998	Cidades	<b>Pereira faz exames na prisão</b>	
18/08/1998	Not. Inf.		<b>Investigação improvisada</b> <i>Os recursos técnicos e científicos de que dispõem os peritos da Polícia Civil...</i>
19/08/1998	Cidades		<b>200 pessoas vão ver interrogatório de motoboy</b> <i>Ele será ouvido por juiz no processo em que ele é acusado pela morte de Selma Ferreira de Queiroz</i>
19/08/1998	Cidades	<b>Delegado vai indiciar Pereira pela 3ª morte</b>	
19/08/1998	Cidades	<b>Esquema garante segurança na saída do presídio</b> <i>Apenas a advogada Maria Elisa Munhol conversou com o motoboy, na presença de diretor</i>	
20/08/1998	Cidades	<b>Laudo de sanidade de motoboy sai em 30 dias</b> <i>Francisco de Assis Perreira foi interrogado por juiz e contou como matou balconista</i>	
20/08/1998	Cidades		<b>FRASES</b> <i>"Eu sempre falava para elas da fantasia do acampamento .....</i>

20/08/1998	Cidades		<b>Mãe de Selma revive dor ao ver interrogatório</b> <i>Ela e o pai da última jovem assassinada tiveram de se conter ao ouvir Pereira</i>
20/08/1998	Cidades	<b>Para plateia, "assassino frio e calculista"</b>	
20/08/1998	Cidades		<b>Movimento na frente do tribunal começou cedo</b> <i>Muita gente concentrou-se nas calçadas para discutir castigo mais adequado</i>
20/08/1998	Cidades	<b>Para promotor, Pereira é ladrão e mentiroso</b> <i>Edilson Bonfim afirmou estar convencido que motoboy não tem problemas mentais</i>	
20/08/1998	Cidades	<b>Maniaco pode ter matado 3 jovens em outra área</b>	
20/08/1998	Cidades	<b>Teste mental vai definir desfecho do processo</b>	
20/08/1998	Cidades	<b>Resultado determina se Pereira vai a júri</b> <i>Psiquiatras vão examinar acusado por 30 dias para saber se ele é inimputável</i>	
20/08/1998	Cidades		<b>Desequilíbrio mental divide opiniões</b> <i>Psiquiatras discutem o que significa doença mental ou desvio de comportamento</i>
20/08/1998	Cidades		<b>Psicólogo diz que caso de 16 personalidades foi inventado</b> <i>Sybil, cuja história virou livro e filme, pode ter sido induzida por sua psiquiatra</i>
21/08/1998	Cidades	<b>Maniaco é indiciado pela 3.ª morte</b>	
21/08/1998	Cidades	<b>'Ela ficou apavorada e isto me deu prazer'</b>	
22/08/1998	Cidades	<b>Motoboy é indiciado por 9 mortes no parque</b>	
23/08/1998	Cidades		<b>Tribunal da OAB investiga desvios de conduta</b> <i>Tramitam em São Paulo 8 mil processos, entre eles um sobre a defensora da maniaco do parque</i>
24/08/1998	Cidades	<b>Psiquiatras começam a fazer laudo de maniaco</b> <i>Equipe designada pelo juiz do 1º Tribunal do Júri vai entrevistar motoboy em Taubaté</i>	
25/08/1998	Cidades		<b>Preso acusado de violentar 11 mulheres</b> <i>Pedro Ralfe de Lima fugiu há mais de um mês de penitenciária; 3 vítimas já o reconheceram</i>
26/08/1998	Cidades	<b>Ossada achada em parque é mesmo de Isadora</b> <i>Instituto Médico-Legal confirma que a jovem foi mais uma vítima do maniaco do Parque do Estado; dos nove corpos encontrados, seis estão identificados</i>	
26/08/1998	Cidades		<b>Pai quer que atuação da polícia seja apurada</b> <i>Para Cláudio Fraenkel, se investigação tivesse sido melhor, maniaco não teria matado 7 mulheres</i>
26/08/1998	Cidades	<b>Motoboy indicou local onde tinha enterrado ossada</b> <i>Dois corpos localizados no parque ainda continuam sem identificação</i>	
29/08/1998	Cidades	<b>Concluída primeira fase de laudo de motoboy</b>	
03/09/1998	Cidades	<b>Peritos identificam Michele como 7.ª vítima do maniaco</b> <i>Foi utilizada a comparação da arcada dentária para o reconhecimento do corpo</i>	

04/09/1998	Cidades	<b>Promotor apura envolvimento de maniaco com tráfico no Sul</b> <i>Ele também acredita que o motoboy possa ter cometido um assassinato em uma de suas viagens</i>	
10/09/1998	Cidades	<b>Polícia tenta identificar vítima de motoboy</b> <i>Moça que desapareceu em janeiro pode ter sido morta pelo maniaco do parque</i>	
11/09/1998	Cidades	<b>Laudo do motoboy tem parte pronta</b> <i>Psiquiatras já concluíram fase de entrevistas, mas juiz pode estender prazo</i>	
16/09/1998	Cidades	<b>Corregedoria apura denúncia feita por motoboy</b> <i>Segundo Francisco de Assis Pereira, investigador e advogada teriam recebido dinheiro de "Veja"</i>	
17/09/1998	Cidades	<b>Motoboy indica local onde matou babá</b> <i>Com auxílio de um mapa, ele apontou o lugar, no Parque do Estado, no qual deixou o corpo</i>	
19/09/1998	Cidades	<b>Equipe de psiquiatras de maniaco será substituída</b> <i>Promotor denunciou a Justiça que médica ligada aos advogados de defesa estava no grupo</i>	
22/09/1998	Cidades	<b>Inquérito sobre crimes de maniaco tem 501 páginas</b> <i>Francisco de Assis Pereira é acusado de roubo, estupro e atentado violento ao pudor</i>	
23/09/1998	Cidades	<b>Juiz destitui peritos do caso do maniaco</b>	
14/10/1998	Cidades	<b>Conclusão de laudo leva motoboy a julgamento</b> <i>Exames de sanidade mental revelaram que Pereira não é doente e pode responder por seus atos</i>	
15/10/1998	Cidades	<b>Motoboy será interrogado hoje por 3 crimes</b> <i>Francisco de Assis Pereira depõe, às 10 horas, no 1º Tribunal do Júri</i>	
16/10/1998	Cidades		<b>Promotor quer manter 'irrecuperáveis' na cadeia</b> <i>Edilson Bonfim propõe lei contra a soltura de presos como Francisco de Assis Pereira após 30 anos</i>
16/10/1998	Cidades	<b>Julgamento de motoboy deve ser em fevereiro</b> <i>Caso de Selma Queiroz será o primeiro a ser julgado; data depende de recursos da defesa e acusação</i>	
16/10/1998	Cidades	<b>Maniaco nega a juiz um dos assassinatos</b> <i>Em depoimento sobre 3 crimes, motoboy confessou uma morte e disse não se lembrar da outra vítima</i>	
18/11/1998	Cidades	<b>Maniaco do parque participa de audiência</b>	
21/11/1998	Cidades	<b>Promotor apresenta 6ª denúncia contra motoboy</b>	
24/11/1998	Cidades	<b>Instaurada quinta ação penal contra o maniaco do parque</b>	
05/12/1998	Cader 2		<b>Globo pagou por entrevista com maniaco do parque</b> <i>Para ter o relato exclusivo do motoboy Francisco de Assis Pereira, exibido no 'Fantástico' do dia 22, a emissora depositou para a mãe do acusado quantia suficiente para a família comprar um carro</i>
12/12/1998	Cader 2		<b>Deslizes abalam a ética do jornalismo na TV</b> <i>Pagar por informação, como fez o 'Fantástico'</i>

			<i>reforça a necessidade de um manual de qualidade</i>
19/12/1998	Cidades	<b>Promotor conclui processo de motoboy</b>	
22/12/1998	Geral		<b>Record é proibida de entrevistar maniaco</b>
31/12/1998	Cidades		<b>Maniaco foi protagonista da violência em SP</b> <i>Criminoso ganhou atenção do País por causa de homicídios em série; só na capital, houve 51 chacinas</i>